



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

Projecto Urbano do Tournal: Presente, Passado e Futuro - Guimarães

D. Filipe Marques

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitectura

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Ana Lúcia Virtudes

Covilhã, 24 de Outubro de 2011

“A cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, escrito nas esquinas das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos postes das bandeiras, em cada segmento marcado por sua vez de arranhões, riscos, cortes e entalhes.”¹

¹ Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, Lisboa, 1997

Agradecimentos

Gostaria de começar os agradecimentos por aqueles que muito admiro, os meus pais e meus avós, que me educaram e ensinaram a ser o que sou hoje, agradecendo todo o apoio e incentivo prestado. Sem descorar, como é natural o meu irmão e a minha irmã, amigos de confidências e cumplicidade, que me ajudaram a tentar ser um reflexo deles.

Aos meus colegas de curso e amigos, nomeadamente, Vera, Bruno, Tiago, Fábio, João, Trindade, Vilas Boas, Mike, Celina, Sara, e muitos outros que sabem o quanto foram e são importantes neste percurso, um muito obrigado pelas histórias vividas e pelos momentos passados, sem vocês o percurso académico nunca tinha tido o valor que teve para a minha vida e para o crescimento e enriquecimento pessoal.

Por fim, mas não menos importante, desejaria também dar umas palavras de gratidão à Professora e Doutor Ana Lúcia Virtudes, pela prestação dada na concepção desta dissertação, através de uma completa disponibilidade e, de horas empregues em prol de uma melhor resultado. Esperando que a proximidade criada durante os últimos tempos se mantenha no futuro.

Resumo

Assiste-se constantemente a uma mudança da cidade, esta mudança reflecte o evoluir da sociedade, é uma metamorfose lenta que vai despontando nas cidades de Portugal e do mundo. Tal como muitas das cidades de Portugal, a cidade de Guimarães apresenta algumas lacunas a nível de desenho urbano para a actualidade e modernidade. Um ponto a ressaltar quando se pensa em (re)desenhar o urbano, é que devemos ter sempre presente a memória e a história do local e ter ainda em linha de atenção a forma urbana, a materialização da cidade. Torna-se assim necessário repensar e/ou reformular este espaço, e é precisamente com base nestes aspectos que surge a oportunidade desta dissertação é poder apresentar soluções para a qualificação da Praça do Toural e Alameda de S. Dâmaso.

O objectivo desta dissertação consiste na elaboração de uma proposta de desenho urbano para o troço constituído pela Praça do Toural e pela Alameda de S. Dâmaso.

Palavras-chave

Desenho urbano, Toural, Alameda de S. Dâmaso, projecto urbano, praça,

Abstract

There is a constant to a change in the city, this change reflects the evolution of society, is a slow metamorphosis that is emerging in the cities of Portugal and the world. Like many of the cities of Portugal, the city of Guimarães is lacking in terms of urban design for the current and modernity. A point to note when thinking about (re) design of the city is that we should always bear in mind the memory and history of the site and takes into attention to urban form, the materialization of the city. It is therefore necessary to rethink and / or revise this space, and it is precisely on these bases there is an opportunity for my project to present solutions to the classification of Toural Square and Alameda S. Dâmaso.

The objective of this dissertation is the development of an urban design proposal for the section constituted by Toural Square and Alameda S. Dâmaso.

Keywords

Urban design, Toural, Alameda de S. Dâmaso, urban project, square

Índice

CAPITULO I	1
INTRODUÇÃO	1
1.1 RELEVÂNCIA TEMÁTICA	1
1.2 OBJECTIVOS	2
1.3 METODOLOGIA	3
1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	3
1.5 REVISÃO BIBLIOGRAFICA/ ESTADO DA ARTE	4
CAPÍTULO II	5
ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CONCEITOS	5
2.1 SIGNIFICADO DOS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS	5
2.1.1 Praça	5
2.1.2 Rua	6
2.1.3 Edifício	7
2.1.4 Monumento	8
2.1.5 Fachada	8
2.1.6 Espaço verde	9
2.1.7 Árvores	10
2.1.8 Mobiliário urbano	10
2.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	11
CAPITULO III	12
EVOLUÇÃO DA CIDADE DE GUIMARÃES	12
3.1 DAS ORIGENS DO BURGO A CIDADE	12
3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
CAPITULO IV	39
ORIGEM E EVOLUÇÃO MORFOLOGIACA DO TOURAL E ALAMEDA	39
4.1 O TOURAL	39
4.2 A ALAMEDA	47
4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
CAPITULO V	53
CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	53
5.1 ENQUADRAMENTO DA PRAÇA DO TOURAL E ALAMEDA DE S.DÂMASO NA CIDADE DE GUIMARÃES	53
5.1.1 Toural	53
5.1.2 Alameda de S. Dâmaso	55

5.2 DIAGNÓSTICO URBANÍSTICO DA SITUAÇÃO ACTUAL	57
5.2.1 Características Gerais.....	57
5.2.2 Pontos positivos.....	67
5.2.3 Pontos negativos.....	69
5.2.4 Tabela Síntese	71
5.3 ENQUADRAMENTO NO PLANO DIRECTO MUNICIPAL DE GUIMARÃES	72
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
CAPITULO VI	76
PROPOSTA DE PROJECTO URBANO PARA A PRAÇA DO TOURAL E ALAMEDA DE S. DÂMASO ..	76
6.1 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA	76
6.1.1 Objectivos fundamentais	76
6.1.2 Propostas gerais	77
6.1.3 A Praça - Praça do Toural	85
6.1.4 A circulação, o bosque e a rua do comércio - Alameda	87
6.1.5 O Terreiro - Terreiro de S. Francisco	92
6.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
CAPITULO VII	96
CONCLUSÃO	96
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	100

Lista de Figuras

Fig.1- Bipolarização da Cidade (950 a 1279).....	13
Fonte:Camara Municipal de Guimarães	
Fig. 2 - Planta da Cidade de Guimarães (1498 a 1750).....	20
Fonte:Camara Municipal de Guimarães	
Fig. 3- Planta da cidade de Guimarães de 1750 a 1863.....	24
Fonte:Camara Municipal de Guimarães	
Fig. 4 - Planta da cidade de Guimarães de 1863 a 1924.....	26
Fonte:Camara Municipal de Guimarães	
fig. 5 - O Teatro D. Afonso Henriques.....	27
Fonte: http://1.bp.blogspot.com/ZJFwIrvsQY/Te_uNS_mN_I/AAAAAAAAABkk/b0hkI2oYtag/s1600/TAHenriques.jpg	
fig. 6 - Terreiro da igreja de S. Sebastião (Alameda). Em primeiro plano, secagem dos couros, século XIX.....	28
Fonte: http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=GPP192.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descri%E7%E3o Data Fonte&ID=145&navigation=yes&w=116&h=90	
fig. 7 - Jardim do Toural (1888).....	29
Fonte: http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=GPP151a.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descrição Data Fonte&ID=101&navigation=yes&w=134&h=90	
fig. 8 - Vista geral de Guimarães. Fotografia de Francesco Rocchini século XIX.....	30
(fonte: http://1.bp.blogspot.com/OEAV7GZnAg/TZngDWY29rI/AAAAAAAAABeY/mjznAZHEf3Q/s1600/Vista_da_cidade_de_Guimar%25C3%25A3es_c1849-1873Leg_web.jpg)	
fig. 9 - Ampliação e Renovação Moderno-Monumental da cidade (1926 a 1974).....	31
Fonte:Camara Municipal de Guimarães	
fig. 10 - Projecto da Fachada principal e aspecto das obras do edifício destinado a Paços do Conselho de Marques da Silva (1950).....	32
Fonte: Guimarães do passado e do presente, org. de Joaquim Fernandes Guimarães, 1985	
fig. 11 - Praça da Mumadona com Palácio da Justiça em segundo plano.....	34
Fonte: Guimarães do passado e do presente, org. de Joaquim Fernandes Guimarães, 1985 + edição própria)	
fig. 12 - Planta da cidade do início do século Séc. XXI.....	36
Fonte: http://mapas.cm-guimaraes.pt/websig/)	
fig. 13 - Implantação do novo mercado e feira semanal.....	37
Fonte:Camara Municipal de Guimarães	
fig. 14 - Toural e Alameda (de meados do séc. XVIII a meados do séc. XIX).....	40
Fonte:Camara Municipal de Guimarães + edição própria	

fig. 15 - Vista do Toural, lado voltado a sul, em meados do séc. XIX.	41
Fonte: http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/nephI/fototeca/fototeca&imageName=GLG112.jpg&table=nephI_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descrição Data Fonte&ID=311&navigation=yes&w=152&h=90	
fig. 16 - Jardim Público do Toural em 1884	42
Fonte: http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/nephI/fototeca/fototeca&imageName=GLG227.jpg&table=nephI_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descrição Data Fonte&ID=315&navigation=yes&w=129&h=90	
fig. 17 - Toural e Alameda (de 1863 a 1924)	43
Fonte:Camara Municipal de Guimarães + edição própria	
fig. 18- Praça D. Afonso Henriques (Toural) 1.ª metade do séc. XX e pormenor da sua estatua central	44
Fonte: http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/nephI/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0106.jpg&table=nephI_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descrição Data Fonte&ID=805&navigation=yes&w=141&h=90	
fig. 19 - Estátua de D. Afonso Henriques	44
Fonte: http://3.bp.blogspot.com/AOU243_UBE/TcVfDKiIIYI/AAAAAAAABhE/9pqRObjJiDE/s1600/Toural_ah_web.jpg	
fig. 20 - Praça D. Afonso Henriques com árvores e sem mosaico no pavimento - 1928	45
Fonte: http://4.bp.blogspot.com/ROrkv84czKw/TcRiDotwAAAAAAAABgs/jQjv9Ghv1Xg/s1600/Toural_dec1920aWeb.jpg	
fig. 21 - Praça D. Afonso Henriques sem árvores e com mosaico no pavimento - 1929	45
Fonte: http://1.bp.blogspot.com/7I4AQfXdUQ/TcUoGiq6Bl/AAAAAAAABg4/vaESKkVfgao/s1600/Toural_dp1929web.jpg	
fig. 22 - Fonte actual do Toural - 1953	46
Fonte: http://1.bp.blogspot.com/wTR4TUF56gM/ThsphKfE0UI/AAAAAAAABro/lkqXMmT0QV0/s1600/Toural_FonteWeb.jpg	
fig. 23 - Largo do Toural no séc. XX	46
http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/nephI/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0079.jpg&table=nephI_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descrição Data Fonte&ID=779&navigation=yes&w=141&h=90	
fig. 24 -Toural em direcção a torre da alfandega, antes das demolições dos edifícios da direita	46
http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/nephI/fototeca/fototeca&imageName=GPP183a.jpg&table=nephI_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem suporte assunto descricao data fonte&titlesToShow=Imagem Suporte Assunto Descrição Data Fonte&ID=132&navigation=yes&w=133&h=90	
fig. 25 - Largo do Toural e largo 28 de Maio, após demolições e construção da Caixa Geral de Depósitos - 1970	46

<http://2.bp.blogspot.com/cMf0uaVNqE4/TcwMQIUc7hl/AAAAAAAABhg/SaXcEdOsTck/s1600/TouralWeb.jpg>

- fig. 26 - Alameda (meados do séc. XVIII a meados do séc. XIX) 47**
- fig. 27 - Em primeiro plano, secagem dos couros e Terreiro de S. Francisco 48**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=GPP193a.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descri%E7%E3o|Data|Fonte&ID=146&navigation=yes&w=154&h=90
- fig. 28 - Igreja e Capela de S. Francisco - 1865/70 48**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=GPP199a.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descri%E7%E3o|Data|Fonte&ID=149&navigation=yes&w=122&h=90
- fig. 29 - Largo D. Afonso Henriques com a estátua que lhe dava o nome (séc. XIX) 49**
<http://4.bp.blogspot.com/wVMtcUxFwyw/Tetqe80D3LI/AAAAAAAABkE/7Rb63iuyJD8/s1600/Alameda04.jpg>
- fig. 30 - Terreiro de S. Sebastião, após a demolição da igreja, ainda se vê as marcas sua implantação -1896 49**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0055.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Património&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descrição|Data|Fonte&ID=757&navigation=yes&w=144&h=90
- fig. 31 - Praça d. Afonso Henriques, ainda com a estátua do fundador, e em primeiro plano, o jardim octogonal, local onde esteve a igreja de S. Sebastião) - 1910 50**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0058.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descri%E7%E3o|Data|Fonte&ID=760&navigation=yes&w=140&h=90
- fig. 32 - Antigo Passeio da Independência já com o coreto no jardim - 1915 50**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0058.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descri%E7%E3o|Data|Fonte&ID=760&navigation=yes&w=140&h=90
- fig. 33 Jardim Público da Alameda em meados do séc. XX e em primeiro plano a estatua de “Fauno” 51**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0117.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descri%E7%E3o|Data|Fonte&ID=815&navigation=yes&w=146&h=90
- fig. 34 - Jardim Público da Alameda em meados do séc. XX vista do lado da estatua de “A Rapariguinha” 51**
 Fonte:http://www.csarmento.uminho.pt/pop_up_view_img.asp?path=imgs/neph1/fototeca/fototeca&imageName=Fototeca0117.jpg&table=neph1_fototeca&filter=Patrim%F3nio&fieldID=ID&fieldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descri%E7%E3o|Data|Fonte&ID=815&navigation=yes&w=146&h=90

eldsToShow=imagem|suporte|assunto|descricao|data|fonte&titlesToShow=Imagem|Suporte|Assunto|Descr%*E7*%E3o|Data|Fonte&ID=815&navigation=yes&w=146&h=90

Fig. 35 - Vista aérea da cidade com identificação do Toural e Alameda e da antiga vila	53
Fig. 36 - Actual Alçado Nascente da Praça do Toural	54
fig. 37 - alçado norte do Toural	55
fig. 38 - alçado poente do Toural	55
Fig. 39 - Imagem aérea da Praça e da Alameda	56
Fonte: Google Earth , edição própria	
Fig. 40 - Enquadramento da área de estudo	57
fig. 41 - Planta de análise - espaço edificado	58
fig. 42 - Planta de análise - espaço não edificado	58
fig. 43- planta altimétrica da área de estudo	59
fig. 44 - corte do existente (anexo 04)	60
fig. 45 - Planta com número de pisos (anexo 03)	60
fig. 46 - Basílica de S. Pedro, Torre a da Alfandega e igreja de S. Francisco, respectivamente.	61
fig. 47 - Estatua do Toural, "Fauno", "A Rapariguinha", coreto e cruzeiro de S. Francisco, respectivamente.	61
fig. 48 - Fluxos pedonais	62
Fonte: Relatório prévio de avaliação física dos níveis de serviço pedonal, p. 6	
fig. 49 - análise das vias	62
fig. 50 - perfil tipo de arruamentos do existente	63
fig. 51 - passeio obstruído com paragem de autocarro	64
fig. 52 - mau estado do pavimento na alameda	64
fig. 53 - Praça do Toural e placa central da Alameda, respectivamente.	64
fig. 54 - Alameda Norte - chegada/partida dos autocarros	65
fig. 55 - Volume de tráfego (veículos/hora)	65
Fonte: Relatório prévio de avaliação física dos níveis de serviço pedonal, p. 24	
fig. 56 - inclinação topográfica	66
Fonte: Relatório prévio de avaliação física dos níveis de serviço pedonal, p. 24)	
fig. 57 - Mapa de ruídos diurno	66
Fonte: câmara municipal de Guimarães	
fig. 58 - Mapa de ruídos nocturno	67
Fonte: câmara municipal de Guimarães	
fig. 59 - Planta Síntese (anexo 02)	72
fig. 60 - extracto da planta de ordenamento	73
fig. 61 - extracto da planta de condicionantes do PDM de Guimarães	73
fig. 62 - extracto da planta da Reserva Agrícola Nacional (RAN) do PDM de Guimarães	74
fig. 63 - extracto da planta da Reserva Ecologia Nacional (REN) de Guimarães	74
fig. 64 - perfil tipo de arruamentos	77
fig. 65 - esquema de circulação proposto	78

fig. 66 - banco do circular da praça do Toural (anexo 18).....	81
fig. 67 - banco da "rua do comércio" (anexo 17)	82
fig. 68 - Banco tipo do bosque (anexo 18)	82
fig. 69 - Banco tipo do terreiro de S. Francisco (anexo 17)	83
fig. 70 - Candeeiro de iluminação da via pública	83
fig. 71 - vista geral da intervenção - foto da maqueta	85
fig. 72 - vista do Toural desde a Alameda , foto da maqueta.....	86
fig. 73 - vista da praça do Toural	87
fig. 74 - Início da Alameda desde o Toural - foto de maqueta.....	88
fig. 75 - Perfil da rua do Comércio (anexo 17)	88
fig. 76 - vista da rua do comércio - Alameda de S. Dâmaso	89
fig. 77 - vista do bosque	90
fig. 78 - Imagem da maqueta que representa a escadaria monumental de que marca a entrada pela torre velha	91
fig. 79 - vista parcial do Terreiro	93
fig. 80 - planta síntese da proposta (anexo 05)	94
fig. 81 - vista aérea da proposta	95

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Análise da situação actual	59
Tabela 2 - pontos positivos e pontos negativos do espaço público	71

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

1.1 RELEVÂNCIA TEMÁTICA

Assiste-se constantemente á mudança da cidade. Esta mudança reflecte o evoluir da sociedade, numa metamorfose que vai despontando e acompanhando as necessidades, exigências e vontades da população de cada época.

Actualmente muitas cidades apresentam algumas lacunas nomeadamente ao nível dos espaços públicos no que diz respeito ao seu desempenho face a tais necessidades, exigências e vontades.

Deve salientar-se que quando se pensa em (re)desenhar o espaço urbano dever-se à ter em consideração "*duas áreas de conhecimento: o processo de formação da cidade, que é histórico e cultural e que se interliga às formas utilizadas no passado (...), e que hoje estão disponíveis como materiais de trabalho (...); e a reflexão sobre a FORMA URBANA (...), enquanto corpo ou materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade.*" ²

Nem sempre as acções que redesenham o espaço urbano têm em consideração as vertentes anteriores, a forma e a história, nomeadamente ao nível dos espaços públicos, tais como as ruas, as praças ou edifícios. Estes locais poder-se-ão considerar dos mais importantes elementos morfológicos no desenho urbano, porque são espaços colectivos para o público, espaços de circulação e/ou estadia, de passagem ou paragem e de fixação de funções e/ou actividades.

Entre outras causas, por não se considerarem as duas vertentes anteriores no repensar do desenho urbano geram-se conflitos de várias ordens, como sejam, os conflitos entre peões e automóveis, automóveis em circulação e estacionados, entre transportes públicos e trânsito automóvel ou desadequação da forma á função.

Em alguns espaços públicos da cidade de Guimarães assiste-se a estes conflitos. Guimarães é uma cidade que respira história, tanto nas suas gentes como nos seus edifícios que deslumbra com a sua paleta de cores, que faz maravilhar e ter vontade de descobrir quer por residentes quer por visitantes. É uma cidade em que se observa uma forte presença, vivência e circulação de pessoas nas ruas, praças e edifícios públicos a conviverem, sem distinção etária, social, cultural e racial ou outra.

Exemplo único de manifestação da vivência em comunidade e fruição do espaço público no centro da cidade do Guimarães é o troço constituído pela praça do Toural e a

² José Lamas, Morfologia urbana e desenho da cidade, 1993, p. 22

Alameda de S. Dâmaso, que acarretam consigo uma imagem simbólica e identitária da cidade extramuros. Neste local, que constitui o objecto de estudo desta dissertação, também designado de Toural, desde há muito se têm vindo a gerar convívios e uma relação afectiva e emocional entre a cidade e o cidadão que a habita ou visita.

As mudanças às quais se tem assistido ao nível do espaço não edificado neste troço da cidade (praça do Toural e Alameda) privilegiam o trânsito automóvel em detrimento da circulação pedonal. Consequentemente promove a presença massiva e contínua de automóveis e autocarros, desconforto na fruição e vivência do espaço público e dificultando as condições de mobilidade e acessibilidade da circulação pedonal. Por outro lado contribuem também para o aumento da poluição ambiental e sonora no centro da cidade.

1.2 OBJECTIVOS

Face à problemática apresentada anteriormente, esta dissertação pretende elaborar uma proposta de desenho urbano para o troço constituído pela Praça do Toural e pela Alameda de S. Dâmaso, na cidade Guimarães.

Pretende-se que esta proposta de desenho urbano conjugue duas áreas de conhecimento, quer a forma urbana quer a história do lugar.

Esta dissertação irá intervir no espaço público não edificado, correspondente á Praça do Toural e Alameda de S. Dâmaso e não no espaço edificado em relação ao qual apenas se fará o levantamento da situação existente. Esta perspectiva de análise justifica-se na intenção de contribuir para requalificar este espaço através de medidas projectuais, quer ao nível dos arruamentos, quer ao nível dos locais destinados ao convívio e lazer da população. A perspectiva de intervenção é torna este espaço actualmente fragmentado na grande praça de entrada no centro histórico de Guimarães.

Pretende-se então definir medidas projectuais que contribuam para devolver o conforto na fruição e vivência do lugar procurando criar condições favoráveis de mobilidade e acessibilidade da circulação pedonal quer dos habitantes quer dos utentes. Por outro lado, pretende-se propor um desenho urbano que permita conjugar a circulação pedonal com o trânsito automóvel, redesenhando entre outros elementos da morfologia urbana os passeios, as faixas de rodagem ou os lugares públicos de estacionamento. Consequentemente, contribuir-se-á para minorar os conflitos entre peões e automóveis, automóveis em circulação e estacionados, entre transportes públicos e trânsito automóvel ou desadequação da forma à função. Por último pretende-se que estas medidas projectuais possam contribuir minorar a poluição ambiental e sonora no centro da cidade.

Em suma, esta dissertação pretende apresentar uma proposta a nível urbanística que responda às necessidades actuais deste troço da cidade de Guimarães.

1.3 METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida pretendeu adequar-se ao tema tratado “**Projecto Urbano do Tournal: Presente, Passado e Futuro - Guimarães**”.

Assim foram quatro as fases de elaboração desta dissertação. A primeira fase metodológica a que diz respeito á pesquisa bibliográfica que permitiu enquadrar conceitos tidos como orientadores do projecto urbano e escorar a importância do tema abordado.

A segunda fase disse ainda respeito á procura bibliográfica centrada no projecto urbanístico de reabilitação, tais como os conceitos e componentes da forma urbana.

Após esta pesquisa inicial, numa terceira fase, procedeu-se a uma revisão da bibliografia a fim de compor um enquadramento teórico, histórico e de criar as bases para a análise do local de estudo. Este ponto foi crucial para proporcionar a definição de convincentes medidas projectuais de intervenção urbana que se pretenderam estabelecer.

A fase quatro diz respeito à recolha de documentos de fotografia, icnografia e cartografia. Foram consultados os arquivos municipais da Câmara Municipal de Guimarães. Complementarmente a esta recolha foi documental, foi feito o levantamento fotográfico *in loco* como aferimento da informação recolhida.

A quinta e última fase foi referente à exposição da proposta de intervenção urbana, materializada em peças escritas e desenhadas e justificada a memória descritiva das propostas.

1.4 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação desenvolve-se em quatro partes significantes, sendo a primeira reservada para o enquadramento teórico, a segunda mais debruçada sobre a evolução da cidade de Guimarães da área de estudo, a terceira parte reservada à análise urbanística da área de intervenção, desde enquadramentos ao diagnósticos e, por último, a quarta parte vocacionada para a proposta de projecto e sua justificação.

A primeira parte, resultou da pesquisa bibliográfica a partir da qual se explicitaram os conceitos sobre a temática em análise. No Capítulo II, ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CONCEITOS, procura-se explicar o significado dos elementos morfológicos da cidade.

O Capítulo III, EVOLUÇÃO DA CIDADE DE GUIMARÃES compreende um breve estudo da história da cidade de Guimarães, debruçando-se sobre a sua evolução desde o pequeno burgo até ao que nos dias de hoje. No Capítulo IV, ORIGEM E EVOLUÇÃO MORFOLOGICA DO TOURAL E ALAMEDA, estuda-se particularmente a mudança deste espaço urbano que constitui objecto de estudo.

Na terceira parte procede-se ao enquadramento, análise e diagnóstico urbanístico da área de estudo, correspondente ao CAPITULO V - CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.

No CAPTULO VI - PROPOSTA DE PROJECTO DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO NÃO EDIFICADO, apresenta-se a proposta de projecto urbano para a área de estudo, com a respectiva memória descritiva e justificativa, correspondendo este capítulo à parte essencial desta dissertação.

1.5 REVISÃO BIBLIOGRAFICA/ ESTADO DA ARTE

Para compreender o significado dos elementos morfológicos a bibliografia de base é constituída pelas seguintes referências bibliográficas, "*Paisagem Urbana*" (2008), de Gordon Cullen; "*A Imagem da Cidade*" (2008), de Kevin Lynch; "O urbanismo português. Séculos XIII-XVIII" (2009), de Francisco Queirós/ Ana Margarida Portela; "*Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*" (1993), de José Garcia Lamas, "*A cidade em Portugal -Uma Geografia Urbana* " (1992), de Teresa Barata Salgueiro; "*A Arquitectura da cidade*" (1997), Aldo Rossi; "*Urban Space*" (1979), de Rob Kreier, "*História da Cidade*" (2003), de Leonardo Benevolo.

Passando para a compreensão do enquadramento na cidade de Guimarães da praça do Toural e Alameda de S. Dâmaso a base bibliográfica é composta pelas seguintes referências "*História de Portugal*" (1993) e "*Guimarães, A Origem de Portugal*" (1998), de José Mattoso; "*Guimarães - Património da Humanidade*", de José Manuel da Silva Passos; "*Guimarães do passado e do presente*" (1985), de vários autores; "*Atlas das Cidades Medievais Portuguesas*" (1990), de A. H. de Oliveira Marques; "*Urbanismo e morfologia urbana no norte de Portugal. Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926*"(2005), Mário Gonçalves Fernandes.

CAPÍTULO II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO: CONCEITOS

Neste capítulo estudar-se-á quais os elementos que constituem a morfologia da cidade tendo por base as referencias alguns autores que desenvolveram as suas ideias sobre esta materia.

2.1 SIGNIFICADO DOS ELEMENTOS MORFOLÓGICOS

Ao observar a cidade percebe-se que ela é reflexo de um todo constituído por várias partes, os elementos morfológicos, tais como praças, ruas, edifícios, largos, monumentos, mobiliário urbano, entre outros.

O indivíduo ao apreender o espaço público cria uma relação com ele, de conhecimento e até de afectividade, como por exemplo, um morador de uma determinada rua, onde cresceu e viveu, apreendeu, tornou-a como sua e criou afectividade com o local. Isto pode ocorrer com a rua, a praça, o prédio, o banco de jardim, o jardim, ou seja, com todos os elementos constituintes da forma urbana.

Mas a cidade não é de um só cidadão, mesmo que apenas tenha sido um único urbanista e projectar a cidade, esta vai ser vivida por todos, e como tal a cidade desenvolve-se conforme as necessidades de cada época, o contexto histórico em que ocorre determinada evolução ou estagnação no seu crescimento. Independentemente da tentativa de responder às necessidades da sua época, a morfologia da cidade assenta em elementos “(...) *identificáveis e reconhecíveis como a rua, a praça, a avenida, o beco, etc., quaisquer que sejam as variações da sua aparência.*”³

São estes elementos morfológicos que se passaram a descrever.

2.1.1 Praça

A praça é um elemento morfológico que a par das ruas ajuda a desenvolver a malha urbana. Nas palavras de Lamas, a praça “é um elemento morfológico das cidades ocidentais”⁴ e que nele vão confluír traçados (ruas, travessas ou becos). Enquanto significado em dicionário, é Lugar largo e espaçoso, frequentemente ladeado de edifícios⁵.

No desenho de uma praça existe a intenção de destacar algo, portanto, a praça não surge na morfologia urbana como elemento accidental, mas antes com o intuito de destacar

³ opus cit., p. 136

⁴ Ibidem p. 100

⁵ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: praça (latim *platea*, -ae, rua larga, praça pública): 1. Lugar largo e espaçoso, ordinariamente rodeado de edifícios. 2. Mercado público.

algo, tendo frequentemente, adjacente ou até mesmo dentro dela, edifícios de destaque ou monumentos.

Gordon Cullen designa-as de praças e distingue-as em três tipos: a fechada protegida através de gradeamentos, o que confere privacidade completa ao local; a semi-privada, onde não existe gradeamento sendo que este deu lugar a um local de desnível ou vegetação, reservada apenas ao trânsito local; e a cosmopolita que não pertence apenas aos habitantes dos prédios adjacentes, podendo perder assim ao longo dos tempos as suas características⁶.

Alguns autores por vezes não distinguem uma praça de um largo ou de um terreiro, mas ao contrário da praça estes outros elementos morfológicos são fruto acidental do desenho urbano, vazios urbanos ou alargamentos da estrutura viária e que com o desenrolar do tempo e desenvolvimento da cidade foram sendo apropriados e usados com novas funções⁷.

A geometria do desenho de uma praça pode variar desde o triângulo ao quadrado, círculo, semicírculo, elipse e paralelogramo regulares ou ser irregular.

Ao contrário da rua, que se entende como "*lugar de circulação*"⁸, a praça é tida como "*lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquitecturas significativas*"⁹

A praça, ao par da rua, é definida pelos morfológicamente pelos elementos que a rodeiam, os edifícios e as suas fachada, podendo ainda ser considerada um vazio existente no desenho urbano que demarca determinado acontecimento. Esta pode ser apenas pedonal ou conter acesso automóvel circundante, árvores, canteiros, monumentos, chafarizes, ou ser simplesmente liberta, contudo mantém propósito de ser espaço de permanência e estadia.

Portanto, as praças são espaços livres públicos, com função de convívio social, inseridos na malha urbana como elemento organizador da circulação e de amenização pública. Alguns autores defendem que as praças como espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, deveriam ser acessíveis aos cidadãos e livres de veículos.¹⁰

2.1.2 Rua

A rua é, conforme Lamas, considerada como facto principal estruturador do traçado urbano. Corresponde a "*um dos elementos mais claramente identificáveis tanto na forma de uma cidade como no gesto de a projectar. Assenta num suporte geográfico preexistente,*

⁶ Gordon Cullen, Paisagem Urbana, Edições 70, 2008

⁷ opus cit., p. 102

⁸ Ibidem, p. 102

⁹ Ibidem, p. 102

¹⁰ Robba & Macedo, Praças brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.17

regula a disposição dos edifícios e quarteirões, ligas os vários espaços e partes da cidade, e confunde-se com o gesto criador".¹¹ É por definição, um espaço multi-funcional, proporcionando espaços próprios de um recinto de actividade, bem como de movimento. As suas principais funções são a circulação, tanto de veículos automóveis como de peões, de acesso a edifícios, bem como fornecimento de luz e ventilação aos edifícios, percurso de transeuntes, lugares de estacionamento automovel, espaço público de interacção e sociabilidade. Este autor defende que, *a "rua é um espaço e tem um a função: a de circulação viária, de mercadorias, pessoas e ideias. O espaço sobrepõe-se e identifica-se com a função e é definido quer pelo sistema de pavimentação quer pela forma dos edifícios e dos seus planos marginais (fachadas, muros, etc.)*".¹²

Em suma, a rua está patente em todas as escalas da morfologia urbana e também em vários níveis, desde a rua para peões, travessas, avenidas e vias rápidas. Este último elemento pode ser entendido por vezes como limite à continuidade urbana, sendo contraditório ao próprio significado de rua.

2.1.3 Edifício

Pelo que foi descrito anteriormente da praça e da rua, percebe-se que o edifício é indiscutivelmente parte importante na definição do espaço urbano. Segundo Lamas o edifício está intimamente ligado á organização da malha urbana ajudando mesmo a distingui-la na sua forma inserido nas ruas, na praça, no beco, na avenida, entre outros.¹³ Este autor considera o elemento mínimo de fazer cidade.

Kevin Lynch menciona que os edifícios podem ser elementos marcantes na malha urbana, que de alguma forma se evidenciam em relação a outros elementos morfológicos.

Vários autores estudaram as relações do edifício com a morfologia urbana, tais como Aymonino, e Rossi, tendo como base a relação a tipologia edificada e a morfologia urbana¹⁴. É quase impossível falar de edifício e não pensar qual a sua função, remetendo para a sua importância e relevância do mesmo na cidade. Logo, o estudo entre a tipologia do edifício e morfologia urbana estão intimamente ligados. Este ponto remete para o tema da praça, anteriormente mencionado, em que por vezes esta se abre frente a edifícios de relevância socioeconómica, religiosa, arquitectónica ou cultural, ou até por vezes o edifício ocupa o centro da praça, o que remete para o tema que será tratado a seguir, o monumento.

Tal como Lamas salienta, certo é que, esta "interdependência é um dos campos mais sólidos em que se coloca as relações entre cidade e arquitectura."¹⁵

¹¹opus cit. , p. 98

¹²ibidem, p. 136

¹³ibidem, p. 84

¹⁴ibidem, p. 84

¹⁵ibidem, p. 86

2.1.4 Monumento

A definição mais usada para momento é de que se trata de uma construção de arquitectura ou obra de escultura destinada a perpetuar a memória de um facto ou de alguma personagem notável. Pode ser um edifício majestoso, digno de passar à posteridade.¹⁶

Nas análises de Gordon Cullen pode-se enquadrar o monumento como ponto focal e objecto que povoa o espaço livre, não como barreira mas como ponto de atracção que motiva a paragem dos cidadãos.¹⁷

Para Lamas o monumento é um elemento urbano singular, individualizado e de importância *“pela sua presença, configuração e posicionamento na cidade e pelo seu significado”*.¹⁸

Poete vai mais longe na sua leitura de importância do monumento na malha urbana, e defende então que *“o monumento como individualidade e como localização devem intervir em primeira mão na composição da cidade. Não se localizam em qualquer ponto. Têm lugar marcado. Servem para compor a fisionomia urbana.”*¹⁹ Esta ideia vem de encontro ao que já foi referido anteriormente, ganhando importância pelo seu interesse histórico, religioso, arquitectónico, social, económico ou cultural.

Em suma, com o decorrer dos tempos o conceito monumento e património ampliou-se e diversificou-se em conteúdo cultural e em área geográfica, extrapolando o limite de um objecto, para poder ser um conjunto urbano, tornando-se desta forma, elemento de relevância na operação da gestão da cidade pela reabilitação e recuperação dos artefactos urbanos antigos para novas funções e novos usos.²⁰

2.1.5 Fachada

A fachada é um elemento que para muitos autores pode estar associada ao edifício, o que não é de todo mentira, mas a fachada é algo mais do que uma componente do edifício, ela pertence à rua, à praça e à cidade.

Lamas afirma que a *“fachada é o invólucro visível da massa construída, e é também o cenário que define o espaço urbano.”* e prossegue mencionando que esta se assume como *“a transição entre o mundo colectivo do espaço urbano e o mundo privado das edificações”*²¹

A fachada relata a época de construção através do seu carácter estético e método construtivo. O estilo da época em que se insere oferece ao espaço urbano um revivalismo e

¹⁶ Nome masculino (Do latim monumentu-, «idem»): 1.construção ou obra de escultura destinada a perpetuar a memória de um facto ou de alguma personagem notável; 2.edifício majestoso; 3. obra digna de passar à posteridade; 4. Mausoléu; 5. memória, recordação. Dicionário Infopédia

¹⁷ opus cit., p.106

¹⁸ opus cit. , p. 104

¹⁹ Marcel Poète, Introduction à l'Urbanisme. Editions Anthropos. Paris, 1967 apud José Lamas, Morfologia urbana e desenho da cidade, 1993, p. 104

²⁰ opus cit. , p. 106

²¹ Ibidem, p. 96

ecletismo, que o transeunte pode admirar, moldando a imagem a estética das cidades. Na cidade tradicional a fachada tinha este carácter de embelezar e de pertencer ao espaço urbano, procurando-se uma imagem exterior, a qual se subordinava, grande parte das vezes o desenho do interior dos edifícios.²²

Esta ideia do embelezamento do espaço urbano, também é referida por Cullen, dando-lhe o nome de parede. Defende que o construtor deve retirar partido da textura e da cor das mesmas. As paredes construídas numa cidade devem ser extremamente ornamentadas, isto é uma "aventura para o artista".²³

Com o passar dos tempos, até á Idade Moderna, o edifício passa a ganhar mais fachadas, não tendo apenas uma como acontecia até então, em que o edifício ocupava a totalidade do lote e, conseqüentemente, fechava o quarteirão. Por virtude das regras modernas de arquitectura, a importância da fachada vai-se esbatendo pela diferente posição do edifício na estrutura urbana e no lote, que passou a conter espaço livre. Conseqüentemente perde-se o ritmo, a métrica e também a estética contínua que existia na cidade tradicional, bem como a comunicação estética entre o edifício e o espaço urbano.

2.1.6 Espaço verde

O espaço verde na malha urbana pode ser balizado deste o canteiro, passando pela alameda, os jardins, as praças e logradouros ajardinados, até às grandes estruturas verdes que servem a cidade, os parques urbanos.

Muitos são os termos usados para a definição do que é realmente o espaço verde, tais como, espaço livre, área verde, sistemas de lazer, praças e parques urbanos e similares.²⁴

José Lamas não atribui conceitos específicos ao espaço verde, como nos casos referentes à rua e à praça, menciona antes os termos de parque, alameda e jardim, caracterizando-os "como elementos de composição da cidade"²⁵. Estas estruturas verdes são reconhecidas pelo autor como "*elementos identificáveis na estrutura urbana. Caracterizam a imagem da cidade; têm individualidade própria; desempenham funções precisas: são elementos de composição e do desenho urbano; servem para organizar, definir e conter espaços*"²⁶.

Apesar da estrutura verde poder não perdurar tanto tempo como legado, quando comparado a uma estrutura edificada da cidade, esta é claramente um elemento que a molda e lhe dá forma, ajudando inclusive a identificar espaços distintos, como sendo de permanência ou de passagem.

²²ibidem p. 96

²³opus cit.

²⁴ Carlos Roberto Loboda, Bruno Luiz Domingos De Angelis, Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções, *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais* V. 1 No 1 Jan/Jun. 2005, p. 131

²⁵opus cit., p. 194

²⁶ibidem, p. 106

Os espaços verdes podem ser públicos ou privados, sendo zonas de recreio e lazer por excelência, beneficiando o relacionamento e o encontro entre as pessoas. A vegetação presente nestas estruturas tem uma importante função para a protecção dos solos contra a erosão pela água e pelo vento e a nível estético, melhorando a imagem da paisagem urbana, criando uma modificação de textura, um contraste de cores e de formas em relação às construções, conforme determinada época do ano.

2.1.7 Árvores

Como referido no ponto anterior, a vegetação desempenha funções bastante importantes nas cidades. Em relação às árvores, estas pelas suas características naturais, proporcionam muitas vantagens ao usufruidor do espaço público urbano, como por exemplo, o bem-estar psicológico do homem, proporcionando um melhor efeito estético, garantindo ainda sombra para o peões e para os veículos, protegem e direccionam os ventos. Servem também como barreira acústica amenizando a poluição sonora, reduz o vazamento e escoamento rápido das águas pluviais para os saneamentos, sendo ainda um auxílio á diminuição da temperatura, pois, absorvem os raios solares e refrescam o ambiente pela quantidade de água transpirada pelas folhas, melhorando também a qualidade do ar e ajudando a preservar o equilíbrio biológico.

Na visão do Cullen, a árvore tem uma relação especial com a paisagem urbana e ao longo dos tempos veio a assumir cada vez mais e melhor destaque na cidade. Hoje pretende-se uma relação em que a árvore cede riqueza ao edifício podendo ser aplicada de várias maneiras: como ligação do edifício ao solo, como parte integrante, como escultura ou como criação de um momento através da sua reflexão num vidro ou através da projecção da sua sombra²⁷, ou como elemento de composição dos alinhamentos da rua. Como refere José Garcia Lamas, “uma rua sem as suas árvores mudaria completamente de forma e de imagem.”²⁸

2.1.8 Mobiliário urbano

O mobiliário urbano é constituído um conjunto de objectos e equipamentos instalados nas ruas, praças e espaços verdes utilizados para diversos fins. Tanto para uso dos cidadãos ou como suporte às redes urbanas fundamentais.

São considerados mobiliário urbanos os objectos como o banco de jardim, o chafariz, o cesto do lixo, o candeeiro, a sinalização, o marco do correio, o quiosque, a cabine telefónica, o abrigo de transportes, entre outros. “Situa-se na dimensão sectorial, na escala

²⁷ opus cit.

²⁸ opus cit., p.106

da rua, não podendo ser considerado de ordem secundária, dado as suas implicações na forma e equipamento da cidade. É também de grande importância para o desenho da cidade e a sua organização, para a qualidade do espaço e comodidade.”²⁹

2.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morfologia urbana pode ser analisada e apreendida de muitas maneiras, em função do modo que cada cidadão vive e apreende a cidade. Contudo, com os vários métodos e abordagens apresentadas pelos autores, poder-se-á concluir que a leitura e compreensão dos elementos que compõem a cidade estruturam-na no seu todo.

Os aspectos analíticos presentes em todas as abordagens consideram atributos relativos à estrutura física, social e cultural da cidade para a compreensão de sua totalidade, partindo do entendimento das partes constituintes.

Como se pode concluir, o espaço urbano é um conjunto composto por elementos que auxiliam não só o urbanista no desenho urbano a encontrar soluções para determinadas conflitos existentes no meio urbano, como também ao próprio cidadão que vive e circula na cidade.

²⁹Ibidem, p. 108

CAPITULO III

EVOLUÇÃO DA CIDADE DE GUIMARÃES

Importa agora perceber e estudar a evolução urbanística da cidade de Guimarães, desde a sua origem, enquanto pequeno burgo, até aos dias de hoje como cidade de relevo no panorama nacional.

3.1 DAS ORIGENS DO BURGO A CIDADE

Os primeiros passos no sentido da formação de Guimarães são dados em meados do século X, entre 950 e 959, na baixa Idade Média, quando a viúva de Hermenegildo Mendes, Mumadona Dias, manda edificar um mosteiro, junto à via Braga/Amarante/Lamego, à volta do qual se começou a formar um burgo.

Devido à época histórica em que se vivia, de instabilidade, ameaças de invasão e convulsões internas, Mumadona fortifica o local, com um Castelo, edificado não muito longe do mosteiro, numa cota mais alta, actual Monte Latito. Este castelo era uma construção de qualidade inferior e diferente do que é actualmente, como escrevem Prof. Arq. Bernardo Ferrão com Dr. José Ferrão Afonso.

“Tratar-se-ia, nessa época de um castelo “roqueiro” bastante fruste, constituído por uma estrutura, possivelmente de pedra solta e madeira, que preenchia as falhas da coroa rochosa que pontuava aquela eminência. O castelo monástico inicial, transformar-se-á posteriormente, face as alterações sociopolíticas entretanto ocorridas, em fortificação condal e depois real, assumindo, progressivamente, uma relevância interregional.”³⁰

Cria-se conseqüentemente um segundo ponto de fixação, dotando assim de população a “vila alta” ao redor do castelo e o burgo em torno do mosteiro. Desta forma uma nova imagem urbana vimaranense surge ao estilo da cristandade ocidental, na colina a fortificação e na planície o núcleo eclesial. Essa nova urbanidade era então definida pelo castelo roqueiro, mosteiro e burgo envolvente. Nesta época existiam no burgo a igreja paroquial de S. Miguel do Castelo, que servia a zona do castelo, local onde segundo reza a história foi baptizado D. Afonso Henriques, a igreja de Santa Maria, que depois se havia de se denominar de Nossa Senhora da Oliveira, a igreja paroquial de S. Paio e a Capela de S. Tiago próxima do mosteiro mandado edificar por Mumadona (Fig.1).

³⁰ Prof. Arq. Bernardo Ferrão com Dr. José Ferrão Afonso - A EVOLUÇÃO DA FORMA URBANA DE GUIMARÃES E A CRIAÇÃO DO SEU PATRIMÓNIO EDIFICADO, p.3

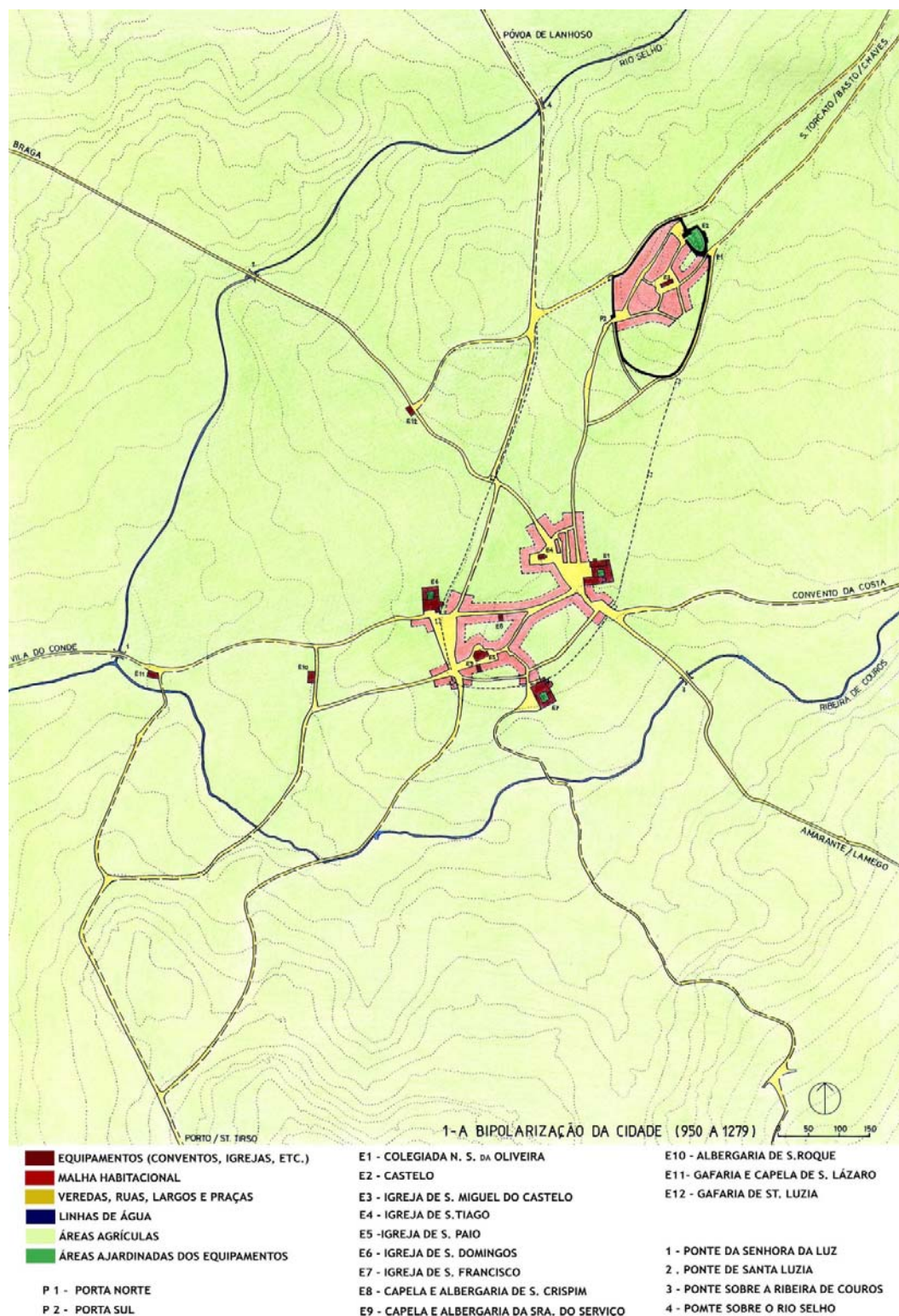


Fig.1- Bipolarização da Cidade (950 a 1279)

Este local de residência do condado, e posteriormente da realeza e de grandes senhores e nobres, recebeu foral em 1096 pelo Conde D. Henrique. Atestado depois por outros reis que lhe ampliaram os foros, estes, autorizam feiras e mercados que permitiu que ao

longo do tempo fosse cimentado o povoamento das duas vilas e que essas se continuassem a desenvolver paralelamente.

Posteriormente D. Afonso III manda erigir a muralha que protegerá os dois núcleos e D. João I “ordenou que fossem ambos um só povo mediante a incorporação da “vila alta” num só concelho - doravante, Guimarães”³¹, e dessa forma vai uni-los numa única vila, conhecia contemporaneamente de “vila velha” (Fig.2). O burgo vimaranense era até então composto pela “Vila Alta”, termo este definido aquando D. Sancho demarca por esse nome o núcleo do castelo, circundando-o com uma cerca baixa, e pela “Vila Baixa”, organizada em redor do mosteiro. Depois da unificação das duas vilas por D. João I dá-se a destruição da, então já desnecessária, cerca transversal que as separava e decorria entre Porta da Garrida, a poente, e Freiria, a nascente.

A formação da nacionalidade ocorre veemente nesta vila de “vimaranes”, como confirmado por D. Afonso Henriques aquando da Batalha de S. Mamede. O mosteiro de Mumadona é no início do século XII convertido na Colegiada Real, passando a assumir um papel superior na hierarquia da instituições similares. Tanto por culpa das regalias que os primeiros reis lhe concederão, tanto por possuir uma imagem da Virgem Maria, considerada à época milagrosa, que cedo transformará a igreja em importante centro de romaria, factos que incentivarão a consolidação e expansão do burgo baixo envolvente. Segundo relatam Bernardo Ferrão com José Ferrão Afonso em meados do século XIII:

“(...)o aglomerado bipolar vimaranense possuiria já uma população de cerca de 2.250 habitantes vivendo em aproximadamente 500 casas, população essa que duplicará no final da centúria seguinte, incluindo-se neste apreciável quantitativo populacional as então localmente significativas colónias franca, moura e judaica. Será por certo, e dentre outras razões, esta significativa população, aliada ao desenvolvimento urbano contemporâneo que atrairão à vila, à imagem do sucedido também noutras cidades portuguesas então em formação, as ordens mendicantes de S. Domingos e S. Francisco.”³² Sendo que a primeira ordem se instalara inicialmente no extremo poente da malha urbana em 1271 e por sua vez a ordem dos Franciscanos estabelece-se, de forma interina, no lado sul da mesma malha urbana da vila baixa (fig.5).

Consequência do desenvolvimento económico-social do burgo ocorre a progressiva urbanização marginal da estrutura viária, que vem por sua vez justificar o aparecimento coincidente de diversas igrejas e capelas para seu serviço eclesial, definindo essa urbanização marginal e estes edifícios religiosos os núcleos iniciais do ordenamento urbano da Vila Baixa.

Da praça de frente do Mosteiro de Mumadona saíam as ruas que ligavam esta vila baixa a Braga, para noroeste, e para sudeste a rua que a ligava Amarante e Lamego. A partir

³¹ Maria da Conceição Falcão Ferreira - Uma rua de elite na Guimarães medieval (1376-1520). Guimarães: Câmara Municipal, 1989, p. 23.

³² Prof. Arq. Bernardo Ferrão com Dr. José Ferrão Afonso - A EVOLUÇÃO DA FORMA URBANA DE GUIMARÃES E A CRIAÇÃO DO SEU PATRIMÓNIO EDIFICADO, p.7

da vila alta, para nordeste, havia a rua que fazia a ligação a S. Torcato, Terras de Basto e Chaves. A unir estes dois pólos urbanos, que constituíram posteriormente a vila de Vimaranes, existia a rua de Santa Maria, que arrancava perpendicularmente à via que vinha de Braga e continuava para Amarante e Lamego, no conjunto habitacional da vila baixa até á porta Norte da velha cerca da zona alta do castelo.

De salientar que a estrutura viária existente e principalmente os arruamentos que faziam a conexão entre as principais edificações do pequeno burgo podem à luz dos dias de hoje parecer ininteligivelmente estreitas, mas à luz da época os seus perfis transversais eram tidos como suficiente. Esses arruamentos eram consequência da concepção espacial e das exigências funcionais da época. Só posteriormente com o desenrolar dos tempos, o aumento do tráfego, fruto do crescimento da cidade, que associado à construção de balcões, passadiços alpendres e sacadas, essas ruas tornam-se progressivamente desajustadas às suas funções. Neste período a habitação era estruturada de forma cerrada marginal ao longo dos percursos que estruturavam os núcleos urbanos, embora que existindo ainda edificações ou edificação isolada em lotes autónomos com a orientação das suas frentes desregulada, fruto da primitiva tradição urbanística medieval. Regularmente este tipo de construções era de piso térreo ou dois pisos em sobrado³³.

Nos finais do século XII e que se prolongou ao longo do século XIII, seguindo o que ocorria em Portugal e no resto da Europa, pode ter surgido no espaço urbano de Guimarães a nova tipologia da casa-torre.

Como já anteriormente referido, é então no reinado de D. Dinis, continuada e concluída por D. João I, que se desenvolve a segunda cintura de muralhas envolvendo as duas vilas, Alta e Baixa. Nos finais do século XIV, D. João I ordena a destruição da cerca alta que dividia a vila baixa da vila alta, guarnecendo a “nova” muralha com torres e ameias.

Esta nova cerca admite no seu traçado os principais arruamentos que para a vila convergiam e que perduraram do período anterior, outorgando-lhes passagem através das diversas portas fortalecidas com sistemas defensivos (Fig.1). Sendo elas então, começando na porta mais a norte encontra-se a Porta de Santa Bárbara, indo em direcção a sul pelo lado este da muralha tem-se a Porta da Freiria e a Porta da Senhora da Guia, a sul encontra-se a Porta da Torre Velha, a Porta de S. Paio e a Porta de S. Domingos, no lado oeste da muralha depara-se com a Porta de Santa Luzia e a Porta da Garrida, a norte da anterior. Esta última porta que se encontra a noroeste, juntamente com a Porta da Freiria a nordeste, nos pontos de encontro da antiga cerca da vila alta com a nova muralha, são a excepção das restantes portas no respeitante a admissão das antigas vias pré-existentes. A primeira dava acesso ao Campo de S. Salvador, onde se encontrava a capela de nome análogo, nos arredores na vila e a ela se ligava a rua da Infesta, rua superior da rua de Santa Maria. A Porta da Freiria era onde chegava a rua do Sabugal que arrancava da rua da infesta. Estes arruamentos

³³ Piso de casa, propriamente andar com balcão ou varanda saliente

facilitavam o acesso à zona dos Canos, localizados a norte do Castelo, bem como serviam também a população que trabalhava nas faixas agrícolas no interior e no exterior da cidade amuralhada.

O eixo de ligação Braga/Amarante/Lamego foi então interrompido pelo pano amuralhado da cidade em dois momentos. O primeiro dá-se na intersecção da via que vinha de Braga, no sentido noroeste/sudeste, com a muralha onde se encontrava então a Porta de Santa Luzia ou de S. Bento. De ressaltar ainda que junto a esta porta, perpendicular á via que vinha de Braga arrancava para noroeste paralelamente à muralha a estrada que fazia ligação à Póvoa de Lanhoso. O segundo momento vai originar a Porta Senhora da Guia, denominação dada a partir do século seguinte, de onde passou a arrancar a estrada em direcção a Amarante/Lamego.

A porta mais a norte da vila amuralhada é a Porta de Santa Barbara, que fazia a ligação com o Campo de S. Mamede (onde D. Afonso Henriques travara a batalha contra as tropas de sua mãe, D. Teresa, a 24 de Junho de 1128) e que dali iniciavam as vias de ligação à região de Chaves e de Basto.

Outra via com grande importância, que vinha de Vila do Conde até encontrar o terreiro extramuros, que mais tarde se vai chamar de Praça do Tournal, era guarnecida pela Porta de S. Domingos ou Porta da Piedade. Era por esta que os reis e outras dignidades faziam as suas entradas solenes na cidade de Guimarães. De salientar que este pórtico se denominava de Porta de S. Domingos por há época da construção da muralha se encontrar muito próximo desta a Igreja de S. Domingos, que posteriormente foi deslocada e reconstruída numa nova implantação para sudoeste como convento gótico de S. Domingos em 1323, por ordem de D. Dinis, devido ao facto do anterior imóvel se encontrar muito próximo da cerca.

Perto da anterior porta mencionada, e ainda ao longo do terreiro extramuros para sul, encontrava-se a Porta de S. Paio ou Porta Nova. Contigua a esta, na zona interior da muralha, havia o largo de mesmo nome. A esta porta vinha confluir a estrada que fazia ligação com Santo Tirso que seguia até ao Porto.

E por último, mais a sul, encontra-se a Porta da Torre Velha, que apesar de não defender uma via com tanta importância no âmbito regional, não deixa de ter a sua relevância. Portanto pode-se dizer a via que arrancava da Porta da Torre Velha e que passava junto a S. Francisco e aos Pelames, continuando até S. Martinho do Campo, onde actualmente ainda existe uma ponte romana, não deixa de ser menos importante, tendo esta simplesmente um carácter mais organizacional da muralha e da urbanização circundante à mesma.

Percebe-se que a rede viária do burgo começa então a desenvolver-se e a consolidar-se, quer a nível interno da cerca, quer a nível externo.

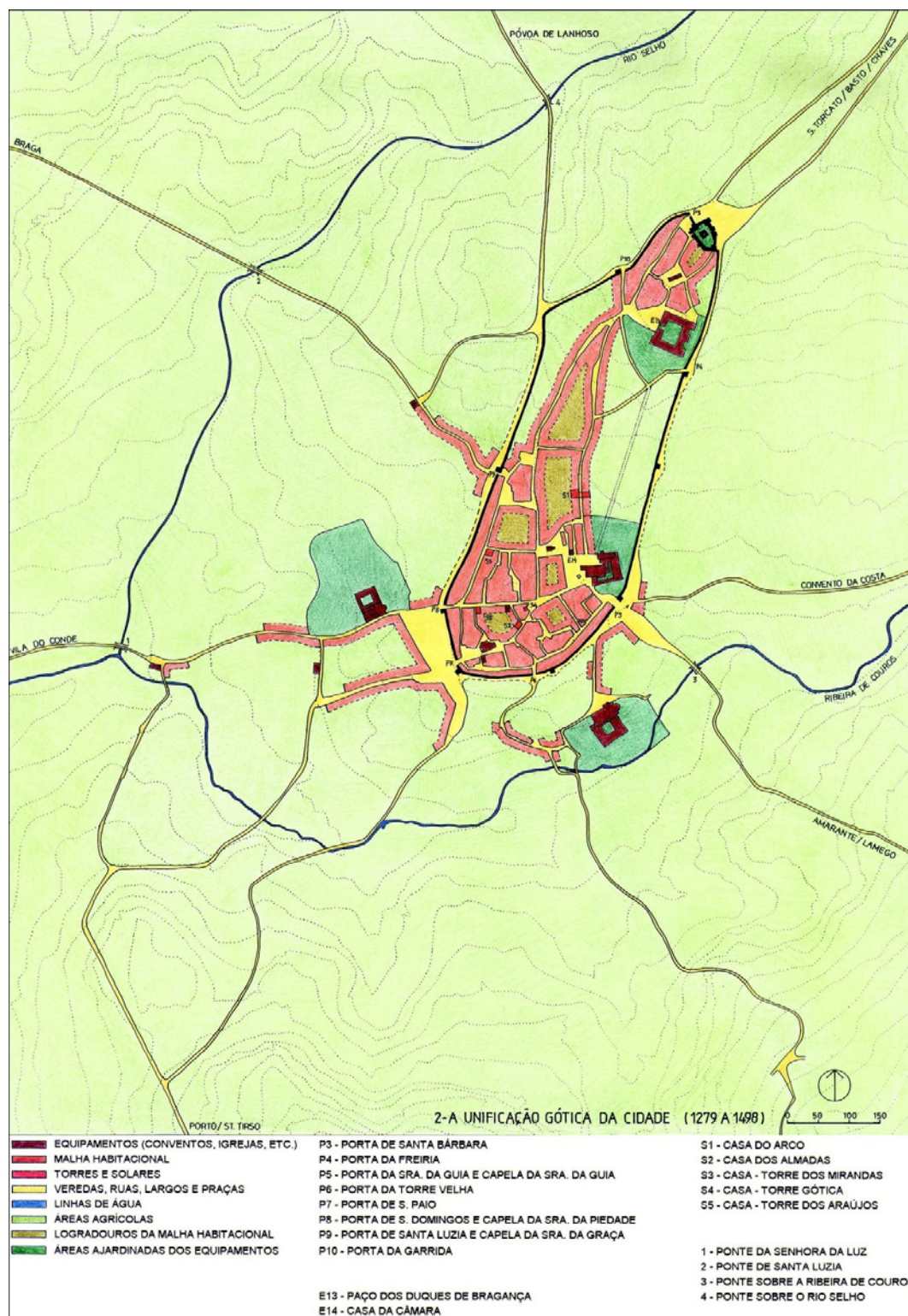


Fig.2 - Planta da Cidade de Guimarães (1279 a 1498)

Três núcleos principais se distinguíam no burgo cercado pela muralha, nos inícios do século XIV: na extremidade norte na cota mais elevada encontra-se o núcleo senhorial e militar; numa cota mais baixa que a do anterior núcleo tem-se o núcleo religioso e cívico, onde além da Colegiada e de outras construções religiosas; e daqui para poente e para sul, o

núcleo burguês e mercantil, junto às duas portas mais importantes do ponto de vista funcional. Neste núcleo existia o largo de S. Paio, que se organiza em torno da igreja de mesmo nome, existente já nos inícios do século anterior. De ressaltar que a área interna da muralha não era totalmente saturada pela malha habitacional, existindo zonas agrícolas, a sul da norte e a noroeste da Colegiada, e ainda praças, de S. Tiago e de Santa Maria de Oliveira (Fig.2).

No exterior do muralha, e na continuidade de alguns dos seus eixos principais, a maior parte dos aglomerados urbanos, vulgarmente denominados de «arrabaldes», em alguns casos são originários já do período anterior à muralha, cujo traçado vai influenciar a zona adjacente dando-se um novo evento urbanístico da formação de campos e terreiros. Nesse sentido convém mencionar então dois amplos rossios que se desenvolviam sudoeste e a sudeste da cerca, um dedicado a juntar os gados, o Toural, que como já referido se estendia desde a Porta de S. Domingos até à Porta de S. Paio, e outro destinado ao mercado, o Campo da Feira. Estes tornar-se-ão com o tempo espaços de comando do ordenamento urbano extramuros, começando pelo estabelecimento de instituições religiosas, como as dos Dominicanos e dos Franciscanos, ambas do século vindouro.

O convento de S. Francisco foi entretanto deslocado, pelos mesmos motivos que o de S. Domingos, para a posição que hoje ocupa. Esta mudança de lugar do convento origina consequentemente um espaço amplo entre a muralha e a fachada lateral norte do mosteiro. Devido à topografia do terreno anteriormente falado, com acentuado desnível, não é no imediato que se terá dado origem à criação de um terreiro, na área que posteriormente se irá designar de terreiro das Carvalhas, quanto muito provavelmente se tenha aberto um pequeno rossio na frente do templo. A rua de Trás do Muro fazia a ligação desse rossio com o núcleo cercado da cidade, partindo desde o lado norte do mosteiro até a Porta da Senhora da Guia. Ali encontrava a estrada que seguia para Amarante, que se alargou nessa zona, dando assim origem a um largo do Campo da Feira.

Uma outra rua pré-existente à muralha, da Mosqueira, que passando pelo local onde vai existir mais tarde a Porta da Torre Velha, deu origem à estrada já referida que seguia, ultrapassado o rio de Couros, para Negrelos. Esta rua vai influenciar o aparecimento posterior da Alameda tal como hoje a conhecemos. No extremo Sul da referida rua desenvolveu-se, junto ao rio, o núcleo industrial dos Pelames, o mais importante da vila medieval. Esta zona desenvolve-se, quando o traçado inferior da rua se passou a denominar de Couros, núcleo estruturante do subúrbio do mesmo nome, onde os sapateiros, surradores e curtidores que trabalhavam nos curtumes edificaram as suas casas. (Fig.2) Na proliferação deste arrabalde, deve-se ter em conta dois aspectos importantes, o primeiro é a constatação da aproximação da povoação ao rio, tal como se sucedeu em outras cidades na mesma época, e o segundo, o tipo de urbanização aí erigido, semelhante ao existente na zona baixa intra-muros, labiríntico e não planeado. Encontra-se então aqui presente uma forma de “projectar” o tecido urbano característico de um determinado período histórico, mais do que resultado de uma qualquer condicionante física, neste caso, a falta de espaço que teria provocado esse desordenado e

amontoado urbano intra-muros. Esta falta de espaço, não existia realmente anteriormente, e as duas zonas tipo de desenvolvimento urbano no interior da muralha são prova disso mesmo, coexistindo essas manchas urbanas com amplas áreas agrícolas e logradouros da malha habitacional.

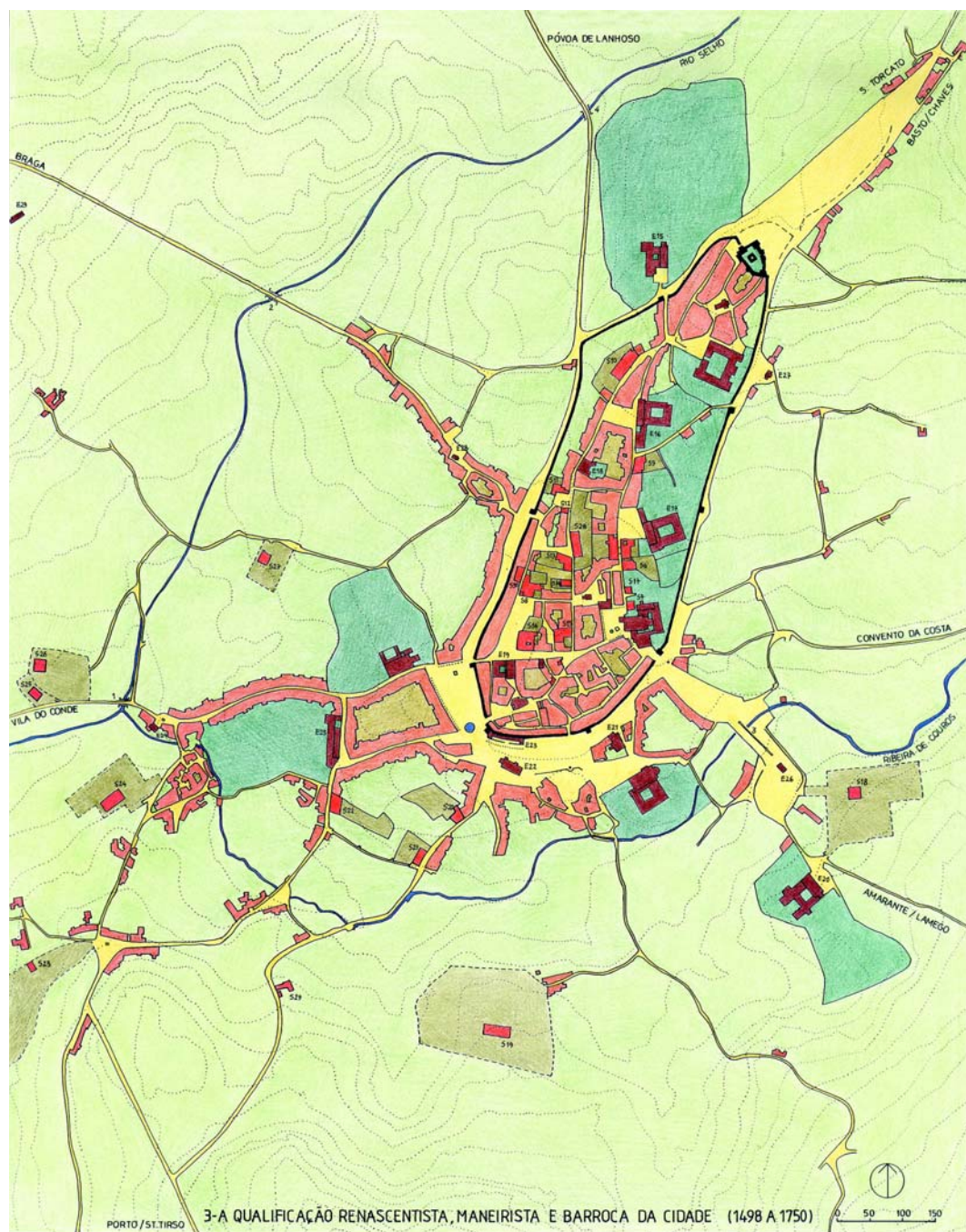
Na outra direcção de expansão urbana, para sudoeste, da zona da vila baixa onde se virá a localizar a área de estudo desta dissertação, o declive topográfico difere do lado de S. Francisco. Contrariamente a este as condições topográficas são mais favoráveis, tendo um declive bem menos acentuado, abre-se um terreiro adjacente ao lado exterior da cerca, entre as Portas de S. Domingos e S. Paio. As frentes urbanas das habitações dispõem-se ao longo das ruas que confluíam ao terreiro, sendo elas, a norte a rua dos Gatos que conduzia a Vila do Conde e a sul a que conduzia ao Porto, pela rua da Caldeiroa e das Molianas. Por sua vez o Convento de S. Domingos, encontra-se na margem norte da rua dos Gatos, que como referido anteriormente confluía no terreiro adjacente a muralha (Fig.2). Assim a população vai-se fixando junto às principais vias extramuros que ligavam a outras cidades, bem como repovoando o interior da cerca e nesta época não deixa de ser excepção.

Na zona extramuros ressalta a organização de quarteirões com frentes urbanas voltadas para a estrada que arrancava da Porta de Santa Luzia e ligava a Braga, "*sendo de crer que, no final do século XIV, a habitação se organizasse já aí em duas frentes contínuas, correspondentes às duas margens da estrada.*"³⁴ O mesmo ocorre dentro das muralhas, onde exceptuando uma ou outra rua, o pano de edifícios que flanqueiam as ruas de correm-nas forma continua.

No interior da muralha, na zona norte, a rua do Castelo transformou-se na mais importante da cerca velha. Com as transformações ocorridas, a zona a oriente da Igreja de S. Miguel perdeu importância urbana, que aliado ao despovoamento que, a partir dos finais do século anterior, se verificou na Vila Alta, pode explicar a possibilidade de implantação nessa zona do burgo, no início do século XV, da monumental volumetria do Paço dos Duques. Deste paço era proprietário então, o primeiro Duque de Bragança D. Afonso, que para mostrar a sua afirmação como bastardo poderoso, erigiu este edifício.

A partir de finais do século XVI, com a transferência da corte ducal para Vila Viçosa, o Paço entra em decadência e acaba por se arruinar. Só veio a ser recuperado muito posteriormente, passando a adquirir funções museológicas. Neste período mantém-se a importância de Guimarães como eixo viário, existindo contudo uma tendência para a consolidação de ligações de curto alcance entre povoações vizinhas, em detrimento do tipo de vias que ainda em grande parte da fase antecedente a uniam a centros mais afastados. Este facto fica-se também a dever ao crescente protagonismo de povoações antigas como Vila do Conde, mais recentes como Amarante, ou à fundação de novas, caso de Vila Nova de Famalicão.

³⁴ Prof. Arq. Bernardo Ferrão com Dr. José Ferrão Afonso - A EVOLUÇÃO DA FORMA URBANA DE GUIMARÃES E A CRIAÇÃO DO SEU PATRIMÓNIO EDIFICADO, p.20



<ul style="list-style-type: none"> ■ EQUIPAMENTOS (CONVENTOS, IGREJAS, ETC.) ■ MALHA HABITACIONAL ■ TORRES E SOLARES ■ VEREDAS, RUAS, LARGOS E PRAÇAS ■ LINHAS DE ÁGUA ■ ÁREAS AGRÍCOLAS ■ LOGRADOUROS DA MALHA HABITACIONAL ■ ÁREAS AJARDINADAS DOS EQUIPAMENTOS ■ JARDINS DOS SOLARES 	<ul style="list-style-type: none"> E15 - CONVENTO DOS CAPUCHOS E16 - CONVENTO DO CARMO E17 - CONVENTO DE SANTA CLARA E18 - RECOLHIMENTO DAS TRINAS E19 - MISERICÓRDIA E20 - CONVENTO DAS CAPUCHINHAS E21 - IGREJA E HOSPITAL DE S. DÁMASO E22 - IGREJA DE S. SEBASTIÃO E23 - ALFANDEGA E24 - CAPELA DE S. LÁZARO E25 - CONVENTO DAS DOMINICAS E26 - CAPELA DE N.S. DA CONSULÇÃO 	<ul style="list-style-type: none"> E27 - CAPELA DE SANTA CRUZ E28 - CAPELA DE SANTA LUZIA E29 - IGREJA DE N.S. DA CONCEIÇÃO S6 - CASA BURGESA MANUELINA S7 - CASA BURGESA MANUELINA S8 - CASA DOS CAMACHOS S9 - CASA DOS VALADARES - I S10 - CASA DO CARMO S11 - CASA DOS LARANJAIS S12 - SOLAR URBANO 	<ul style="list-style-type: none"> S13 - CASA DOS PORTUGAIS S14 - CASA DOS VALADARES - II S15 - CASA DOS ALMEIDAS S16 - CASA DOS COLTOS S17 - CASA DOS PEIXOTOS S18 - CASA DE VILA POUCA S19 - CASA DE VILA FLOR S20 - CASA COELHO NOGUEIRA S21 - CASA DOS LOBATOS S22 - CASA DE CIMAES S23 - CASA DO COSTEADO S24 - CASA DAS LAMEIRAS 	<ul style="list-style-type: none"> S25 - CASA DA GRANJA S26 - CASA DOS POMBAIS S27 - CASA DO PROPOSTO S28 - CASA NAVARRO DE ANDRADE S29 - CASA DOS CÃES DE PEDRA S30 - CASA DOS ARAUJOS 1 - PONTE DA SENHORA DA LUZ 2 - PONTE DE SANTA LUZIA 3 - PONTE SOBRE A RIBEIRA DE COURO 4 - PONTE SOBRE O RIO SELHO
---	---	--	--	---

Fig. 2 - Planta da Cidade de Guimarães (1498 a 1750)

Nas tipologias habitacionais verifica-se a permanência de modelos anteriores, embora a criação de novas ruas traga consigo a tendência para uma normalização dos lotes. É ainda

neste século que se iniciam os trabalhos para o novo paço do conselho em posição lateral entre as duas mais notáveis praças da cidade, a de Santa Maria e a de S. Tiago. Este novo paço alpendrado, que permitia então a circulação entre as duas praças anteriormente mencionadas, é um facto novo e de grande significado em termos urbanos, pois articulam entre si os dois pólos cívicos e económicos da cidade de então.

A instituição de várias capelas na Colegiada, e a remodelação de outras já existentes, é prova de desafogo económico existente na época, em que a burguesia se encontra enriquecida pelo comércio e até por vezes enobrecida. É edificada, junto à porta de S. Domingos, a sede da Misericórdia, que fora erigida com a pedra do muro mandado construir pelo Duque D. Fernando II em finais do anterior que contornava a vila velha, e é ainda fundado o Convento de Santa Clara. As casas-torre, já anteriormente mencionadas, sofrem uma nova expressão, onde é dada uma maior atenção às condições de conforto dos moradores. Estes edifícios habitacionais são mantidos como símbolo de nobreza, junto dos quais a aristocracia edifica as suas estruturas residenciais.

Com as fachadas principais cuidadosamente tratadas e aparelhadas em cantaria de granito, de dimensões pequenas, obedecem a uma regularização do loteamento urbano com o nivelamento da linha das frentes e alturas, compostos então por piso térreo e um ou dois pisos a cima avarandados.

No restante conjunto habitacional, que continua é a grande maioria do tecido urbano, a madeira e a taipa, assente sobre o piso térreo em pedra são os materiais mais utilizados, e este tipo de habitação foi-se multiplicando.

Na zona extramuros, entre a porta de S. Domingos e o Postigo de S. Paio, começa a ganhar ênfase uma praça onde se realizavam eventos teatrais e corridas de touros. Esta praça é enobrecida no seu extremo sul pela construção de um chafariz e a norte por um cruzeiro. Esta praça com uma implantação isenta, ao contrário do que acontecia nas restantes praças da cidade, pois não se encontrava associada a algum convento, vem criar um facto urbano novo. Na continuação para sudeste da praça encontrava-se o terreiro de S. Sebastião, contíguo á paroquia de mesmo nome, que fora construída em frente à Torre da Alfandega. Continuando para Este desta entramos na zona das Carvalhas de S. Francisco que foi consolidado com pela edificação em frente á alfandega, devido ao aumento populacional da zona e o desenvolvimento urbano que continuava para sul.

Devido ao grande desnível topográfico existente entre a muralha e o “subúrbio” de Couros é construído um muro de contenção de terras no princípio da rua de Couros, onde foi colocado o pelourinho.

No século XVII, edificou-se para oriente do terreiro das Carvalhas o hospital e a igreja de S. Dâmaso com a sua frente voltada para a designada rua de S. Dâmaso que vinha da Porta da Senhora da Guia e que fazia o acesso ao Convento de S. Francisco. Continuando para oriente encontramos o medieval Campo da Feira onde é construída uma ponte de pedra sobre a ribeira de Couros. No extremo oposto da cidade e sobre o outro recurso hídrico que ladeava a cidade, o rio Selho, é erigia uma outra no mesmo ano, a ponte de Santa Luzia. A construção

destes dois equipamentos viários demonstra o cuidado no melhoramento da rede viária das proximidades da Vila. O cuidado com o arranjo das ruas, desgastadas pelo aumento contínuo de tráfego entre a povoação e os subúrbios ao longo de todo o século é denunciador das áreas de maior desenvolvimento urbano. Este arranjo não se ficou única e exclusivamente pelas ruas e praças do interior das muralhas, estendeu-se para o exterior deste, para as ruas de ligação da povoação interior do muro. Concluem-se os trabalhos da construção do novo paço do concelho, o que vai conseqüentemente impor a normalização da praça adjacente a norte ao paço, a praça de S. Tiago. Nesta são realizadas obras de renovação e demolição de alguns edifícios junto à primitiva capela românica, da qual não existem grandes referências. É construída a Alfândega, equipamento onde todas as pessoas que fossem desconhecidas da vila desejassem comercializar os seus produtos teriam de expô-los primeiramente em público. A primitiva localização de um equipamento deste tipo era na praça da Oliveira, na zona intramuros, mas este fora destruído por um incêndio, passando então para o lado de fora da muralha, no início do século, em frente à igreja de S. Sebastião, no local onde confluíam os principais e mais importantes acessos viários à vila. O "*fachadismo*", fenómeno renascentista, começa a ganhar contornos mais bem delineados na cidade, e as frontarias são especialmente cuidadas, tanto através dos brasões que as habitações passam a ostentar, presentes a partir do século anterior, quer pela atenção posta na decoração das aberturas e na cantaria cuidadosamente aparelhada. Entre as habitações mais típicas do estão as casas designadas de "filipinas", de três pisos, loja e dois sobrados, apresentam, no piso térreo, molduras em cantaria de sobriedade clássica e os sobrados são edificados em taipa, onde as madeiras substituem a pedra em desenhos semelhantes. Em frente à Misericórdia rasga-se de uma praça. Esta praça ou terreiro originou a demolição demorada do miolo construído entre as ruas medievais, ficando assim limitada na sua totalidade por traçados habitacionais de origem medieval e, que rapidamente classe alta vimaranense para construção das suas habitações. Foram fundados o Convento dos Capuchos, em frente à Porta da Garrida, dois conventos femininos, o das Dominicãs ou de Santa Rosa de Lima, e o das Capuchinhas, a sul do Campo da Feira, junto da estrada para Amarante. Como se pode perceber os dois são erigidos em zonas de expansão urbana que vão ajudar a consolidar e fomentar.

É ainda erigido o Convento do Carmo, situado entre o paço do Duque de Bragança, a norte, e o já mencionado Convento de Santa Clara. Este conjunto de grandes volumetrias continuou a bloquear o desenvolvimento urbano no interior da muralha para oriente, pois os terrenos contíguos aos mesmos foram continuamente usados para produção agrícola.

De reter um facto interessante que ocorre nesta fase em que uma dispersão dos principais equipamentos de índole pública, até então concentrados no núcleo central do burgo eclesiástico. É trasladado o mercado do peixe para norte, para a então renovada praça de S. Tiago, os matadouros deslocam-se para Sul, a Alfândega muda-se para fora da muralha junto à nova Igreja de S. Sebastião, o Pelourinho teve uma nova implantação, em frente ao "arrabalde" de Couros. Os elementos marcantes da era moderna, monumentos se assim se quiser designar, fazem parte também neste fenómeno de dispersão, com novas implantações

e novos significados. Exemplo disso o padrão de S. Lázaro que sofreu também uma trasladação e o chafariz do Toural que se assume como um ícone na zona fora da muralha (fig. 3). Próximo deste chafariz vai erigir-se a igreja de S. Pedro, no largo no Toural. Largo que se assume a parti do século XVIII como praça barroca, hierarquizada pelo templo de S. Pedro que era confinado por várias casas nobres. Esta praça só estará completa e resolvida nos finais do século, com a construção da designada frente pombalina do Toural, a nascente da praça (fig. 4) Possivelmente o edifício habitacional mais importante da estética barroca em Guimarães é a obra edificada pelo académico Luís Tadeu, o Palácio de Vila Flor. Este encontra-se situado exposto na encosta dominando toda a vila e coroando um conjunto teatral de patamares ajardinados. O palácio é peça importante de um conjunto de conventos e casas, jardins e cercas, que pontuou, todo o limite exterior da vila, expandindo-o para além da zona de Couros, determinando linhas futuras de desenvolvimento da cidade.

Privilegiava-se a continuidade em detrimento da ruptura na forma como se abordava a actuação nos edifícios pré-existentes. A evolução pautou-se por um repensar das matrizes e esses significativos padrões assentam nos eixos geradores e fundadores de toda a envolvente urbana.

As estradas de serventia à vila continuam a conservar a sua importância nesta época, não se conferindo alterações de maior na sua estrutura. Existe contudo uma implementação da abertura de novos caminhos e melhoramento de antigos nos arredores da povoação. Na sua maior parte conservam características rurais, ligando a casas nobres e conventos e articulando-se com as estradas pré-existentes. Ao longo deles, e sobretudo nos seus pontos de contacto com as vias principais, vão-se pausadamente fixar novos núcleos populacionais.

Desta forma permanecem inviolados os principais eixos de desenvolvimento, centradas na rede viária, porém geram novos eventos urbanísticos ao longo do seu trajecto, numa primeira fase que se pode designar de renascentista e maneirista dentro de muros ou na sua imediata proximidade, numa segunda, já barroca, em que se deu a expansão para além dos limites urbanos (fig. 4).

Desta forma permanecem inviolados os principais eixos de desenvolvimento, centradas na rede viária, porém geram novos eventos urbanísticos ao longo do seu trajecto, numa primeira fase que se pode designar de renascentista e maneirista dentro de muros ou na sua imediata proximidade, numa segunda, já barroca, em que se deu a expansão para além dos limites urbanos (fig. 4).

Desta forma permanecem inviolados os principais eixos de desenvolvimento, centradas na rede viária, porém geram novos eventos urbanísticos ao longo do seu trajecto, numa primeira fase que se pode designar de renascentista e maneirista dentro de muros ou na sua imediata proximidade, numa segunda, já barroca, em que se deu a expansão para além dos limites urbanos (fig. 4).

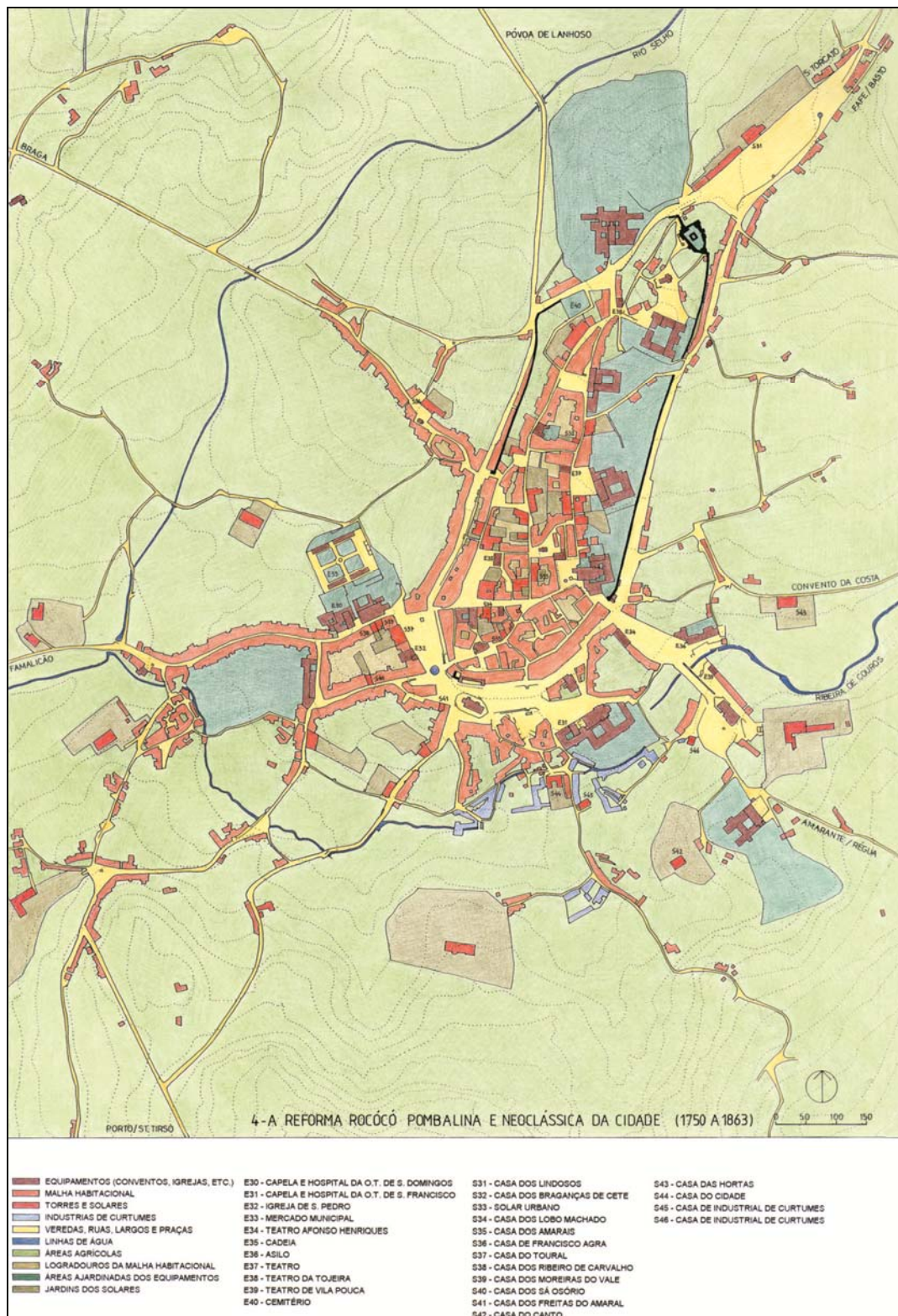


Fig. 3- Planta da cidade de Guimarães de 1750 a 1863

Com a reforma pombalina, que procurava a normalização e criação urbanas de maior relevância, ocorre em Guimarães um evento de grande importância em termos urbanísticos,

que se prende com a destruição pontual muralha, o que vai possibilitar uma interacção mais directa entre as zonas de fora e de dentro das muralhas. Nesta política reformista ao longo cria-se legislação que influenciava fortemente as construções, principalmente nas frentes urbanas das ruas das principais ruas da Vila. De entre essa legislação salientam-se o Código de Posturas, que estabelece matrizes de regularização dos alçados, e uma Provisão Real, que determina um maior rigor nos alinhamentos das vilas e cidades. A vila de Guimarães ansiava por um “plano e risco” fornecido pela Câmara.

Nos finais do século XVIII e início do XIX em Guimarães e na sua zona circundante ocorre um grande desenvolvimento económico, sobretudo graças a uma forte aceleração industrial nas áreas tradicionais dos curtumes, da cutelaria e da têxtil, como se pode observar na fig. 5. Estabelecidas no antigo arrabalde de Couros, foram um importante factor do desenvolvimento urbano na zona. Como hábito na época o proprietário da unidade industrial construía junto a esta a sua habitação, de linhas clássicas, planta em «U» e grandes dimensões, corresponde a uma nova tipologia urbana, a do palacete burguês.

Nesta época começam a ganhar força as preocupações higienistas e assistenciais, levam ao surgimento sobretudo de hospitais e mercados. Os primeiros estão nos estabelecimentos das Ordens de S. Domingos e S. Francisco, de salientar ainda a transferência do antigo Hospital da Misericórdia para o Convento dos Capuchos. No segundo as primeiras tentativas de criação de uma Praça de Mercado, que disciplinasse e concentrasse os inúmeros mercados e feiras que na vila em vários locais, anarquicamente se realizavam, e permitisse uma melhor vigilância das condições de higiene dos produtos, sobretudo alimentares, que aí se vendiam. Na planta de 1863 denota-se já definida a área denominada de Praça Nova, ou Mercado, onde mais tarde se vai erguer o mercado.

A localização destas infra-estruturas públicas tornou-se possível devido à extinção das ordens religiosas, que desta forma permitiram a utilização dos edifícios conventuais e dos grandes espaços das suas cercas adjacentes para outras utilidades, como hospitais, quartéis, tribunais, escolas e instituições assistenciais.

Desta época datam também algumas medidas legislativas de cunho “moderno” em termos urbanos, que obedeciam sobretudo a razões de fiscalidade, como a numeração das casas e a indicação do nome das ruas.

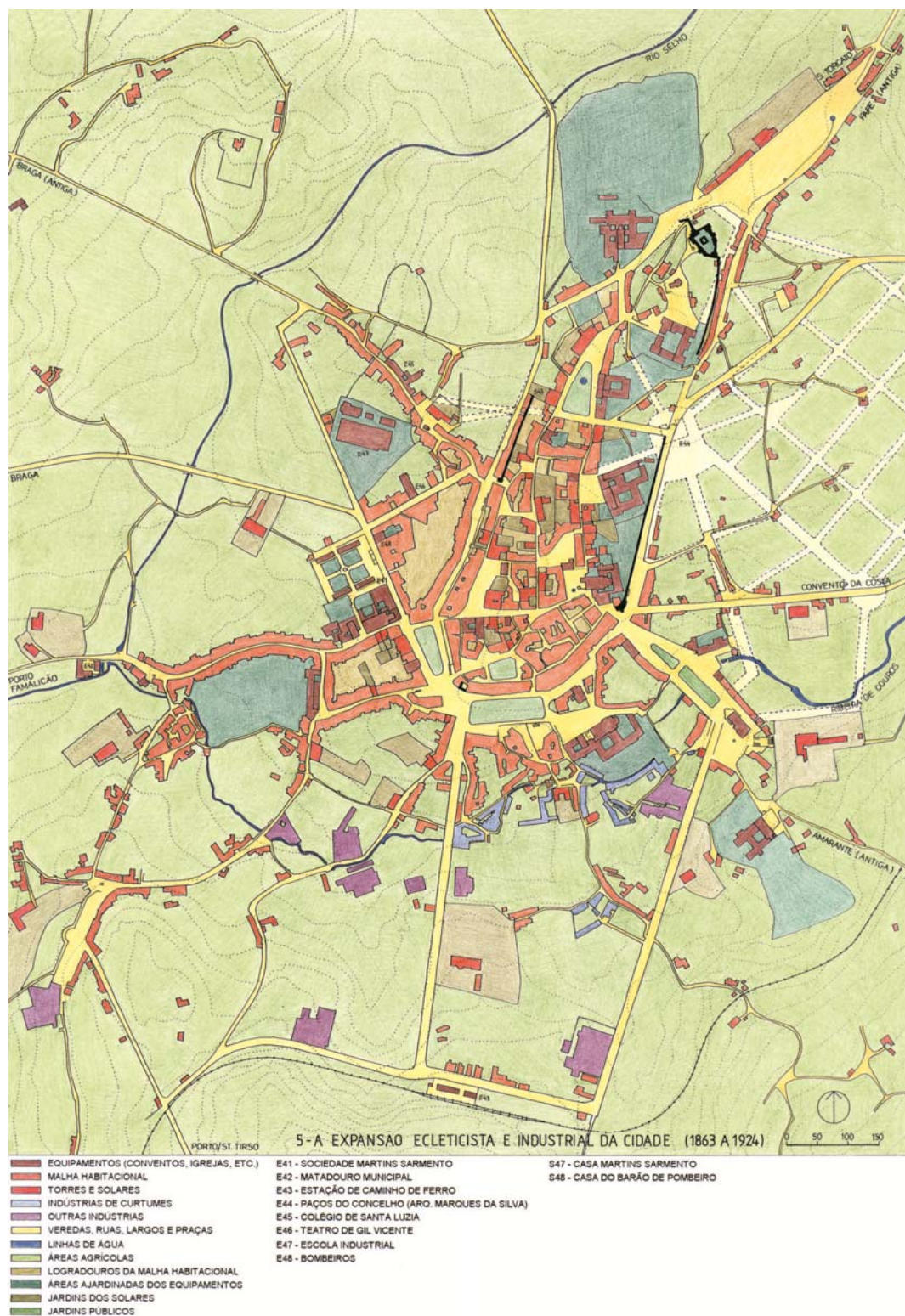


Fig. 4 - Planta da cidade de Guimarães de 1863 a 1924

Ocorre a instalação definitiva de um regimento militar em Guimarães, que se vai albergar no até então Paço dos Duques. Esta instalação militar vai de certo modo fazer revitalizar a zona da Vila mais próxima do castelo, que teria sido um pouco esquecida em

termos urbanos até então, constrói-se o primeiro teatro de raiz em Guimarães, ao qual foi chamado de D. Afonso Henriques, na ala sul do Campo da Feira e é atribuída à Vila de Guimarães o título cidade.



fig. 5 - O Teatro D. Afonso Henriques

Guimarães vai-se transformando impulsionada pelo desenvolvimento urbanístico e económico. Abrem-se arruamentos, alargam-se praças, fazem-se alinhamentos, constroem-se passeios e fazem-se escoamentos de águas. A rede viária, que ganha cada vez mais importância para escoar os produtos das indústrias e do comércio entre o interior transmontano e o litoral, manteve no geral a sua traça medieval, embora sofrendo alguns trabalhos de renovação, essencialmente na ligação com as principais cidades como Braga, Fafe e Lixa. E ainda novas ligações ao Porto por Vila Nova de Famalicão, a Vizela e a Lanhoso.

Elabora-se uma minuciosa planta da cidade, que irá ordenar os novos melhoramentos, na procura de mudança, de embelezamento e numa vontade e um anseio de transformação que se reflecte na tentativa de modificar a cidade, mas a apatia adquirida ao longo dos tempos cria resistências à mudança. Essa planta designou-se de "Plano de Melhoramentos". Iniciava-se assim um processo de planeamento urbanístico, que se reflecte na cidade. Contudo, o carácter desta planta era estanque, não prevendo a criação de qualquer zona de futura expansão, actuando apenas sobre as pré-existências urbanas, como alinhamentos de ruas, terraplanagens e regularização de praças, rompimento de novas artérias com as consequentes e necessárias demolições, introduzidas pelas novas preocupações higienistas e de circulação do urbanismo. Ainda neste plano é apresentado um conjunto de ideias de salvaguarda de património edificado, tais como o Paço dos Duques, a Igreja de S. Miguel do Castelo, e o Castelo de Guimarães, o que demonstra as preocupações patrimoniais dos urbanistas oitocentistas e hierarquia de valores. Embora, nem sempre essas ideias foram

suficientemente absorvidas, de forma que se assistiu à demolição de alguns monumentos, tais como as igrejas de S. Sebastião, de S. Paio e de S. Tiago.

Na zona baixa da cidade, o Toural e áreas adjacentes continuam a ser ponto de chegada e partida das mais importantes ligações viárias de Guimarães, facto que é confirmado pela concentração neste local das estações públicas de diligências. A rua, que posteriormente, será denominada de Paio Galvão, é aberta aquando da demolição de uma saliência do Convento que impedia o seu correcto alinhamento.

Criam-se ainda os primeiros espaços verdes públicos em Guimarães, mais concretamente em S. Francisco e no Toural (figuras 7 e 8, respectivamente). Este é um fenómeno de oitocentos que se demarcou um pouco por todo o país, a partir do celebrado Passeio Público lisboeta, actual Avenida da Liberdade.



fig. 6 - Terreiro da igreja de S. Sebastião (Alameda). Em primeiro plano, secagem dos couros, século XIX

A par da industrialização ocorrida em Guimarães surge a necessidade de formação para qualificar a mão-de-obra para a indústria, sendo criada a Escola Industrial, na zona a norte da praça do Mercado. Segundo as preocupações higienistas é construído junto a Santa Luzia um Matadouro Público, em substituição aos açougues de origem medieval.



fig. 7 - Jardim do Toural (1888)

Na parte alta da cidade a maior intervenção ocorrida prende-se com a destruição de núcleo de edifícios a fim da abertura do largo do Carmo.

Em termos de habitação, uma multiplicidade de tipologias que vão desde o palacete e a moradia burgueses até ao prédio de rendimento. Muitas vezes rodeados de jardins que, por vezes avançam até ao nível da rua, a dimensão dos seus lotes e a altura dos alçados é variável, o que é explicado pela sua implantação em zonas recentemente urbanizadas. Mais uniformes são as dimensões dos prédios de rendimento como os da frente urbana da Alfândega, que fora destruída, com belíssimos azulejos recobrimo as fachadas, novo elemento de reconversão e revalorização urbana.

Extrapolando, a sul, um pouco os limites do que era a cidade vimaranense, surge a ligação ferroviária Guimarães/Lousado, levando o desenvolvimento urbano para uma zona da cidade que não estava previsto crescimento. Este novo meio de transporte possibilitou um mais rápido escoamento da produção vimaranense para toda uma rede nacional, transformando a cidade numa metrópole de importância regional. A estação constrói-se nos antigos terrenos agrícolas da Quinta de Vila Flor, e duas novas artérias se rasgam para conectar a nova estação férrea com o centro cidade, sendo elas a Avenida da Industria, a oeste da estação, que a ligava ao Campo da Feira, e a Avenida do Comércio.

Extrapolado que foi o limite formado pelas fábricas da zona de Couros, e com as novas Avenidas então criadas dá-se a aproximação da cidade à Penha, assim como a canalização do trânsito proveniente de Santo Tirso e Porto por essas duas novas vias.



fig. 8 - Vista geral de Guimarães. Fotografia de Francesco Rocchini século XIX

Nos inícios do século XX, a confirmar o carácter de metrópole regional que a cidade de Guimarães adquirira, desenvolvem-se uma série de melhoramentos ao longo do século, entre os quais, ganham principal destaque a inauguração da rede de iluminação eléctrica, e o sistema de abastecimento de água canalizada, proveniente das nascentes da serra da Penha.

Com a proclamação da República, a edilidade vimaranense cria, uma Comissão Executiva, na sequência da publicação do novo Código Administrativo, e da sua actividade resultam extensos planos de melhoramentos municipais, embora alguns nunca cheguem a ser realizados, como por exemplo, a criação de uns novos Paços do Concelhos, cujo vencedor do concurso para o novo edifício foi o Arquitecto portuense Marques da Silva.

É elaborado pelo Capitão Luís de Pina um "Plano Geral de Alargamento da Cidade", destinado a orientar a partir de uma praça (Praça de Mumadona) o crescimento de Norte para Sul, segundo um traçado rádio-concêntrico, como se consegue vislumbrar na figura seguinte, com a qual se estruturava um prolongamento para Norte em quarteirões rectangulares, algo semelhante ao que pela altura se fazia no Porto.

O plano desenvolveu-se sobretudo através de três avenidas, formando uma pata de ganso, que estruturaram todo o sistema. Uma desenvolvia-se mais a ocidente, paralelamente e adjacente à muralha até à Senhora da Guia, outra, a central, em posição axial em frente aos novos Paços de Concelho, cuja apenas se construíram as fundações da obra do arquitecto Marques da Silva, arrancando para sul até a rua Dr. José Sampaio, eixo acesso para o Convento da Costa e para o Campo da Feira, impondo a demolição do bairro oitocentista de Vila Pouca, e a outra, a rua mais a oriente e exterior da pata de ganso terminava também na rua Dr. José Sampaio. Para nascente desta última rua desenvolvia-se uma malha ortogonal formada por vias perpendiculares entre si que se desenvolvia até à zona dos Canos de Cima e de Baixo. Ainda da praça ou rotunda proposta em frente à Câmara de Marques da Silva paralelamente à implantação, para ocidente, abria-se uma via até a praça de Santa Clara, e para oriente uma outra que levava ao liceu.



fig. 9 - Ampliação e Renovação Moderno-Monumental da cidade (1926 a 1974)

O plano colocava em igual importância a nova Câmara de Marques da Silva e a “colina sagrada”³⁵, com a integração do edifício numa perspetivação ortogonal.

Como se consegue perceber, este novo plano não era estático, contrariamente ao seu plano antecessor, pois neste Luís Pina defende que não se deve apenas intervir nas pré-existências da cidade, antes prever a criação de uma área de expansão urbana, e segundo o mesmo, nesse plano menciona que a cidade, “(...)engarrafada entre as duas linhas paralelas da velha muralha tinha necessidade de romper esse renitente obstáculo e de sair dele de uma forma rasgada, com amplitude, ar e luz...”. Denota uma evolução no que concerne ao respeito e sensibilidade pelo património, nas palavras de Luís Pina é necessário “(...) conservar o velho burgo, com o carinho que merece o que é antigo e tradicional(...)”.

Esta inovação e revolução urbanística chega política e temporalmente desfasada a Guimarães, conseqüentemente a realização integral da proposta foi posta em causa na sua fase inicial, impossibilitando desta forma a reconstrução das frentes urbanas ambicionadas por Marques da Silva e Luís de Pina para os novos arruamentos do bairro planeado.

É publicado o decreto que substitui as vereações municipais por Comissões Administrativas, a quando a instituição da ditadura militar, com o movimento militar chefiado por Gomes da Costa. Apesar da passagem de testemunhos na chefia do pelouro das obras públicas vimaranenses, a construção dos Paços do Concelho prosseguiram, e ainda foram lançados um conjunto de novas obras municipais, tais como a construção de bairros sociais, renovação da praça de S. Tiago e preocupação com os aspectos monumentais de Guimarães, sobretudo a reabilitação dos edifícios históricos e seu aproveitamento turístico.

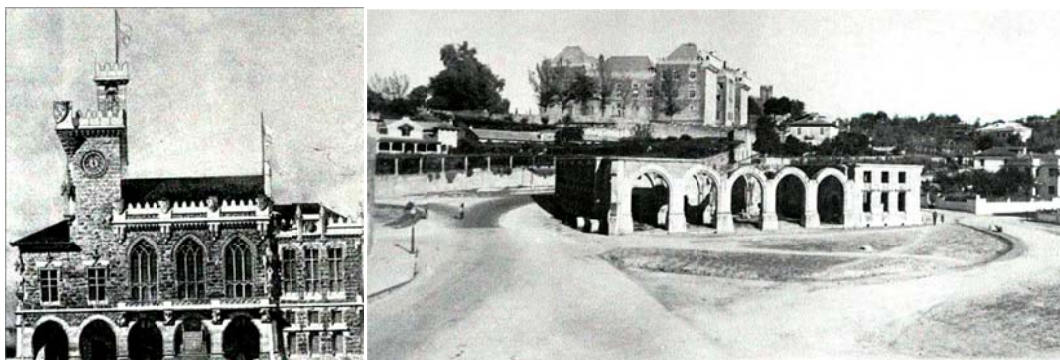


fig. 10 - Projecto da Fachada principal e aspecto das obras do edifício destinado a Paços do Conselho de Marques da Silva (1950)

Nesta política de reabilitação dos edifícios históricos e preocupação com os aspectos monumentais, é aprovada a expropriação da zona envolvente do Castelo, Capela de S. Miguel e Paços dos Duques.

³⁵ Descrito na sua memória descritiva do plano de 1925, do capitão Luís de Pina, como sendo o conjunto formado pelo Castelo, Paço dos Duques e Capela de S. Miguel, e que eram parte integrante. Segundo a memória descritiva, essa zona “...deve ficar livre dos velhos casebres e quintais de forma a constituir um terreiro de qual livremente se admirem as elegantes formas dessas relíquias do passado...”

Com a aproximação das comemorações do oitavo centenário da Independência de Portugal, o Berço da Nação ganha força como sendo um dos palcos principais para as comemorações, e são então, num Plano de Urbanização, delineados as principais obras para a cidade, essencialmente na zona do Castelo, missão entregue ao urbanista da Câmara Municipal de Lisboa Faria da Costa, que contou ainda com a colaboração de Marques da Silva.

Neste plano foram uma prioridade do regime para as celebrações dos três Centenários (1140 - Ano do Nascimento, 1640 - Ano do Renascimento e 1940 - Ano Apoteótico do Ressurgimento) a colina sagrada da cidade berço e os seus monumentos, sendo o Castelo, os Paços, e a Igreja de S. Miguel, limpos e restituídos à sua autenticidade, numa procura de emoldurar e evidenciar as origens da formação da nação.

O projecto incluiu a colocação, junto ao Paço dos Duques da estátua de D. Afonso Henriques de autoria de Soares dos Reis, originalmente colocada em S. Francisco, transportada depois para o Toural por ordem de Mariano Felgueiras e, finalmente, implantada na sua posição actual a tempo das Comemorações Centenárias.

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (D. G. E. M. N.) do norte induziu a interrupção dos trabalhos dos Paços do Concelho de Marques da Silva e como solução a adaptação dos Paços dos Duques a edifício municipal, justificando o seu abandono com o custo excessivo da obra, o excesso de pormenores ornamentais. Iniciou-se a demolição do edifício, que segundo Duarte Pacheco e António Ferro, executantes das ideologias de arquitectura moderna do regime, o revivalismo historicista de Marques dos homens da primeira República não se enquadrava nessas novas ideologias.

Inicia-se a abertura da rua que prolongava a rua Gil Vicente até encontrar a estrada nacional de ligação a Famalicão, denominada inicialmente de avenida dos Pombais e depois de Conde Margarida. Esta construção surge da petição da Comissão Administrativa da freguesia de S. Paio, à qual a câmara não foi indiferente. Desta petição é também a solicitação da construção de um Mercado Municipal. Este será construído no local da antiga praça, tendo um primeiro projecto de Marques da Silva e posteriormente completado com algumas alterações pelo seu genro e filha David e Maria José Moreira da Silva, tendo sido concluído, como outras obras iniciadas em Guimarães.

A posterior vaga de planos surgirá após a segunda Grande Guerra, evidenciando-se pela sua peculiar importância o Plano de Urbanização de Guimarães dos arquitectos David e Maria Moreira da Silva e Arménio Losa, já iniciado por Marques da Silva, que enquadra algumas obras do Estado Novo, e o quadro fundiário para a construção de habitação para diferentes estratos sociais, segundo as políticas de habitação do regime. De salientar, que contrariamente aos outros dois planos já mencionados para Guimarães o Plano de Moreira da Silva preocupou-se já com as infra-estruturas de saneamento e abastecimento de água. É na década de cinquenta que cidade vê melhorado o abastecimento de água, da estação elevatória do Ave e se realizaram os primeiros trabalhos de construção de uma rede de saneamento, encetada a partir da zona alta da cidade. Deste plano é de realçar a presença da ideologia da cidade-jardim inglesa, com a criação de uma zona verde contínua, que começava

no Toural, no qual foi colocado uma fonte projectada pelo arquitecto António Sequeira e uma placa ajardinada, incluindo o largo 28 de Maio, que após a queda do regime se passará a denominar de largo de 25 de Abril, e se prolongava até ao largo República do Brasil através da projectada Alameda, do Parque de Jogos e do Parque da Colina.

Para este ajardinamento da cidade junto a muralha na sua parte sul - sudeste foi necessário demolir o quarteirão, onde estava inserido seiscentista Hospital e igreja de S. Dâmaso, que impedia a ligação da Alameda, projectada por Perez Fernandes, com o largo Republica do Brasil. A igreja foi transladada, para o topo norte do antigo Campo do Salvador, actualmente Campo de S. Mamede.

O plano dos arquitectos Moreira da Silva privilegiou para zona de expansão cidadina a área a oriente da "pata de ganso" do Plano, onde se construiu o novo Liceu e se urbanizou a zona envolvente a este, especialmente com moradias unifamiliares de um ou dois pisos, um pouco à imagem das ideologias da cidade jardim, em detrimento da construção em altura. Ainda nesta zona é de salientar a construção do bairro da Federação, mostrando aqui a imagem do Estado Novo, com preocupações na criação de casas económicas, salubres e independentes.

A cultura não foi esquecida, prova disso é a construção de nova sala de cinema na rua José Sampaio de traça moderna, que contrastava com a contida influência das Artes Decorativas no Cine Teatro Jordão, inaugurado na avenida da Indústria.

Assiste-se à construção do Palácio da Justiça, desenhado pelo arquitecto Januário Godinho, no local onde anteriormente tinha arrancado a construção do Paço de Marques da Silva. Assiste-se ainda paralelamente ao arranjo da praça adjacente ao edificio, placa central e livre onde se colocou a estátua da Condessa Mumadona.



fig. 11 - Praça da Mumadona com Palácio da Justiça em segundo plano

Fruto do processo de desenvolvimento e crescimento da cidade urge a criação de uma nova central de camionagem, que será construída nesta segunda metade do século, junto a avenida Conde Margaride, salvaguardado no plano de Moreira da Silva. É ainda prevista a abertura de um novo eixo rodoviário, rua de S. Gonçalo, em que junto a este se projecta a construção de um estádio Municipal com Parques de Jogos, e junto a este, um pavilhão gimnodesportivo.

Em frente ao gaveto formado pela rua de S. Gonçalo e a avenida Conde Margaride é inaugurada a nova Escola Técnica, no local da antiga Escola Industrial.

Denota-se que a cidade até então preocupara-se essencialmente na sua casca exterior, esquecendo-se de certa forma do seu núcleo histórico da vila baixa, intramuros. Atentos a este facto, a Câmara e o Ministério das Obras Públicas, voltam-se para a cidade histórica, onde se denotava um estado de degradação já bastante preocupante. Entre as intervenções são de destacar os trabalhos levados a cabo na rua de Santa Maria, largos dos Laranjais e Navarros de Andrade, e posteriormente o arranjo do antigo largo de S. Paio, agora Condessa do Juncal, sendo ainda intenção de reabilitação a praça da Oliveira e de S. Tiago e o largo de Santa Clara.

É por esta altura também a mudança definitiva dos serviços da Câmara no antigo Convento de Santa Clara.

Em 1972, com o decreto-lei nº 328 desse ano, Guimarães vê a sua área urbana ser dobrada. Consequência do aumento de área, sucede-se a multiplicação da construção em núcleos mais ou menos dispersos, com características cada vez mais de urbanidade, e consequência deste, o limite divisório entre o centro urbano e as freguesias fronteiriças é cada vez mais ténue.

Em 1982, o primeiro "Plano Geral de Urbanização", da responsabilidade do arquitecto Fernando Távora, é criado, como que em resposta á nova realidade, e alargava a área de intervenção para lá do perímetro urbano restrito, chegando a abranger Pevidém.

Alexandra Gesta é destacada a Câmara Municipal destaca para administrar Gabinete de Técnico Local, e definir o seu programa de actuação, convidando Fernando Távora para assessorar este novo Gabinete. Numa prática de desenvolvimento de projectos que servem de exemplo na prática da reabilitação do património, que vão possibilitar ao centro histórico, que se encontrava num processo de rápida degradação social e física.

No final da década de noventa *"cerca de 90% dos espaços públicos estavam reabilitados - dotados de infra-estruturas e novo desenho -, tendo o arranjo urbanístico de cada praça ou largo mantido o seu carácter próprio de acordo com a sua forma, as suas funções, o seu ambiente construído - o Largo da Câmara carácter "barroco", a Praça de Santiago "medieval", o Largo João Franco "renascentista", o Largo Condessa do Juncal "romântico"-, caracteres diferentes inseridos num percurso urbano intra-muros que garantia a sua unidade dentro da diversidade."*³⁶

É elaborado do Plano Director Municipal, que vem responder às necessidades de um amplo território em processo de transformação económica, social e física, abrangendo as freguesias de Pevidém, Cadoso, Mascotelos, Fermentões, Costa, Urgeses e Creixomil. O Plano, essencialmente executado pelos serviços da Câmara Municipal, "abrange pela primeira

³⁶ CARNEIRO, Alice Maria Pinto de Azevedo, O Património reencontrado - Centro histórico de Guimarães, Património da Humanidade: A Cidade enquanto memória, espaço e identidade cidadina, (dissert. de mestrado), Braga, Universidade do Minho, 2004, p. 36

vez todo o território concelhio, e ultrapassa, também pela primeira vez, a de um plano de ocupação do solo, introduzindo critérios de desenvolvimento económico e de um programa estratégico de intervenção municipal”³⁷.

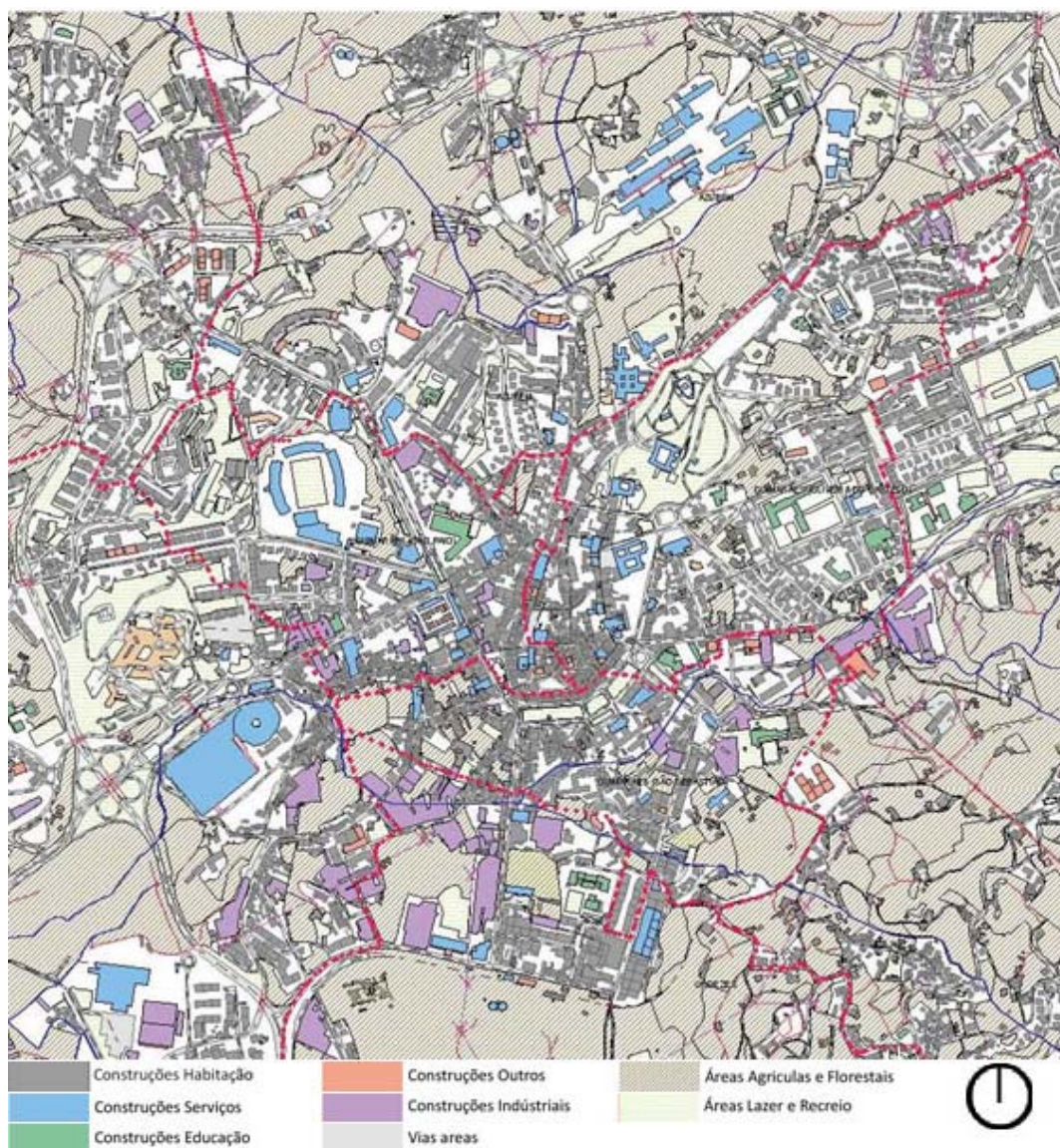


fig. 12 - Planta da cidade do início do século Séc. XXI

Como se percebe, o fenómeno urbano de Guimarães estende-se por quase todo o concelho, adoptando formas distintas, que vão desde a concentração presente no núcleo citadino, à urbanização difusa que surge da articulação do urbanismo socioeconómico com o mundo rural e agrícola e a industrialização difusa. Paralelamente, acompanhando o desenvolvimento da metrópole vimaranense, vão despontando aglomerados urbanos, que contribuem para preencher a trama que reforça a coesão do território.

³⁷ Frazão, Miguel, Relatório do P.D.M. de Guimarães, 1993

Arranca a construção da auto-estrada que liga Guimarães, a Famalicão, Braga e Porto, que embora nunca estivessem longe, passaram a estar de facto muito mais perto, tornando assim mais fácil a chegada a ao litoral e outros grandes centros.

Em termos de crescimento a cidade foi desenvolvendo ainda regido pelo P.D.M. existente até ao momento.

A entrada do século XXI traz consigo a distinção de Património da Humanidade ao velho burgo.

De entres as principais obras a destacar, é de mencionar o arranjo que o estádio municipal e a sua área envolvente sofreu para o EURO 2004, europeu de futebol, que se realizou em Portugal, e Guimarães foi uma das cidades seleccionadas do país, juntamente com mais sete para acolher o evento. Ainda dentro do sector do desporto a cidade vimaranense foi dotada com o complexo desportivo e junto deste mais um parque de lazer, visto já existir um parque da cidade criado também já neste século. É próxima do complexo desportivo, Cidade Desportiva, assim designado, um Pavilhão Multiusos.

Outra obra de grande carácter económico-social e urbano é a deslocação do mercado e da feira para novos recintos, cuja sua implantação será próxima do "GuimarãesShopping", como se pode constatar na figura seguinte, mais próximo da entrada sul da cidade. Este deslocamento transmite a ideia da descentralização dos serviços, e conseqüente aumento do perímetro urbano da cidade.

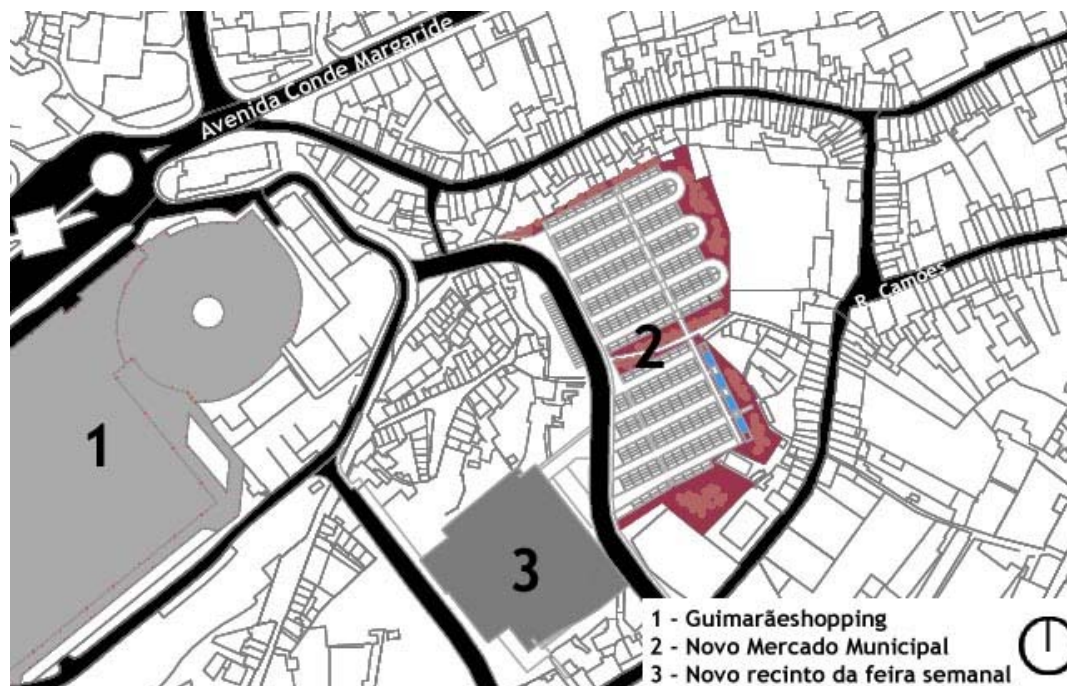


fig. 13 - Implantação do novo mercado e feira semanal

A nível de cultura a cidade reabilitou alguns edifícios que se encontravam em desuso, sem ocupação, como o Palácio de Vila Flor, na avenida D. Afonso Henriques, transformando-o numa sala de exposições e ainda nos seus logradouros criou o centro cultural, de mesmo no

que o palácio. É ainda da primeira década a reabilitação antigo cinema de S. Mamede para uma sala de espectáculos.

É de referenciar ainda as intervenções que as principais vias de acesso à cidade e mesmo no seu interior vão sofrendo, obras de arranjo do arruamento e em alguns casos novos desenhos dos perfis da rua.

A nível económico e tecnológico é de ressaltar a constituição do AvePark, parque tecnológico e da ciência em Guimarães. Ainda a nível da indústria, surgem cada vez mais nichos dispersos de parques industriais ao longo do conselho.

Recentemente não há muito a mencionar em termos de grandes transformações urbanísticas, antes intervenções pontuais.

Como se pode comprovar a Guimarães moderna inclui-se no prolongamento da cidade medieval, extrapolando os seus limites e cada vez mais desenvolvendo-se para os seus arrabaldes.

É no extrapolar da cidade medieval que interessa estudar, no pequeno “trecho” junto à muralha.

3.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de crescimento das cidades vai-se fazendo mais ou menos lento conforme a sua importância a nível regional, nacional, continental ou até mundial.

Como se pode perceber a cidade de Guimarães foi desde os primórdios da sua existência uma cidade com importância nacional, não fosse ela, o berço da nacionalidade. Como tal a evolução desta cidade foi acompanhando o ritmo de progresso que as restantes cidades de mesmo carácter nacional.

Apesar da importância de Guimarães nos pergaminhos históricos, encabeçados pelo simbolismo origem de Portugal, a cidade não goza do reconhecimento que deveria desfrutar, no panorama do urbanismo português, pois a Nação não soube ainda reconhecer. Este menosprezo deve-se em parte ao facto de Guimarães estar colocada entre a primazia religiosa e simbólica da vizinha cidade de Braga e a força burguesa do Porto.

Contudo a cidade foi desde a Idade Média uma urbe notável e próspera, com uma variada e vigorosa economia, que continua até aos dias de hoje, destacando a curtição das peles, a cutelaria, a têxtil, a metalúrgica e a agricultura. Apesar de ser das cidades mais laboriosas, não deixa de ser das mais ricas do ponto de vista patrimonial e cultural.

Guimarães soube acompanhar os tempos da evolução e hoje encontra-se uma cidade que é das melhores do país em termos de qualidade de vida para os seus habitantes, quer em termos culturais, sociais, económicos, quer na reabilitação do património, que faz ecoar o nome da cidade além fronteiras como marco da reabilitação e rejuvenescimento do seu passado arquitectónico, sendo o seu burgo medieval património da Humanidade. Com esta nomeação a cidade passa a gozar de um caris turístico que elevou a cidade a ponto de passagem e descoberta por parte de estrangeiros e portugueses.

CAPITULO IV

ORIGEM E EVOLUÇÃO MORFOLOGIACA DO TOURAL E ALAMEDA

Se o capítulo anterior se referia à evolução da cidade de Guimarães, agora convém estudar mais pormenorizadamente as alterações ocorridas durante os tempos ao espaço de estudo, nomeadamente, o Toural e a Alameda.

4.1 O TOURAL

O nome da praça, Toural, está intimamente ligado ao facto da venda de gado naquele espaço, ainda que essa função se tenha desvanecido há muito tempo.

Para falar do Toural, enquanto espaço urbano concreto, interessa falar a partir dos finais século XVI, inícios do século XVII, pois anterior a esta data muito pouco, ou nada, há a mencionar. Não podendo definir uma data exacta para o seu surgimento.

Nos inícios do século XVII, decorria no Toural a feira de gado de Guimarães, este possuía um traçado diferente do actual. Era então, um terreiro com um chafariz de três taças num topo e um cruzeiro no outro. O seu limite do lado do nascente era formado pela muralha da vila. Das construções que então existiam nos lados do norte e do poente, essencialmente casas com alpendres voltados para a praça, nenhuma chegou aos nossos dias. Além de funcionar como feira de gado, nos dias próprios, em dias festivos ali também tinham lugar corridas de touros.

O Toural era um espaço amplo, uma praça imensa, com reconhecida importância para as gentes vimaranenses. Segundo Augusto Soares de Almeida Barbosa de Pinho Leal, "*cidade tem várias praças e terreiros, a melhor é a do Toural. Tem nas suas extremidades um esbelto chafariz, feito em 1588, e um bonito cruzeiro, feito em 1650. (...).*"³⁸ Este último foi mandado erguer pela Irmandade da Senhora do Rosário, feito de pedra e elevado sobre escadas. Ficaria conhecido como o Cruzeiro do Fiado, por se negociar junto a ele o fiado do linho. O Chafariz era o elemento que limitava a fronteira entre Praça do Toural os terreiros adjacentes. "*Era um elegante chafariz de granito, de estilo maneirista, com três taças, tendo a maior três metros de diâmetro. Foi executado em 1583 segundo risco de Gonçalo*

³⁸ Augusto Soares de Almeida Barbosa de Pinho Leal, Portugal antigo e moderno dicionário geográfico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias. Lisboa, Livraria Editora Mattos Moreira & Companhia, 12 vols., 1873-1890, citado por João Baptista de Castro (2007), "*Toural (2)*", em <http://araduca.blogspot.com/2007/10/o-toural-2.html> (acedido: 10-10-2010)

*Lopes, grande mestre de pedraria vimaranense, e colocado no Toural em 1585, ao pé da igreja de S. Sebastião recentemente edificada.*³⁹

O Toural tinha no seu lado do nascente, entre a Torre de S. Domingos (ou da Senhora da Piedade), onde se abria a porta com o mesmo nome, hoje mais conhecida pela Porta da Vila, e a Torre da Alfândega, que se situava no outro extremo, já voltada para o Terreiro de S. Sebastião. Um pouco antes desta Torre, situava-se uma outra porta, o Postigo de S. Paio ou Porta Nova. Do lado voltado a Sul, onde hoje se ergue a igreja de S. Pedro, era fechado por casas e confinava com o Terreiro de S. Sebastião, onde estava a igreja paroquial de mesmo nome, a abrir-se em direcção ao nascente. Na margem oposta ao pano da antiga muralha, entre o início da Rua Nova das Oliveiras (actual rua de Camões) e a Rua de Gatos (actual rua D. João I), estendia-se uma linha de casas com alpendres virados para a Praça. Do lado do Norte, entre a entrada da rua de Gatos e a Torre de S. Domingos, uma outra ala prédios alpendrados se alinhava.

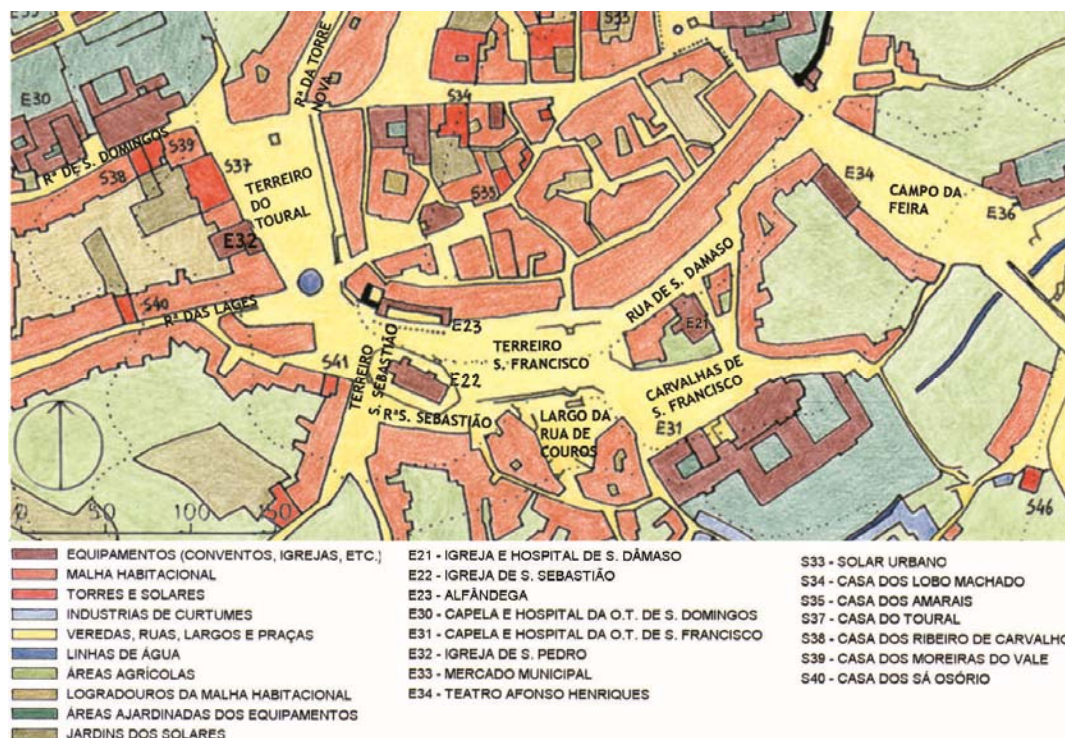


fig. 14 - Tural e Alameda (de meados do séc. XVIII a meados do séc. XIX)

Até ao início do século XVIII “[...] as casas desta praça eram quasi tôdas de alpendrada sobre colunas de pedra, ao uso antigo. Nos fins, porém, dêsse mesmo século, e no começo do seguinte, que é a época de maior prosperidade de Guimarães, pelo grande desenvolvimento

³⁹ TEIXEIRA, Fernando José ‘VII - O Chafariz do Toural’. O Conquistador, 30 Maio 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

da sua indústria fabril e do seu comércio de exportação para o Brasil, procedeu-se à construção de prédios, que deram à praça do Toural um novo e mais grandioso aspecto."⁴⁰

A mando da rainha D. Maria I, é demolido o muro da cerca de D. Dinis, e no seu local constroem-se "dois quarteirões, compostos de diferentes propriedades, mas sob um risco uniforme, e de arquitectura regular, relativa a cada quarteirão, com lojas, sobrelojas, e mais dois andares no quarteirão maior, e três no mais pequeno, correndo-lhes pela frente um largo passeio lajeado"⁴¹. "Risco" este que chegou de Lisboa, no qual se denota a típica traça pombalina, erguendo-se consequentemente a ala pombalina do Toural, como é designada frequentemente.

No local onde estava implantada a torre de S. Domingos, constrói-se outro prédio, de traça semelhante aos descritos anteriormente. A porta da Vila e a porta Nova ou postigo de Sampaio desapareceram, abrindo-se a passagem a duas ruas que entram na praça. A primeira daquelas ruas, que conduz ao terreiro da Misericórdia, e à rua Sapateira, e praça de Nossa Senhora da Oliveira, conserva o nome de porta da Vila. Estes acontecimentos podem se perceber na figura anterior.

Nos outros flancos da praça as construções não apresentam regularidade, embora vão sofrendo remodelações e removendo as alpendradas.



fig. 15 - Vista do Toural, lado voltado a sul, em meados do séc. XIX.

A imagem anterior mostra à esquerda, os dois quarteirões anteriormente relatados. O piso térreo dos quarteirões era então usado para comércio, por mercadores de panos de lãs e cedas. Junto deles consegue-se ainda constatar a presença do passeio lajeado. E ainda, ao fundo, o Chafariz do Toural e por traz deste a igreja de S. Sebastião.

Este é o espaço onde se passeiam e reúnem diariamente as pessoas, "para matarem as horas de ócio, conversando e inquirindo novidades. É o Chiado de Guimarães."⁴²

⁴⁰ BRAGA, Alberto Vieira, "Curiosidades de Guimarães. VI Feiras e Mercados", Revista de Guimarães, p. 151

⁴¹ Ibdem

⁴² Ibdem

A ocorrência frequente de feiras no largo atrapalhava a circulação e a manutenção da vida cidadina, o que leva a que se decidisse a mudança dos comerciantes das aves e da fruta para o Largo dos Barbeiros do Toural e entrada da rua de S. Domingos.

A praça ganha cada vez mais um cariz social e de importância na vida cidadina, e vai perdendo o cariz comercial.

No século XIX era um dos largos mais importantes de Guimarães, uma das zonas mais frequentadas da cidade, aí subsistia comércio, havia o Passeio Público, e de lá partiam as carreiras.

O novo regime também decidiu inovar na zona do Toural no Passeio Público.

As transformações do Toural neste século não se ficam por aqui, sendo que em 1873 o Chafariz do Toural foi desmontado, a demolição começou pela calada da noite, muito provavelmente porque a Câmara temia a reacção dos moradores. Este havia de ser transferido para o actual Largo do Carmo. Após a demolição do chafariz foi a vez do Cruzeiro do Fiado, que ficou danificado durante a desmontagem, para que não voltasse a ser montado em qualquer outro lugar.

O Toural, foi objecto de reabilitação, com a criação de um jardim fechado, com gradeamento, onde se criou um lago e construiu um coreto, e ainda se aplicou calçada no pavimento, como se pode verificar na figura seguinte.



fig. 16 - Jardim Público do Toural em 1884

O coreto para o jardim do Toural começou a ser montado em 1880 e toda a sua parte metálica foi fundida no Porto, na fábrica do Bulhão. O jardim era frequentado especialmente nas noites de Verão pela sociedade vimaranense. De mencionar que o jardim era fechado e tinha um horário de funcionamento, e para notificarem as pessoas que lá passeavam até hora do fecho, ecoava o toque de uma sineta de aviso e de imediato se apagavam as luzes.

Por esta altura está bastante em voga uma peça do mobiliário urbano da época, os “mictórios”⁴³ de ferro, e como objecto imprescindível aos olhos da população, é colocado no jardim em 1895. Porém, pouco tempo depois, já a opinião pública tecia críticas ao “mictório” do Toural, devido ao cheiro repelente que emanava, não só por não ser convenientemente limpo, mas também por motivos de dignidade do jardim, uma vez que o jardim era demasiado pequeno, e não havia um sítio suficientemente discreto para o colocar.

No ano seguinte, o jardim foi remodelado e, em vez do grande lago, ficou com um bacio com um repuxo no meio.

Entretanto, fora do jardim, no Toural a evolução continua, na ala norte do Toural reconstroem-se as casas que haviam ardido, criando uma nova fachada nessa ala.

Nos finais do século inicia-se a construção da Basílica de S. Pedro, no lado em frente à fachada pombalina do Toural, e só estará completada no findar do século.

No lado nascente é inaugurado o Grande Hotel do Guimarães.

Começa a difundir a electricidade pela cidade, e já no limiar do século XX a Câmara aprova o projecto e o orçamento para a instalação eléctrica no Passeio do Toural.

Entretanto dá-se a instauração da República, que virá originar um novo rosto ao Toural “Monárquico” do Jardim Público, apenas acessível a uma parte da população, que entendiam estava já ultrapassado.

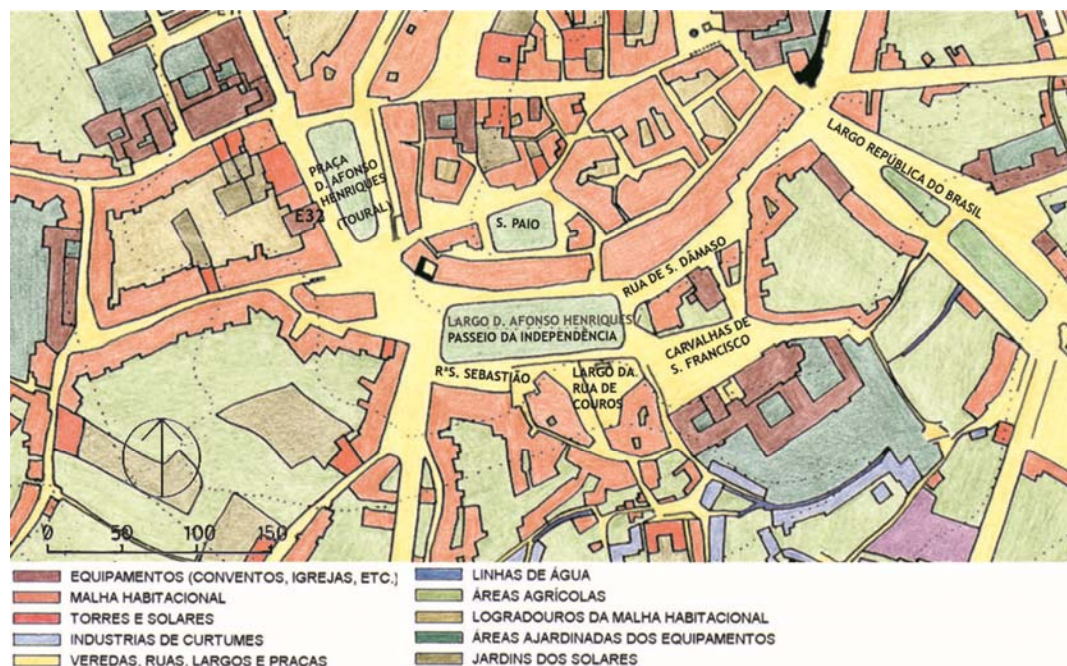


fig. 17 - Toural e Alameda (de 1863 a 1924)

Após a instauração da República, o Toural irá sofrer uma revolução na sua traça. Com as novas ideias da República foram eliminados “o gradeamento, o lago, o coreto, os bancos,

⁴³ (latim mictorius, -a, -um), Local público dotado de instalações próprias para urinar. = URINOL, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

as árvores e o jardim, e nesse espaço vazio colocou, solitária, a estátua de D. Afonso Henriques (...) mas não se passaram meses sem que surgissem reacções tímidas mas insistentes da população, a que os poderes públicos - honra lhes seja - foram sensíveis: e apareceram, primeiro, alguns bancos (poucos) para descanso dos mais doentes e dos mais idosos, depois, apareceram algumas árvores, discretas e poucas, que proporcionavam alguma sombra nas tardes de canícula, e com elas, reapareceram algumas florinhas e os canteiros do jardim, mais tarde, mas ainda na mesma década, os bancos, arbustos e flores cresceram e multiplicaram-se e o Toural já se parecia com o Toural de antigamente”⁴⁴

Foi transferida para ali a estátua de D. Afonso Henriques, obra do escultor Soares dos Reis, responsável pela elaboração da estátua, e do arquitecto José António Gaspar, responsável pelo pedestal, que estava até então no Terreiro de S. Francisco ou largo de D. Afonso Henriques. A actual configuração do Toural começou a desenhar-se em 1929, com a aplicação de um novo pavimento, em calçada portuguesa.



fig. 18- Praça D. Afonso Henriques (Toural) 1.ª metade do séc. XX e pormenor da sua estatua central



fig. 19 - Estátua de D. Afonso Henriques

Todo este arranjo desta nova praça do Toural, que passará a designar-se Praça do Fundador de Portugal, quer do novo jardim, que se desenvolve no antigo Largo de D. Afonso Henriques, e que se passa a chamar Passeio da Independência, prende-se com a ocorrência das festividades do centenário da VIII Centenário do Nascimento de D. Afonso Henriques. Para o Passeio da Independência foi trasladado o “velho” coreto do Passeio Público do Toural.

Atendendo ao pedido dos moradores a Câmara, do Toural, mandou derrubar as árvores, que circundavam aquela praça, palmeiras de grandes dimensões, que no entender dos mesmos tornavam feio o local.

É inaugurado o Café Oriental, lugar de tertúlia, que ficou para sempre na recordação dos vimaranenses.

⁴⁴ TEIXEIRA, Fernando José 'Toural - Requem por uma bela e antiga Praça'. O Conquistador, 26 Novembro 2010, Quinzenário Regionalista de Guimarães

A actual configuração do Toural começou a desenhar-se com a aplicação de um novo pavimento de mosaico, em calçada portuguesa. Este foi gerador, algum tempo depois, de polémica sobre os desenhos que foram feitos no mosaico da Praça D. Afonso Henriques, em que o símbolo da religião, a cruz, no entender de alguns cidadãos, foi colocado em lugar tão irrelevante. O desenho do pavimento ficou a cargo do Capitão Luís de Pina.

Seguidamente, a pedido dos moradores, foram derrubadas as árvores, ainda que na imprensa vimaranense se tivesse pedido o abate delas também, salvaram-se duas palmeiras que flanqueavam as costas da estátua de D. Afonso Henriques.

Como é visível na imagem a baixo, apesar de a praça ficar mais agreste e sem sombras, devido ao abate das árvores, o Toural ganhou dimensão, gerando uma melhor leitura do conjunto da praça e do desenho do mosaico que passou a cobrir o chão do jardim.



fig. 20 - Praça D. Afonso Henriques com árvores e sem mosaico no pavimento - 1928



fig. 21 - Praça D. Afonso Henriques sem árvores e com mosaico no pavimento - 1929

Na década de quarenta faz-se a pavimentação de paralelepípedos e renovação de passeios da zona do Toural, compreendendo a Praça D. Afonso Henriques, Largo 28 de Maio, Jardim Público (lado norte) e rua de Santo António. É colocado um relógio oficial na torre da Basílica de S. Pedro do Toural.

A estátua de D. Afonso Henriques é transferida para junto dos Paços dos Duques de Bragança, sua posição actual, e pelo caminho, perdeu o pedestal de mármore, então substituído por um novo, de granito.

Consequentemente o jardim do Toural ficou vazio no seu centro, e tornou-se necessário remodelá-lo. Após dois anos da transladação da estátua, sob orientação de António Pina, foram colocadas guias de pedra para formar os canteiros que foram ajardinados, sendo ainda arranjados os bancos e pintados.

Fruto desaparecimento do ícone máximo que dava nome à praça, no ano de 1942, a até então Praça de D. Afonso Henriques, passa a chamar-se, de novo, Largo do Toural.

Após uma década sem monumento central, depois de muita discussão sobre o que fazer para preencher o vazio deixado pela estátua de Afonso Henriques, a praça ganha em 1953, uma fonte nova, obra do Arquitecto José António Sequeira Braga, incluindo uma escultura em bronze de Eduardo Tavares. É uma fonte monumental que serviu para assinalar

o primeiro centenário da elevação de Guimarães a cidade, os seus elementos centrais são um obelisco em granito e uma estátua em bronze representando a Vitória ou a Independência.



fig. 22 - Fonte actual do Toural - 1953



fig. 23 - Largo do Toural no séc. XX

Em 1955, a Câmara Municipal, com o intuito de descongestionar e modernizar a cidade, mandou retirar a bomba de gasolina que existia no centro do Toural. No seu lugar colocou um polícia sinaleiro, a fim de resolver o congestionamento que aquela praça passou a ter gradualmente, devido ao enorme fluxo de trânsito que a atravessava.

De salientar, que já vinha decorrendo na câmara uma serie de diligências a fim de poder estender o Toural, até abranger o largo 28 de Maio, que após a queda do Estado Novo se vai designar de largo de 25 de Abril. No entanto, enquanto o prolongamento do Toural esbarrou com o obstáculo dos prédios a demolir.

Mas com novo alinhamento do edifício construído para nova Caixa Geral, em 60, depois de serem expropriadas as casas e feitas as demolições necessárias o Toural pode assim estender-se até encontrar a alameda.



fig. 24 -Toural em direcção a torre da alfandega, antes das demolições dos edifícios da direita



fig. 25 - Largo do Toural e largo 28 de Maio, após demolições e construção da Caixa Geral de Depósitos - 1970

Desde da data de construção do edifício da CGD o Toural praticamente não voltou a sofrer intervenções de vulto.

Uma óptima descrição do que foi, e é actualmente o Toural, foi dada por A. L. de Carvalho, que diz do "Toural - Praça, Rocío, Campo. Tudo foi. Na realidade só uma coisa, com rigor histórico, começou por ser: arena de lidar touros. Depois, nos intervalos das festas tauromáquicas, e outras, era mercado. Vem o século XVIII, a muralha é abatida. E surge no Toural a sua fachada nobre de casario. O Toural modernizou-se. De suburbano passou a urbano. O Toural aldeão teve carta de cidadania. É hoje o que se vê: sala de receber."⁴⁵

4.2 A ALAMEDA

A Alameda, tal como hoje se conhece, é formada por um conjunto de largos, sendo eles, o Largo de S. Sebastião, o Terreiro de S. Francisco, Carvalhas de S. Francisco e Largo do Trovador ou de Couros. Ambos se avizinham uns com os outros do lado exterior da muralha, seguindo-a desde a Torre da Alfandega, para nascente, até encontrar o Campo da Feira.

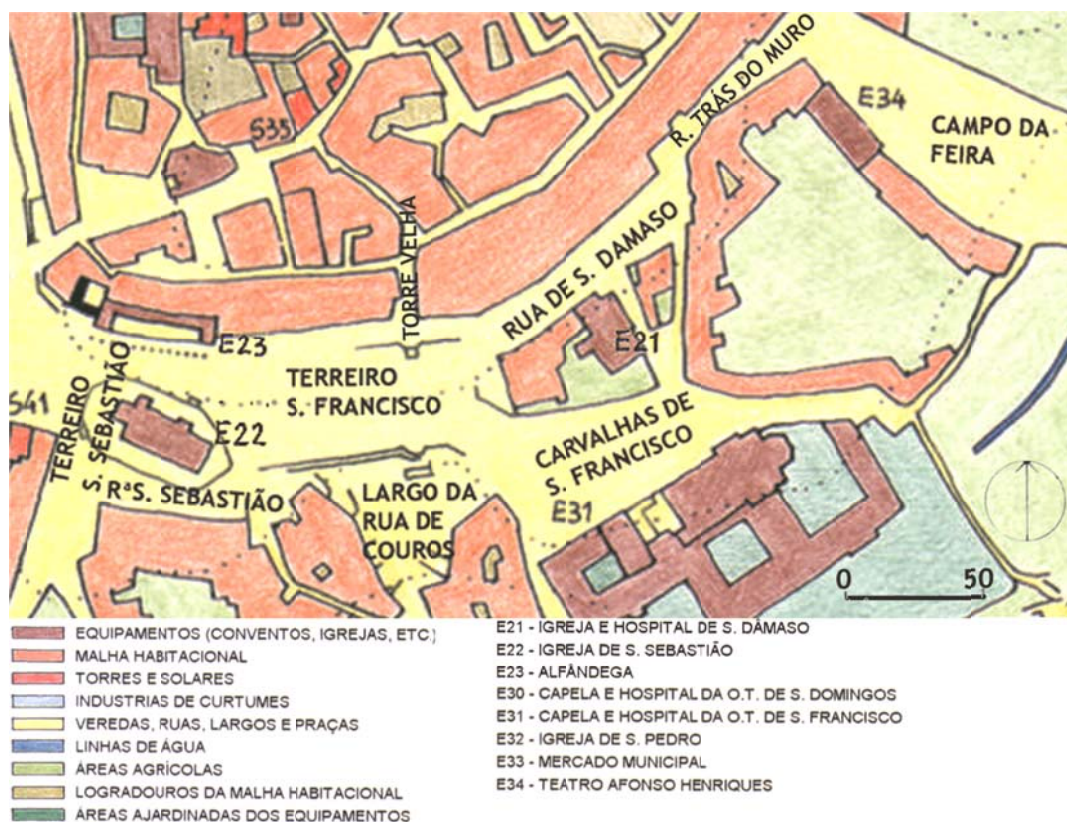


fig. 26 - Alameda (meados do séc. XVIII a meados do séc. XIX)

Como visto anteriormente, o Toural foi das praças extramuros com mais importância da vila, que ao longo século XVI se foi estendendo ao longo da muralha, avançando para a zona das Carvalhas de S. Francisco. Esse novo terreiro, ou campo foi consolidado pela construção, em frente à actual Torre da Alfândega, da Igreja Paroquial de S. Sebastião e

⁴⁵ A. L. de Carvalho, Anticamente... Guimarães, 1949, pág. 165-166

junto a esta o seu adro e o cemitério. À semelhança do que ocorrera no Toural, apenas existem transformações relevantes na Alameda a partir do século XVI.

Foi devido ao aumento ao aumento populacional da zona que a cidade começou o seu desenvolvimento urbano para sul, extravasando a muralha, indo em direcção ao arrabalde da zona de couros.

O problema colocado pelas dificuldades topográficas do espaço, devido ao grande desnível existente entre a muralha e S. Francisco, foi em parte resolvido com a construção de um muro de contenção em frente à entrada da rua de Couros, sobre o qual foi, em 1588, colocado o pelourinho, mencionado por Padre Torcato Peixoto de Azevedo, numa passagem do manuscrito Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães, "*Sahindo da porta do Campo da Feira [Porta da Senhora da Guia] para poente, continua a rua de traz do muro, que vae topar com a de S. Damazo, na qual está uma capella deste Santo, e o seu hospital, e esta vai dar a um campo largo, a que chamam o Pelourinho, que está levantado nele*"⁴⁶. Através desta descrição consegue-se perceber que o pelourinho se situaria na zona adjacente ao terreiro de S. Francisco, no local do actual largo do Trovador. O terreiro de S. Francisco ficou desta forma delimitado, com o pelourinho e o muro de contenção, e consequência deste último, levou à interrupção da relação entre a cidade e o arrabalde de Couros.

Em 1880 muda-se a toponímia do largo do Pelourinho para largo do Trovador, nome que perdura até a actualidade. Este largo, também conhecido por largo da rua de Couros, era o local onde os fabricantes de couros estendiam os couros para secarem, até que na segunda metade do século se torna proibido fazê-lo, mostrando aí que o terreiro de S. Francisco e o Pelourinho, iam gradualmente aumentando a sua importância a nível urbano.

Existia ainda junto a este o tanque Fonte das Passarinhos, que muitos usavam para por os couros de molho, que na década de trinta, do século XIX, se encontrava em mau estado. Próximo a fonte também se faziam vendas, nomeadamente as padeiras e as doceiras, que mais tarde, as últimas viram-se obrigadas a mudar o local das suas "instalações" para as escadas do adro de S. Sebastião do lado nascente, e as primeiras para o lado poente do adro.



fig. 27 - Em primeiro plano, secagem dos couros e Terreiro de S. Francisco



fig. 28 - Igreja e Capela de S. Francisco - 1865/70

⁴⁶ Azevedo, Padre Torcato Peixoto de, Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães, manuscrito de 1692, cap. 89, p.321

Até ao século XIX não houvera transformações de grande importância, havendo por isso um fosso de três séculos, em termos de informação sobre trabalhos realizados o espaço compreendido como “Alameda”.

Na segunda metade do século, a 1859, a venda de louça vidrada, ou não vidrada, passa a ser feita única e exclusivamente no largo das Carvalhas de S. Francisco, por ser um espaço grande e com boas condições para acomodar grandes volumes de pessoas e mercadorias.

Entretanto, em 1887, é erigido um Monumento a D. Afonso Henriques, e considera-se logo á partida que o Largo de S. Francisco seja o local mais indicado para a sua implantação, pois este encontrava-se de momento bastante abandonado, era necessário embelezar o terreiro, que ganhava cada vez importância na cidade e mais movimento.

“Em 27 de Outubro de 1887, a Câmara resolve que o Terreiro de S. Francisco se denomine Praça de D. Afonso Henriques”.⁴⁷

A 29 de Setembro de 1892, *“a Comissão Municipal delibera que (...) o Largo de S. Sebastião, junto à Praça de D. Afonso Henriques, fique com o nome de D. Afonso Henriques”*.⁴⁸. Nesse mesmo ano a Comissão Municipal realiza a “demolição da torre e parte da igreja de S. Sebastião”⁴⁹, e delibera ainda, que devido às obras a efectuar com a demolição da igreja, os mercados de cereais, que se realizavam no largo de S. Sebastião e no campo do Toural, passassem para as extremidades da praça de D. Afonso Henriques. A fim de evitar a incursão da população até próximo das grades que circundam a estátua de D. Afonso Henriques, eram colocados nos dias de feira postes com arame a circundarem, a três metros de distância das referidas grades.



fig. 29 - Largo D. Afonso Henriques com a estátua que lhe dava o nome (séc. XIX)



fig. 30 - Terreiro de S. Sebastião, após a demolição da igreja, ainda se vê as marcas sua implantação -1896

Entretanto tinha sido abatida a última carvalha do largo das Carvalhas de S. Francisco. Começou-se a proceder-se ao levantamento das ossadas existentes no adro da

⁴⁷ BRAGA, Alberto Vieira, “Curiosidades de Guimarães. XVIII Ruas. Casas. Muralhas. Torres. Obras. Décimas Camarárias. Direitos Paroquiais.”, Revista de Guimarães, p. 238

⁴⁸ Ibdem, p.238

⁴⁹ Ibdem, p.239

igreja de S. Sebastião, levando-as para o cemitério da Atouguia. Com a demolição da igreja a sua sede paroquial transfere-se para a igreja das Dominicas.

Mais uma vez, após uma reunião da Comissão da Câmara, decide-se regularizar e arborizar o Largo de S. Francisco com árvores nos lados e uma rua arborizada no centro, e do mesmo modo, o Largo de S. Sebastião, também influenciada na Praça da Batalha, do Porto, e ainda a demolição da alpendrada da Alfândega.

As obras de terraplanagem e extracção da pedra do antigo largo de S. Sebastião, para o embelezamento da Praça D. Afonso Henriques, iniciam-se e a remodelação daquela progredia a bom ritmo, tanto, que em 1909 já se encontrava ajardinado o octógono da Praça D. Afonso Henriques e o pavimento da praça calcetado, como se pode constatar na figura seguinte.

Entretanto a Praça D. Afonso Henriques foi ajardinada e embelezada e em 1911 já se encontrava quase pronta, decorada com o “velho” coreto, que fizera parte do jardim do Toural, que para aí tinha sido deslocado.

Com a saída do monumento ao rei Fundador, que se mudou para o Toural, a passou a designar-se Passeio da Independência, e em 1918, atribuíram-lhe o nome de Largo Sidónio Pais.



fig. 31 - Praça d. Afonso Henriques, ainda com a estátua do fundador, e em primeiro plano, o jardim octogonal, local onde esteve a igreja de S. Sebastião) - 1910



fig. 32 - Antigo Passeio da Independência já com o coreto no jardim - 1915

Com a chegada o Estado Novo, o Largo Prior do Crato passa a designar-se de Largo 28 de Maio, data que assinala a instauração da Ditadura Militar.

Há muito tempo que se desejava a Alameda, que o Eng. Manuel de Almeida Ribeiro havia projectado para zona compreendida entre o Toural ao Campo da Feira, e será o Estado Novo, que irá concretizar esta ideia. Esta zona era iluminada com um monumental candeeiro, que ficava colocado entre os largos do Toural e 28 de Maio.

Foi melhorada por esta época a rua de S. Dâmaso, pavimentando-a e iluminando-a com novas colunas com globos de iluminação pública.

Em 1934 é inaugurada a fonte artística de granito, encimada pela estátua de bronze do “Fauno”, de autoria de António de Azevedo, escultor e director da Escola Francisco de Holanda, colocada numa ponta do Jardim Público. Outra fonte havia de ser inaugurada no mesmo jardim, em 1942, que foi colocada numa das extremidades, que se baptizou de “A Rapariguinha”.

O Jardim Público volta a se remodelado, fazendo-se a pavimentação da sua via central em saibro, e os passeios a volta em mosaico.

Desde a década de quarenta que a Câmara Municipal ia adquirindo edifícios da rua de S. Dâmaso, a fim de poder-las demolir para a abertura da tão idealizada alameda, que traria a Guimarães um ar mais moderno e engrandeceria aquela zona da cidade.

No terreiro das Carvalhas de S. Francisco, agora largo de S. Francisco, começam as obras de melhoramento, que já há muito tempo estavam esquecidos, recorde-se que desde o abate das carvalhas, não mais sofrera atenção e reparo por parte da Câmara. Em meados da década começara-se a plantação das árvores, e ajardinamento do tabuleiro, para embelezar o largo que já a população o pedia a algum tempo. O cruzeiro existente no largo mudou apenas o seu lugar de implantação dentro do largo, em frente ao adro da Igreja do convento da mesma invocação.

Entretanto começa a temer-se, por parte da população, a demolição da igreja de S. Dâmaso, pois já decorriam a bom ritmo na década de cinquenta as demolições dos edifícios do quarteirão compreendido entre as ruas de S. Dâmaso, viela de mesmo nome e o Largo República do Brasil.

Procedeu-se à construção das infra-estruturas da Alameda, e obras de saneamento das ruas da Alameda. Decide-se também por esta altura o nome do espaço que se está a construir entre o Toural e o Largo República do Brasil, que se passará a chamar Alameda Salazar, ainda delibera-se também o nome do arruamento que vai da igreja de S. Francisco ao largo República do Brasil, que será então, de S. Dâmaso.

Na década de sessenta, já se encontravam demolidas quase todas as casas, que a câmara tinha adquirido ou expropriado para uso público, no quarteirão que impedia até então a abertura do jardim até ao largo República do Brasil. Começa-se então a instalação subterrânea da iluminação pública na Alameda Salazar. Em meados da década já estavam concluídos os trabalhos de ajardinamentos do corpo central da Alameda, onde anteriormente esteve a igreja de S. Dâmaso, então demolida e reconstruída no Campo de S. Mamede, na extremidade oposta ao Castelo. A Alameda encontrava-se em fase terminal das suas obras. Até aos dias de hoje esta não sofreu mais intervenções, mantendo o seu traçado que fora projectado por Eng. Manuel de Almeida Ribeiro, a quando da execução do Plano de Urbanização.



fig. 33 Jardim Público da Alameda em meados do séc. XX e em primeiro plano a estatua de "Fauno"



fig. 34 - Jardim Público da Alameda em meados do séc. XX vista do lado da estatua de "A Rapariguinha"

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Tournal e Alameda completam o espaço adjacente á muralha na zona sul do velho burgo.

Como se pode concluir o Tournal evidencia-se claramente enquanto espaço urbano a partir dos finais século XVI. Ainda que não se pode definir uma data exacta para o seu surgimento, poder-se-á afirmar que o nome lhe advém de ali durante algum tempo se fazer a feira do gado. No século XVII é indiscutível a importância deste local como praça maior.

Nos dias de hoje designa-se de Alameda de S. Dâmaso, o que outrora fora um conjunto de largos, sendo eles, o Largo de S. Sebastião, o Terreiro de S. Francisco, Carvalhas de S. Francisco e Largo do Trovador ou de Couros. Ambos se avizinhavam uns com os outros do lado exterior da muralha, seguindo-a desde a Torre da Alfandega, para nascente, até encontrar o Campo da Feira.

Ambos os espaços, Tournal e Alameda, albergaram durante alguns séculos o título de espaço de comércio, onde se vendia o que se produzia na cidade. Elevando aqueles espaços como espaços de grande importância para a cidade.

Finalmente poder-se-ão evidenciar as várias alterações espaciais sofridas ao longo do tempo através do qual se percebe que o Tournal e Alameda desfrutam de um lugar de destaque na malha urbana. Sendo espaços com características bem diferentes como seguidamente se analisará.

CAPITULO V

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Nesta parte da dissertação procede-se ao enquadramento da área de estudo na cidade de Guimarães, bem como a análise e diagnóstico da área a intervir, para perceber como estes espaços se relacionam com a restante envolvente e ainda como funcionam em termos da sua própria estrutura urbana não edificada.

5.1 ENQUADRAMENTO DA PRAÇA DO TOURAL E ALAMEDA DE S.DÂMASO NA CIDADE DE GUIMARÃES

A Alameda de S. Dâmaso e a Praça do Toural situam-se a sul da antiga vila de Guimarães, numa zona extramuros, contigua à muralha. Estabelecem a ligação entre a cidade a medieval, intramuros, com a área de expansão urbana que se desenvolveu fora de portas (fig.35).

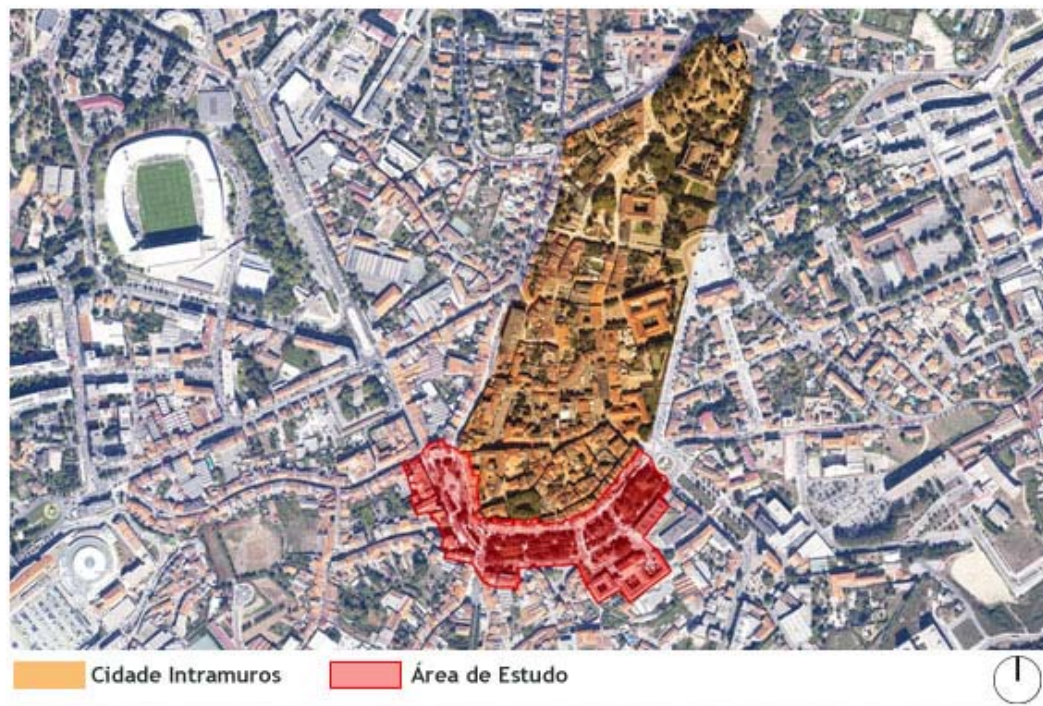


Fig.35 -Vista aérea da cidade com identificação do Toural e Alameda e da antiga vila

5.1.1 Toural

A Praça do Toural surge como terreiro exterior á cidade amuralhada, trazendo para si grande movimento e um valor intrínseco tanto a nível arquitectónico como a nível de vivência na cidade de Guimarães. Esta praça é nos dias de hoje reconhecida como um local de centralidade na cidade em termo funcionais, o que leva a perceber a sua importância. Este

carácter de centralidade é bem traduzido pela presença de actividades do sector terciário, nomeadamente o comércio e serviços, como cafés, farmácias, bancos e estação de táxis que se distribuem ao longo da praça. É contornada por um legado de inquestionável valor, tanto a nível arquitectónico, como a nível histórico. Este espólio de edifícios distribui-se pelos lados Nascente (fig. 35), Norte (fig. 36) e Poente (fig. 37). O conjunto de edifícios que constituem o “alçado” Nascente é o mais uniforme em termos de:

- cérceas - todos os edifícios apresentam quatro pisos em contraste com os outros;
- Revestimentos - enquanto nos restantes edifícios envolventes á praça os revestimentos vão alternando, aqui o revestimento utilizado é uniforme ao longo da fachadas, o reboco pintado;
- alinhamento dos vãos e ritmo - graças ao número de pisos constantes os edifícios desta fachada apresentam um alinhamento, quer vertical, quer horizontal o que concede um ritmo constante, enquanto que nos restantes não se encontra alinhamento;
- estilo arquitectónico - pombalino em contraste com a variação de estilos presentes nas restantes edificações. Pode-se perceber a razão do mesmo estilo ao longo de todo esse “pano” nascente no Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, na secção “Guimarães numa resenha urbanística do século XIX”:

*“A alusão respeitante à lei de 23 de Julho de 1766, no reinado de D. José I, 11 anos depois do terramoto de Lisboa em 1755, e a referência a «outra planta que se remetia», denunciam, claramente, que o projecto da construção das casas na ala nascente do Toural foi delineado em Lisboa sob influência do «pombalino» (...)”.*⁵⁰



Fig. 36 - Actual Alçado Nascente da Praça do Toural

Ainda neste alçado se encontram duas entradas para a zona antiga da cidade, a Porta da Vila, que faz a ligação da praça com a Rua da Rainha, e o Postigo de S. Paio, que estabelece a conexão entre o Largo do Juncal e a Praça do Toural. É possível observar que se encontra hoje um fragmento do que fora a muralha da “Vila Velha”, com a inscrição “AQUI NASCEU PORTUGAL”.

⁵⁰ Manuel Alves de Oliveira, Boletim de Trabalhos Históricos de Guimarães, p. 123

A ala norte do Toural é a que apresenta uma maior discrepância em termos de cêrceas e estilo arquitectónico, não deixando, porém, esses edifícios de terem interesse histórico e arquitectónico. É nos cruzamentos desta ala com as alas nascente e poente que se conectam com a praça as ruas de S. António e a Paio Galvão, respectivamente.



fig. 37 - alçado norte do Toural

No lado poente da praça do Toural tem maior destaque a igreja de S. Pedro. Perpendicular ao alçado poente surge a Rua D. João I, que faz esquina com o primeiro edifício do alçado que se estende alinhado paralelamente à via do prolongamento da Rua Paio Galvão. Esta banda de edifícios é pontualmente interrompida pelas ruas que convergem na praça, nomeadamente a Rua de Camões e a Travessa de mesmo nome.



fig. 38 - alçado poente do Toural

A parte sul não tem edifícios, a praça continua de certa forma “aberta” para sul até encontrar a Alameda de S. Dâmaso.

Importa referir que em todos os edifícios é frequente o uso do piso térreo para comércio ou serviço e os restantes habitação ou escritórios.

Na ligação do Toural com a Alameda, temos o arranque da Avenida D. Afonso Henriques que faz a ligação a estação ferroviária da cidade de Guimarães.

O Toural é o espaço de eleição de acolhimento da cidade, é como que uma “sala de visitas” da cidade. Por si só carrega um demarcado valor histórico patente por exemplo no desenho no pavimento e á sua importância na cidade. Tem uma traça tipicamente pombalina, tão demarcada que até no topo sul está escrita a palavra “Lisboa” no pavimento em basalto “sobre” fundo em quartzo de tom leitoso.

5.1.2 Alameda de S. Dâmaso

A Alameda começa então no final do Toural estendendo-se até à Avenida da República do Brasil. Esta difere da praça anteriormente descrita desde logo da sua traça como também na dimensão. A par da Praça do Toural, esta também se encontra envolta de um legado arquitectónico interessante. Está contígua ao burgo medieval, existindo uma ligação directa com ele, através da abertura onde se situava a antiga Torre Velha, de acesso é feito exclusivamente pedonal.

Contendo apenas dois conjuntos de edifícios, um a norte, numa cota mais alta e outro a sul, na sua cota mais baixa (ver anexo 02). Na ala norte encontram-se um grande número lojas de comércio e tradicional, colocados no piso térreo dos edifícios confinantes com a rua. Contudo na ala sul também se encontram lojas deste tipo de comércio, embora em menor número, pois o número de edifícios (oito) é bastante inferior quando comparado com os da ala norte (quarenta e oito). Mas na zona sul o que mais se evidencia é a superfície comercial, S. Francisco Centro, que está contigua à via, ocupando os pisos térreo e primeiro do edifício que se encontra no extremo nascente da zona sul Alameda de S. Dâmaso. É de salientar que em todos os edifícios é frequente o uso do piso térreo para comércio ou serviço e os restantes habitação ou escritórios.

A centralidade da alameda é inequívoca, não só pela quantidade de comércio existente, mas também por este ser o espaço onde se encontram os pontos de partida e chegada dos transportes públicos urbanos, e dali se distribuem para o resto da cidade.



Fig.39 - Imagem aérea da Praça e da Alameda

Este espaço é uma área fortemente arborizada, tornando-se num espaço de estar e convívio por excelência. Esse denso arvoredado é interrompido em alguns momentos pela via pedonal que o atravessa longitudinalmente a alameda, e pelas ruas transversais de ligação entre as vias para automóveis da cota superior e da cota inferior que circundam todo o

jardim. Como consequência destas interrupções tabuleiro não é contínuo, antes formado por três tabuleiros (fig. 39).

A estes três, acrescenta-se mais um jardim na zona sul junto a igreja de S. Francisco. Este edifício monacal é um dos mais importantes e significativos da urbe extramuros a nível patrimonial.

Por último, é de salientar que a área de estudo se encontra “repartida” por várias freguesias do conselho, sendo elas, as freguesias de S. Paio, S. Sebastião e Oliveira do Castelo. Uma parte do Toural, mais a norte, pertence a S. Paio, e a parte mais a sul a S. Sebastião. Por sua vez a Alameda insere-se maioritariamente na freguesia de S. Sebastião, existindo ainda uma pequena área, no topo nascente, pertencente à freguesia de Oliveira do Castelo.



Fig.40 - Enquadramento da área de estudo

5.2 DIAGNÓSTICO URBANÍSTICO DA SITUAÇÃO ACTUAL

Para melhor se perceber a realidade do Toural e da Alameda é necessário então fazer o diagnóstico urbanístico, efectuando o levantamento dos elementos urbanos que os constituem, bem como os seus usos e os elementos marcantes no espaço, identificar as situações problemáticas que devem ser minoradas em projecto e potencialidades que poderão exploradas.

5.2.1 Características Gerais

Pretende-se com este ponto caracterizar e diagnosticar o conjunto urbano do Toural e da Alameda.

Para primeira abordagem deve-se perceber o que é espaço construído (fig. 40) e espaço não construído (fig. 41) e definir dimensões das áreas respectivas os seus usos, como apresentadas na tabela 1.



fig. 41 - Planta de análise - espaço edificado

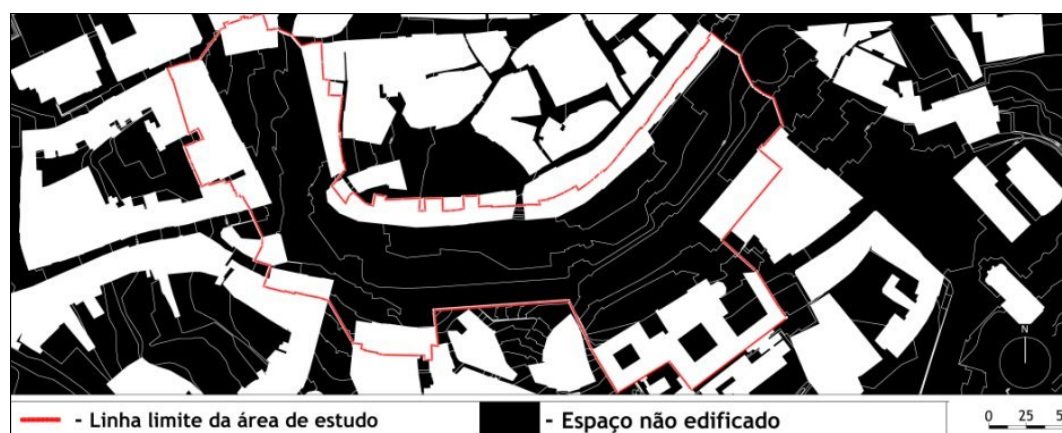


fig. 42 - Planta de análise - espaço não edificado

Como se pode perceber pelas figuras anteriores, na área de estudo prevalece o espaço não edificado. Sendo este composto por vias rodoviárias, estacionamentos para automóveis, táxis e ainda áreas reservadas para chegadas e partidas dos autocarros que percorrem a zona do centro da cidade. Bem como passeios e praças para a circulação pedonal e espaços verdes.

Na tabela seguinte são especificadas todas as dimensões destes espaços referidos, bem como a área total de estudo, denominada de superfície bruta, que é de, aproximadamente, 49 hectares. Sendo que estes estão divididos em espaço edificado, o mesmo que área de implantação, com uma dimensão de 18778,95 metros quadrados, e espaço não edificado, que engloba as áreas das superfícies de arruamentos, que se divide entre os passeios, arruamentos e estacionamentos (táxis, autocarros e carros), e da superfície de espaços verdes, cujas suas dimensões são de 23855,09 metros quadrados e 6402,22 metros quadrados, respectivamente, fazendo um total de 30257,31 metros quadrados.

Sup. Bruta (sp) m²	49036,26		
	Área de Implantação (A₀) m²	N.º pisos (j)	Área de construção (ΣA_j)
TOURAL NORTE		4x4+1x7	
edifícios: [1-5] (5)	709,36	23	16315,28
TOURAL NASCENTE		9x5+4x4	
edifícios: [6-18] (13)	1191,1	61	72657,1
ALAMEDA NORTE		10x3+30x4+8x5	
edifícios: [19-66] (48)	3323,78	190	631518,2
TOURAL POENTE		6x3+4x4+1x5	
edifícios: [67-83] (17)	3769,77	35	131941,95
ALAMEDA SUL		2x2+7x3+6x4+1x5	
edifícios: [84-91] (8)	9784,94	54	528386,76
TOTAL	18778,95	363	1380819,29
Índice de construção (ic)	28		
Perc. Ocupação do solo	0,38	x100 =38%	
Sup. Arruamentos m²	23855,09		
S. PASSEIOS	13323,5		
S. ARRUAMENTOS	8519,94		
S. ESTACIONAMENTOS	2011,65		
taxis	249,36		
autocarros	412,82		
carros	1349,47		
Sup. Espaços verdes m²	6402,22		

Tabela 1 - Análise da situação actual



fig. 43- planta altimétrica da área de estudo

A área de estudo, encontra-se entre as cotas 180 metros acima da linha do mar, no ponto mais baixo, na parte sul da Alameda, e 187 metros de altitude na parte mais a norte da alameda (fig. 42).

Com base nos cortes da figura seguinte constata-se que o local mais íngreme de toda a área do caso de estudo é a zona da plataforma central da alameda em frente á igreja de S. Francisco, corte cc'.

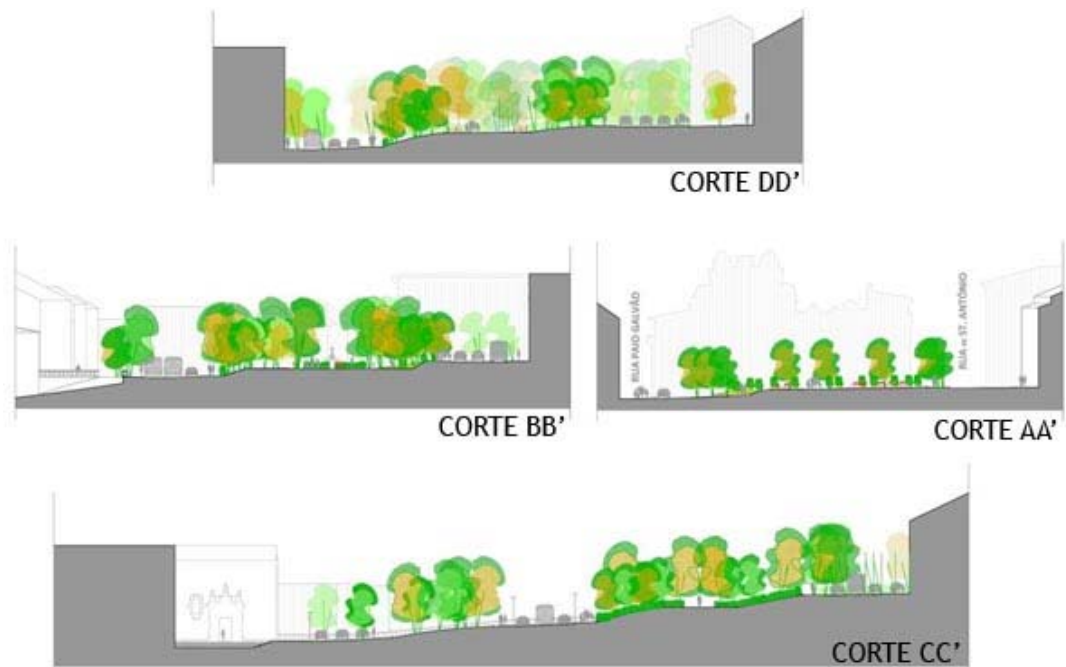


fig. 44 - corte do existente (anexo 04)

Deve-se ainda, compreender o que se passa na envolvente edificada ao longo da área não edificada do espaço de estudo.

Quanto ao número de pisos, as construções que ladeiam a praça e a alameda variam entre três e cinco pisos, mais frequentemente, e pontualmente encontram-se casos que variam dos dois ou de sete pisos, como se pode constatar na figura seguinte.



fig. 45 - Planta com número de pisos (anexo 03)

É de salientar que em todos os edifícios é frequente o uso do piso térreo para comércio ou serviço e os restantes habitação ou escritórios. Há ainda casos particulares no seu uso/função, sendo até dispare na sua arquitectura e relevância na malha urbana, como a basílica de S. Pedro, a Torre da Alfandega e o templo de S. Francisco que se destacam como elementos marcantes, ver figura seguinte.



fig. 46 - Basílica de S. Pedro, Torre a da Alfandega e igreja de S. Francisco, respectivamente.

Falando agora dos elementos marcantes da área de estudo, depara-se no Toural, como elemento marcante, a fonte e sua estatua que está no centro da praça, na Alameda o coreto, e as estátuas de "Fauno" e d' "A Rapariguinha", e em frente à igreja de S. Francisco, está implantado o cruzeiro de mesma denominação.

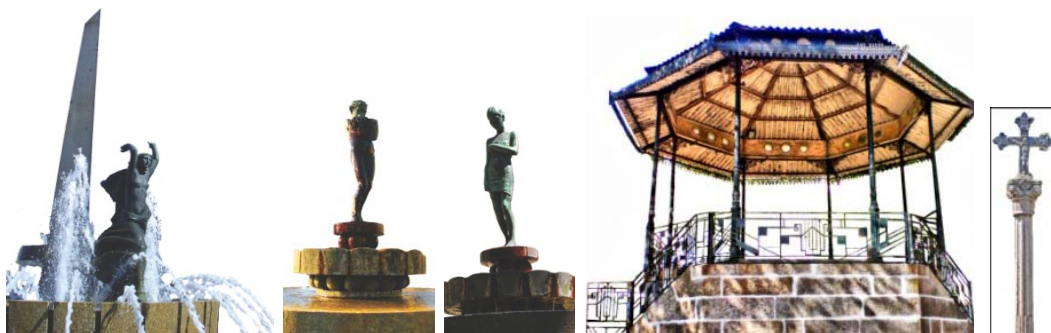


fig. 47 - Estatua do Toural, "Fauno", "A Rapariguinha", coreto e cruzeiro de S. Francisco, respectivamente.

Importa entender como se desenvolve o espaço em termos de vias rodoviárias e pedonais.

Com o auxílio no diagnóstico teve-se como base o "Relatório prévio de avaliação física dos níveis de serviço pedonal" de autoria do arquitecto André Fontes, realizado em 2009, que apresenta, detalhadamente, uma avaliação dos espaços urbanos destinados aos peões, com contagens do tráfego pedonal entre os dias 19 e 20 de Junho, sexta-feira e sábado, respectivamente, durante dois períodos de hora de ponta, o da hora de almoço, entre as 11e as 13 horas, e o período de termino do horário laboral, entre as 17 e as 19 horas.

Através da análise da imagem seguinte, sobre a contagem dos fluxos pedonais na área de estudo e na sua envolvente próxima, percebe-se em primeiro lugar que o número de pessoas que circulam nesta zona da cidade é superior ao sábado, quando comparado com o dia de sexta-feira, em segundo, que dentro da área de estudo a parte que mais se destaca pela presença/passagem de pessoas é a praça do Toural e ainda a parte de cima da alameda,

onde se encontram actualmente o lugar de estacionamento dos autocarros, que dali derivam para o resto da cidade, em terceiro, nota-se que existem pontos de conflito nas conexões entre o Toural e o burgo antigo e ainda na saída para a avenida D. Afonso Henriques, e por último, constata-se a conexão com o núcleo urbano antigo é mais reduzido na zona norte da alameda, onde a única conexão existente é feita única e exclusivamente por meio pedonal.

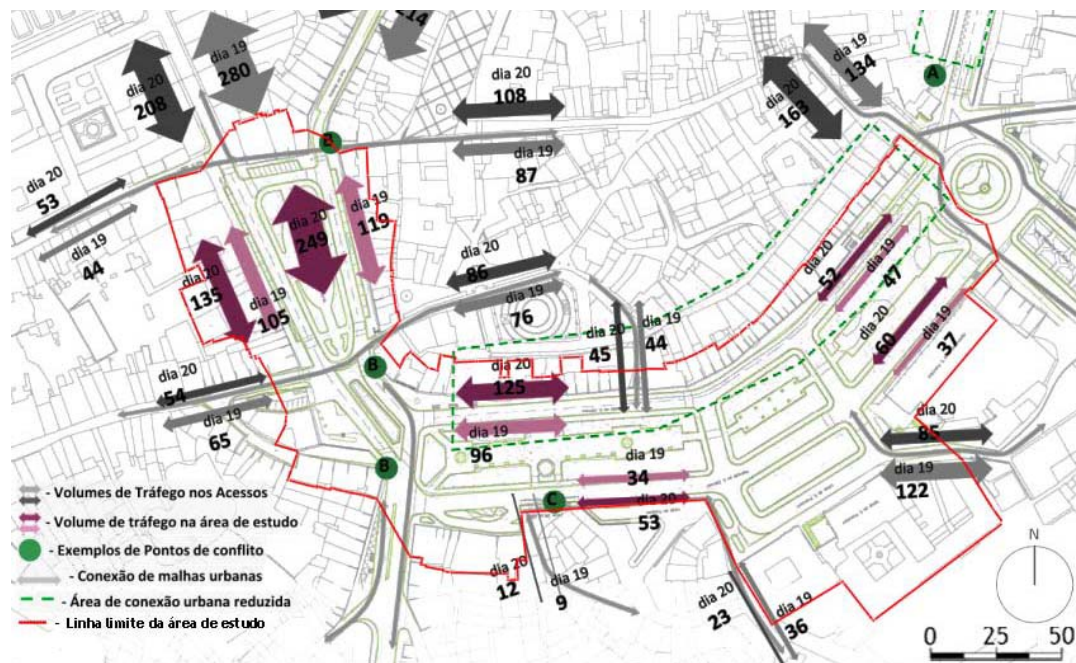


fig. 48 - Fluxos pedonais

De mencionar ainda que as passadeiras existentes na área de estudo não são controlados por aparelhos luminosos e que todas são de superfície.

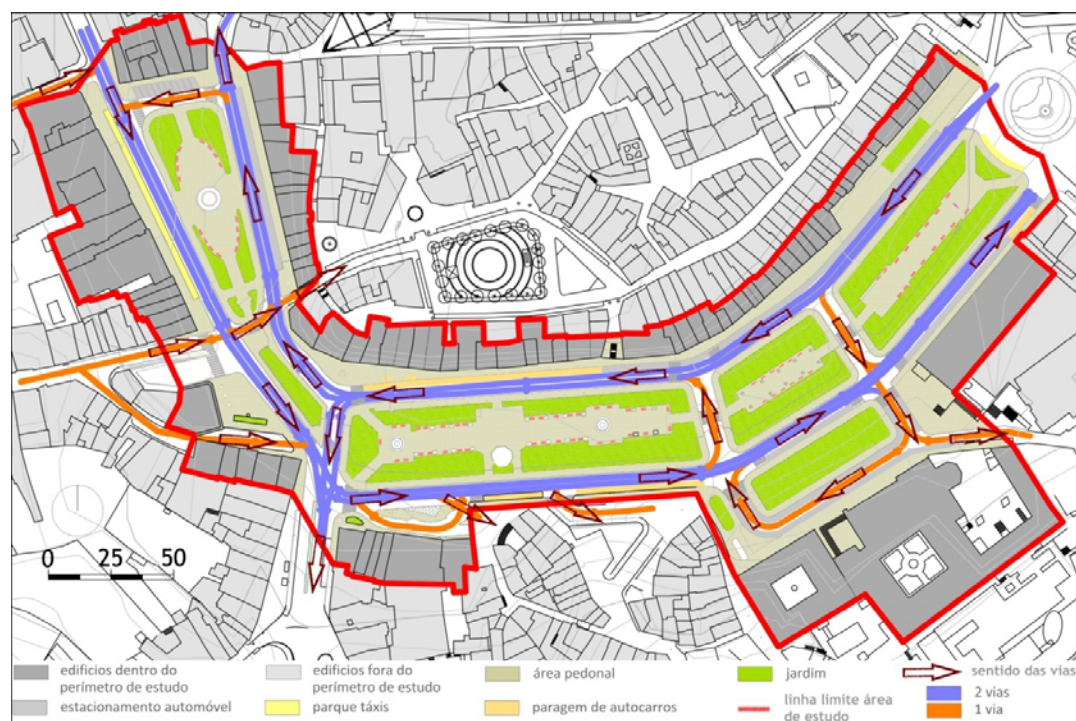


fig. 49 - análise das vias

Em termos de via rodoviárias existem apenas vias de um sentido, maioritariamente com duas faixas de rodagem, como comprova a imagem a cima. Porém, existem alguns casos em que existe uma faixa de rodagem, demarcadas também na imagem anterior.

Em termos de circulação automóvel ao longo de todo o lado poente do Toural e Alameda o trânsito circula no sentido oeste-este, nas alas opostas o trânsito desenvolve-se em sentido inverso. Percebe-se também que as vias de ligação entre as partes de cota mais alta com as de cota mais baixa são sobretudo de uma só faixa de rodagem, e que impossibilitam a continuidade dos tabuleiros ajardinados, consequentemente a fruição do espaço público por parte dos peões.

Ainda com referência à imagem anterior, percebe-se que existem no local duas paragens de táxis, uma no lado poente da praça do Toural e outra na extremidade nordeste da Alameda. Nas ruas desta, encontram-se ainda as paragens dos autocarros nas alas sul e norte do primeiro tabuleiro da alameda e ainda na ponta sudoeste junto ao parque de táxis que por ali se encontra.

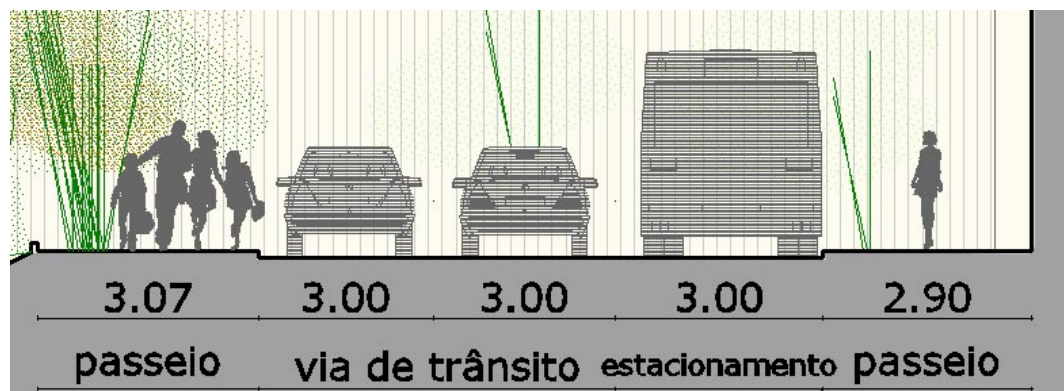


fig. 50 - perfil tipo de arruamentos do existente

Em termos de perfil de arruamento ocorre maioritariamente a situação tipo que se encontra na figura anterior, com passeio lateral à via, duas faixas de rodagem em sentido único, seguido de estacionamento, quer seja de autocarros, carros ou táxis, e termina com passeio junto ao estacionamento. As dimensões variáveis do perfil viário são a largura dos passeios, que possui como medida mínima uma largura de 1.20m.

A nível de passeios e suas dimensões entende-se como mínimo admissível para "*passeios adjacentes a vias principais e vias distribuidoras devem ter uma largura livre não inferior a 1,5 m*", estipulada na alínea 1.2.1, da secção 1.2, do capítulo 1 dos anexos do decreto-lei 163/2006. Segundo esta norma toda a área de análise cumpre, pelo menos, a dimensão que se teve como mínima, exceptuando-se o passeio na zona da Alameda, onde se encontram as paragens de autocarros que reduzem para menos de metade a largura para passagem dos peões. Tendo o passeio uma largura de dois metros e quarenta centímetros, bastaria ali retirar o refugio para os passageiros que aguardam a chegada os autocarro para que pudesse cumprir a norma retirada do decreto.



fig. 51 - passeio obstruído com paragem de autocarro



fig. 52 - mau estado do pavimento na alameda

Ainda a nível de passeios o que é de facto de salientar pela negativa é as más condições do pavimento, principalmente no tabuleiro central do Toural e nos tabuleiros da Alameda, nos passeios laterais norte que contornam os jardins, apresentando desnivelamentos consideráveis que não são favoráveis á deslocação pedonal e ao carros de rodas e carrinhos de bebés.

Os lugares de estadia do Toural e da Alameda são por excelencia as placas centrais, onde se encontram os bancos, em madeira lacada de cor vermelha, para descanso dos utentes do espaço urbano e os jardins que embelezam aquela zona. No Toural temos 16 bancos de jardim, e 64 bancos na Alameda, o que faz um total de 78 bancos, que contem espaço para quatro pessoas, o que faculta ao espaço público um número de 256 lugares sentados.

Ainda que existam árvores em ambos os espaços mencionados nota-se uma presença mais compacta na Alameda, como se pode perceber pela figura 57, em que a vegetação arbórea cria um optimo e agradável telhado verde nos dias de maior calor. No Toural destaca-se mais o aformosamento do mesmo pelo elementos vegetais constituintes dos jardins, pois as árvores que ladeiam a praça, apesar de grande porte, não causam sombra significativa.



fig. 53 - Praça do Toural e placa central da Alameda, respectivamente.

Quanto ao estacionamento automóvel, este é disperso pela zona nascente do Toural, norte da alameda, zona em frente ao templo de S. Francisco e extremo Este da alameda. Referente às duas primeiras zonas, é de salientar que muitas vezes o estacionamento é feito de forma que congestiona aquela zona, através de estacionamento em segunda fila, na fixa de rodagem, principalmente na primeira área, Toural nascente, e na segunda onde

frequentemente ocorre o estacionamento de veículos automóveis ligeiros estacionarem nas zonas destinadas para os autocarros, que por sua vez ficam a aguardar que esses veículos saiam, obstruindo desta forma a via e impossibilitando a passagem de veículos, ou ainda por vezes ocorre a demora na carga dos passageiros e o autocarro que deveria atracar fica à espera, obstruindo a passagem aos restantes veículos, que o seu lugar fique disponível, como se pode observar na imagem seguinte.



fig. 54 - Alameda Norte - chegada/partida dos autocarros

Passando agora para o estudo do volume de tráfego automóvel na zona de estudo. Como demonstra a imagem a cima, retirada do “Relatório prévio de avaliação física dos níveis de serviço pedonal”, do arquitecto André Fontes, o Toural é das zonas com mais movimento automóvel, bem como a parte norte da alameda.

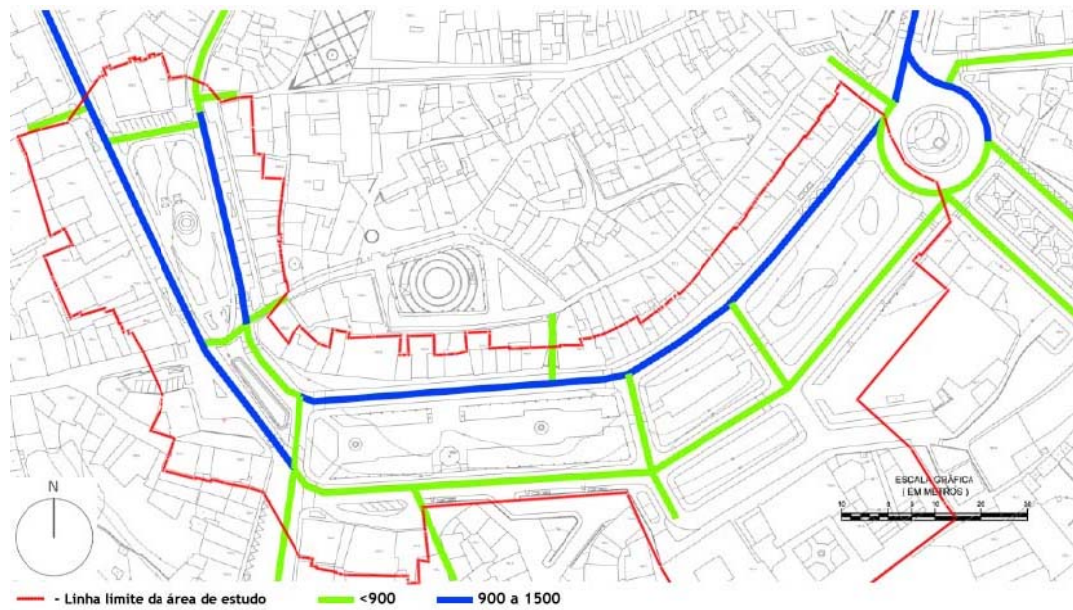


fig. 55 - Volume de tráfego (veículos/hora)

A topografia existente condiciona directamente a inclinação dos passeios. Como se pode observar na imagem seguinte, as zonas de maior inclinação são no centro da alameda. A única zona onde se encontram escadas para vencer o declive é na ligação da rua mais a norte na alameda com o burgo antigo, no ponto 1 da figura seguinte.

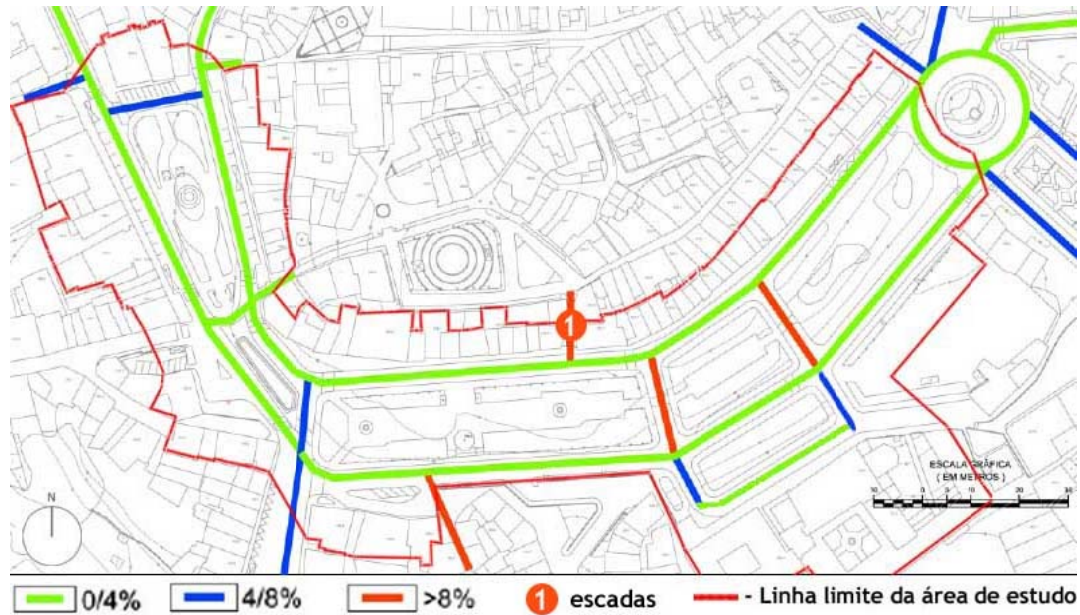


fig. 56 - inclinação topográfica

Em relação à poluição sonora consegue-se perceber através dos mapas de ruídos diurnos e nocturnos a zona do Toural e da Alameda são áreas onde o ruído atinge os níveis mais elevados da sua região circundante, quer de dia, quer de noite, sendo os valores de ruído inferiores à noite. Como se consegue perceber, até nos centros da praça do Toural e dos tabuleiros ajardinados da Alameda o ruído varia entre os sessenta e cinco e setenta decibéis, durante o dia, e varia entre sessenta e sessenta e cinco decibéis durante a noite.



fig. 57 - Mapa de ruídos diurno

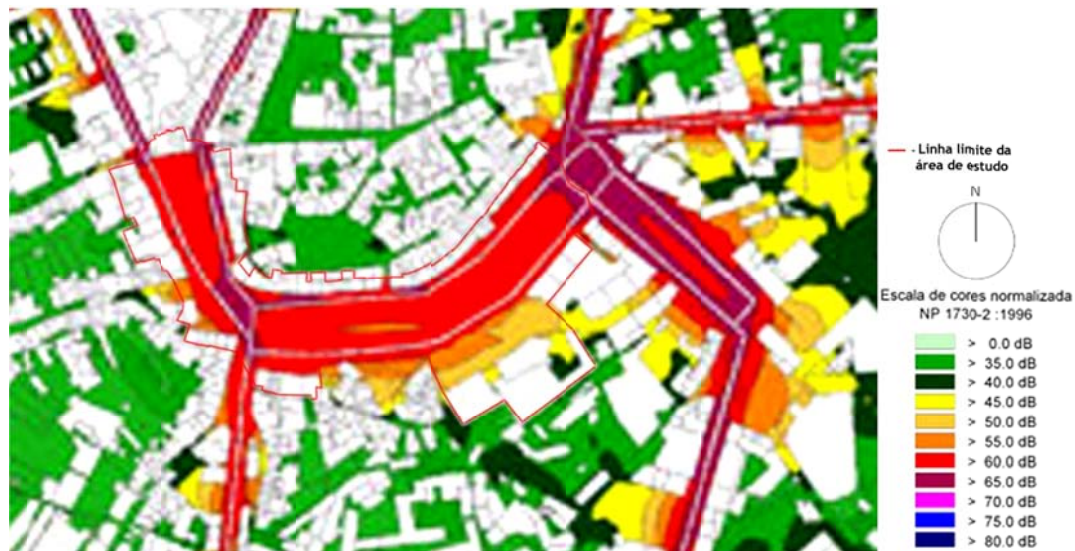


fig. 58 - Mapa de ruídos nocturno

A poluição acústica é um factor que influencia negativamente o usufruto do espaço urbano por parte dos cidadãos, pois devido a este ruído, fruto passagem excessiva de carros e autocarros, o peão acaba por não ter um usufruto mais duradouro do espaço urbano.

Como se pode depreender após a análise realizada existe um maior número de veículos a circular do que pessoas e que a circulação pedonal é interrompida frequentemente, em detrimento da circulação automóvel. A presença efectiva do automóvel, para além de interromper a circulação pedonal, acarreta consigo poluição de vários níveis, quer visual, pois não permite vislumbrar o património arquitectónico existente, quer ambiental, devido aos gases produzidos pelos veículos em movimento, e ainda a poluição sonora

5.2.2 Pontos positivos

Interessa agora salientar as características presentes no espaço, a fim de se perceber os pontos fortes que se podem seguir para as medidas projectuais.

No espaço urbano em questão encontra-se como pontos de relevância, pela positiva os seguintes itens:

- **Qualidade histórica dos edifícios**

É facto incontornável a presença de um legado arquitectónico histórico, quer contíguo à praça, quer contíguo à alameda. A presença destes edifícios confere ao espaço uma identidade própria, de relevância histórica, e de um valor eclético assinalável, tornando-o um espaço de visita, e não meramente de passagem.

- **Proximidade e conexão com o núcleo medieval**

A proximidade com o velho burgo possibilita a rápida conexão existente, que confere ao Toural e à Alameda um carácter de antecâmara, ou sala de visitas para quem visita o património histórico.

- **Abundância do espaço verde**

A existência do espaço verde na cidade é essencial para oferecer mais conforto ao utente na fruição ou estadia, tal como acontece na Alameda. Esta abundância confere ao espaço urbano um carácter mais estético e mais natural, além do embelezamento da praça confere-lhe também alinhamento e percursos. No Toural destaca-se mais o aformosamento do mesmo pelo elementos vegetais constituintes dos jardins.

- **Elementos marcantes**

Como elementos marcantes encontram-se no Toural a fonte que está no centro da praça. Na Alameda, depara-se com as fontes do “Fauno” e d’ “A Rapariguinha” e o coreto, todos eles no tabuleiro central mais próximo do Toural e, no junto à igreja de S. Francisco existe o cruzeiro homónimo. (ver anexo 02)

- **Presença do arvoredado denso**

Presente ao longo do tabuleiro central da Alameda de S. Dâmaso, a vegetação arbórea cria um óptimo e agradável telhado verde nos dias de maior calor.

- **Serviço de transportes públicos**

A presença de transportes públicos, táxis e autocarros, no Toural e na Alameda torna fácil a acessibilidade deste espaço urbano aos cidadãos que se querem deslocar até ali.

Ganha maior relevo a alameda pelo facto de os autocarros partirem e confluírem para ali de todos os pontos das freguesias mais próximas.

- **Presença de comércio e serviços**

A presença do comércio e serviços são o factor primordial que distingue um centro urbano dos restantes espaços, e como o tal o Toural e a Alameda gozam deste carácter de centralidade. Originando a deslocação dos cidadãos para este local.

- **A dimensão do espaço**

A própria dimensão do espaço confere-lhe possibilidades e características que não de conseguem noutros pontos da cidade. A área do Toural e da Alameda são por excelência pontos de referência nas festividades cidadinas.

- **A topografia**

Como se pode perceber a o terreno não apresenta pendentes muito inclinadas, salvo raras excepções, como na parte central da Alameda onde se encontra o tabuleiro central e o tabuleiro em frente ao convento de S. Francisco. A topografia, de um modo geral, não condiciona a mobilidade urbana.

5.2.3 Pontos negativos

Se no ponto anterior fez-se a caracterização e enumeração dos pontos positivos existentes no espaço urbano, no caso particular do Toural e da Alameda, surge agora a necessidade de identificar e enumerar pontos negativos. Estes são então:

- **Presença massiva do automóvel**

A presença constante dos automóveis interrompe a circulação pedonal e causa insegurança aos peões mas também se denota que pode gerar um mau estar quanto ao usufruto do espaço público, nomeadamente, pelo ruído causado pelos motores dos veículos motorizados. Principalmente na zona da alameda em que o tabuleiro central é fragmentado em três partes divididas pelas ruas de tráfego automóvel.

Consequência directa desta presença excessiva de veículos motorizados é a poluição a vários níveis, ambiental, acústica e estética.

- **Sobredimensionamento de vias automóveis**

Sendo este um espaço central na cidade, ancorado por serviço e comércio, é um local onde o cidadão circula frequentemente, pelo que se pretende que este circule em segurança e tenha facilidade de conexão entres os tabuleiros centrais existentes e os passeios junto aos edifícios. Mas devido à excessiva via pública, tanto na sua largura como em quantidade de faixas de rodagem, perde-se espaço pedonal.

- **Fragmentação das praças**

Tal como foi descrito no item anterior a fragmentação dos tabuleiros centrais, quer do Toural quer da Alameda, pelo tráfego automóvel. Surgem no desenho urbano consequência da distribuição rodoviária, como espaço residual, e não como espaço essencial.

- **Descontinuidade da circulação pedonal**

Surge como consequência natural das premissas anteriores.

- **Poluição**

Neste item importa mencionar a poluição ambiental, a poluição acústica e a poluição ambiental, fruto uma vez mais da presença massiva de automóveis, que cria condições de desconforto no uso do espaço citadino.

- **Marginalização de monumentos**

Este item refere-se essencialmente ao espaço em frente à igreja de S. Francisco. Que com o actual desenho urbano se encontra marginalizado na sua importância como símbolo do barroco em Guimarães, pois este apresenta-se escondido e sem grande relevância na malha urbana.

- **Impossibilidade de fruir os espaços verdes**

O espaço verde quer no Toural quer na Alameda, é formado por canteiros que se encontram ajardinados, não havendo por isso espaço verde cedido aos cidadãos para a sua livre fruição.

- **Ocupação do passeio pelo mobiliário urbano e pelas árvores**

A ocupação indevida do passeio com mobiliário urbano, como refúgios utentes dos autocarros na zona sul da alameda e com explanadas dos cafés na zona poente do Toural

- **Más condições do pavimento**

Principalmente no tabuleiro central do Toural e nos tabuleiros da Alameda e nos passeios laterais norte que contornam os jardins, apresentando desnivelamentos consideráveis que não são favoráveis à deslocação pedonal e ao carros de rodas e carrinhos de bebés.

- **Estacionamento indevido dos autocarros na faixa de rodagem**

É de salientar que muitas vezes o estacionamento é feito de forma que congestiona a zona norte e sul da alameda através de estacionamento em segunda fila, na faixa de rodagem, devido à demora na carga dos passageiros por parte do autocarro de deveria estar a partir e, o autocarro que deveria atracar fica a aguardar que o seu lugar fique disponível, consequentemente obstruindo a passagem aos restantes veículos

- **Estacionamento indevido dos automóveis na faixa de rodagem e lugares dos autocarros**

O estacionamento automóvel está espalhado pela zona nascente do Toural, norte da alameda, zona em frente ao templo de S. Francisco e extremo este da alameda. Os pontos mais problemáticos da índole do estacionamento indevido, ocorre essencialmente em duas situações: estacionamento em segunda fila, na faixa de rodagem, no lado nascente e norte do Toural; e estacionamento no lugar de paragem dos autocarros, na zona norte da Alameda de S. Dâmaso, obrigando o autocarro a aguardar na faixa de rodagem. Ambos os casos a consequência é a mesma, obstrução da via, embora nos que nos casos mencionados existam duas faixas de rodagem que frequentemente está congestionada, não sendo usada para o devido efeito.

5.2.4 Tabela Síntese

Com base no que foi descrito nos pontos anteriores levou à execução de uma tabela síntese para melhor e mais inteligivelmente se perceber em que estado se encontra o espaço urbano do Toural e da Alameda.

Pontos Positivos	Pontos Negativos
Qualidade histórica dos edifícios	Presença massiva do automóvel
Proximidade e conexão com o núcleo medieval	Sobredimensionamento de vias automóveis
Abundância do espaço verde	Fragmentação das praças
Elementos marcantes	Descontinuidade da circulação pedonal
Presença do arvoredo denso	Poluição
Serviço de transportes públicos	Marginalização de monumentos
Presença de comércio e serviços	Impossibilidade de fruir os espaços verdes
A dimensão do espaço	Ocupação do passeio pelo mobiliário urbano e pelas árvores
A Topografia	Más condições do pavimento
	Estacionamento indevido dos autocarros na faixa de rodagem
	Estacionamento indevido dos automóveis na faixa de rodagem e lugares dos autocarros

Tabela 2 - pontos positivos e pontos negativos do espaço público

Como se pode aferir o espaço público da área de estudo tem características positivas de ordem física e espacial, como a dimensão, a topografia, os espaços verdes, e presença de arvoredo denso, mas também de índole política, como a presença de serviços e comércio, de carácter geográfico, na sua proximidade com o velho burgo e por o carácter histórico, na panóplia de espólio arquitectónico de valor histórico, e dos elementos marcantes.

Embora apresente este conjunto de pontos favoráveis que favorecem o espaço público, ele é também influenciado com pontos negativos. Destacando-se a nível de desenho o sobredimensionamento de vias automóveis, fragmentação das praças, ocupação do passeio pelo mobiliário urbano pelas árvores, impossibilidade de circular nos espaços verdes e excessiva presença dos automóveis, a nível de ordenamento depara-se com estacionamento

indevido dos automóveis e estacionamento indevido dos autocarros, nível físico as mas condições dos pavimentos.

A imagem seguinte mostra a planta síntese com informação geral do espaço de estudo.

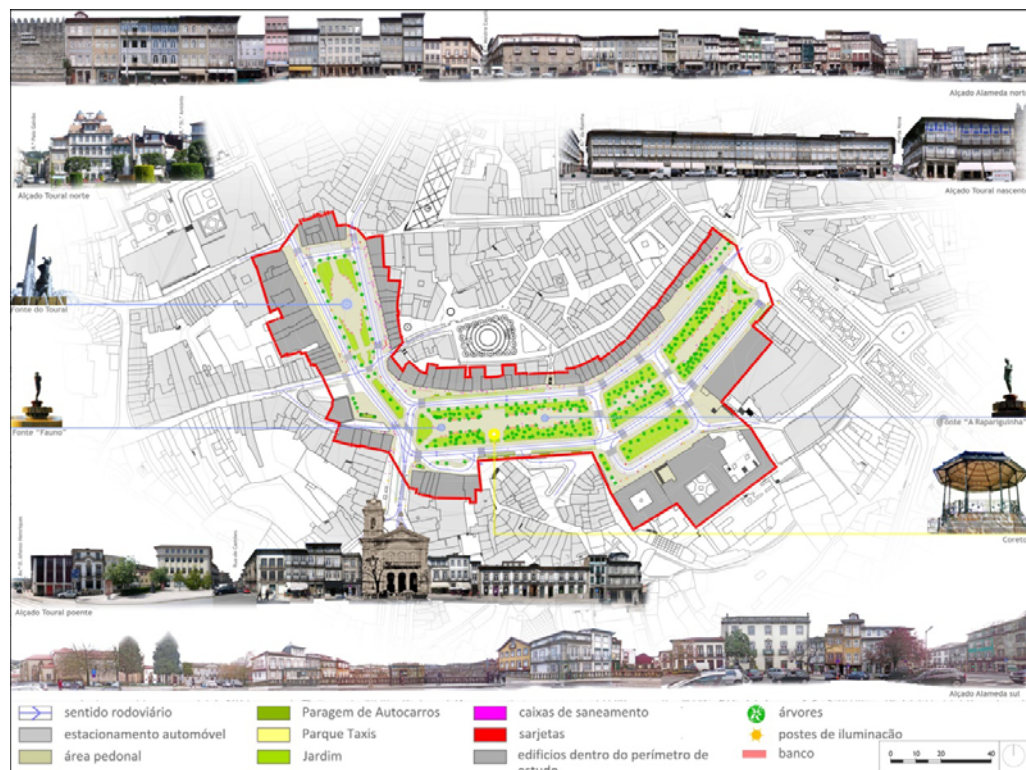


fig. 59 - Planta Síntese (anexo 02)

5.3 ENQUDRAMENTO NO PLANO DIRECTO MUNICIPAL DE GUIMARÃES

Segundo o Plano Director Municipal de Guimarães, publicado em 1994, a área de estudo está inscrita numa zona de parque, a parte não edificada, e a parte edificada encontra-se situada na zona de construção central de tipo I, como mostra a figura seguinte. O uso para as zonas de parque são "zonas de uso público, destinam-se essencialmente a actividades de lazer e lúdicas, admitindo-se a existência de áreas específicas para equipamentos de apoio a estas actividades",⁵¹ menciona que "estas zonas não poderão ter destino diverso do definido no pdm, admitindo-se em casos devidamente justificados noutros planos municipais, a redução da sua área em 10% para outros usos." Não são definidos para o local nenhuns outros índices e parâmetros urbanísticos.

⁵¹ alínea 2, artigo 48º do capítulo VII do PDM

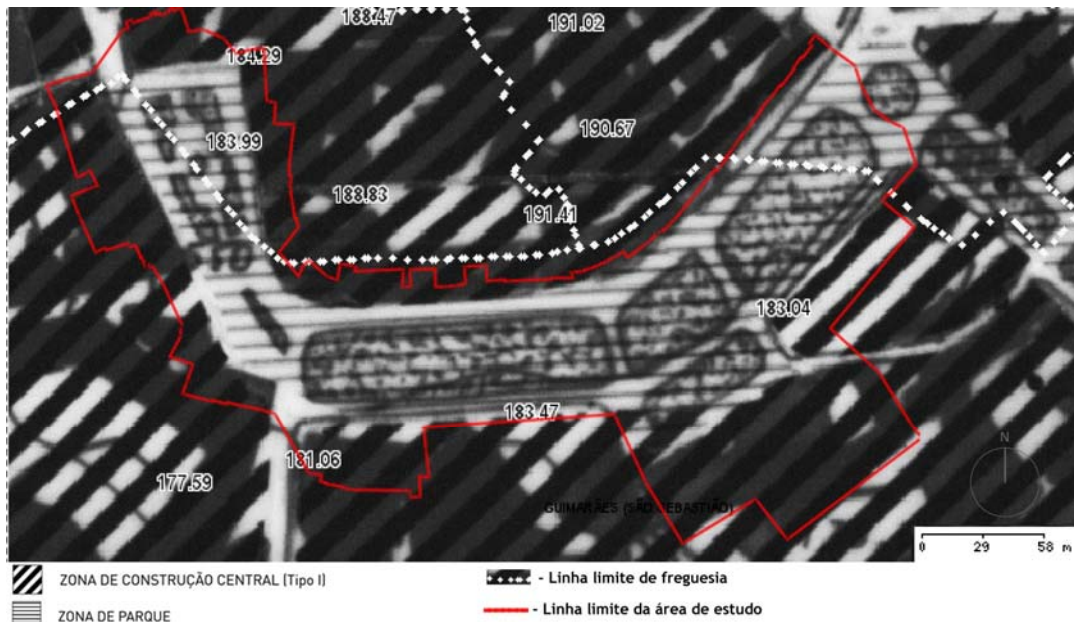


fig. 60 - extracto da planta de ordenamento

Como não existem indicações no PDM na secção das zonas de construção central do Tipo I que possam interferir no uso do espaço público, não é necessário mencionar qualquer ponto dessa secção.

Na planta de condicionantes, percebe-se que o espaço de estudo está inscrito dentro do perímetro da zona de protecção de imóveis e conjuntos classificados, como se pode constatar na [figura 56](#). Também aqui não, existe qualquer tipo de condicionante em termos do uso e trabalho no espaço público não construído.

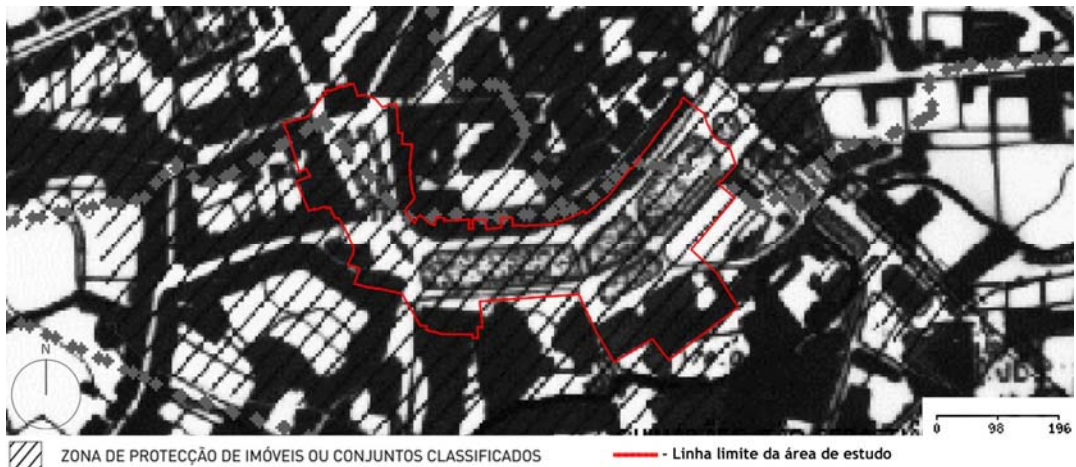


fig. 61 - extracto da planta de condicionantes do PDM de Guimarães

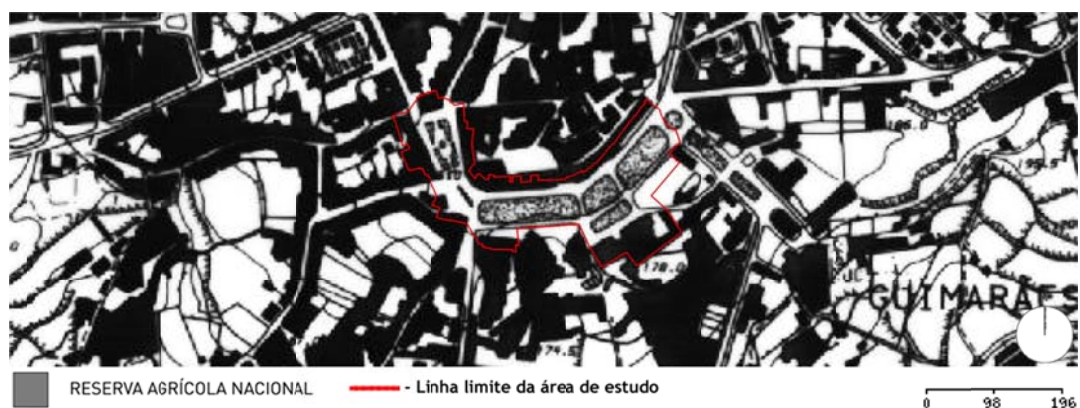


fig. 62 - extracto da planta da Reserva Agrícola Nacional (RAN) do PDM de Guimarães



fig. 63 - extracto da planta da Reserva Ecológica Nacional (REN) de Guimarães

Como se pode verificar, com a análise das figuras 57 e 58, a área de estudo não se encontra em nenhuma área protegida, tanto de reserva agrícola, o que é de todo provável acontecer, pois a superfície de trabalho encontra-se no interior de uma malha urbana consolidada, como de reserva ecológica.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Toural e Alameda gozam de um elevado destaque na malha urbana, sendo por excelência o centro da cidade. São espaços públicos por excelência, lugar de encontro e estadia e local da realização de imensas actividades cidadinas, funcionando como sala de visitas da cidade e antecâmara de entrada para o núcleo medieval.

Este trecho composto pela área de estudo serve de ligação com o resto da cidade, pois daqui convergem as ruas que se distribuem em todas as direcções, acentuando-lhe o carácter de centralidade. Centralidade que esta bem patente pela quantidade de comércio e serviços instalados nos pisos térreos dos edifícios contíguos à praça e à alameda.

É também facto incontornável, a presença de um legado arquitectónico histórico fronteiriço à praça e à alameda, que confere ao espaço um ambiente carregado cor, forma e ritmo.

A praça e a alameda conseguem albergar no seu confinamento um conjunto de dimensões presentes, derivadas do seu rico património, como sendo a dimensão militar, a muralha, a arquitectura religiosa, igrejas de S. Pedro e S. Francisco e a arquitectura civil. Quanto a ao espaço público é de salientar o próprio espaço com o seu tratamento cuidado, nos pavimentos e jardins, e os elementos singulares como as estátuas, o coreto e o cruzeiro de S. Francisco.

Contudo, a área de estudo apresenta alguns problemas ao nível de estado dos materiais e colocação de algum mobiliário urbano. Mas o que mais se evidencia na cidade, pelo menos neste trecho, é que foi feita a pensar no fluxo do trânsito automóvel, e como tal notam-se mais preocupações de nível rodoviário que propriamente de nível de estadia e passagem para o transeuntes e utentes, tão importante e essencial para usufruto do espaço urbano. Desta forma não privilegiando a fixação da população nestes espaços, e como consequência o comércio tradicional começa a desaparecer e a dar um aspecto de abandono á cidade.

Como se pode aferir o espaço público da área de estudo tem características positivas de ordem física e espacial, como a dimensão, a topografia, os espaços verdes, e presença de arvoredo denso, mas também de índole política, como a presença de serviços e comércio, de carácter geográfico, na sua proximidade com o velho burgo e por o carácter histórico, na panóplia de espólio arquitectónico de valor histórico, e dos elementos marcantes.

Embora presente este conjunto de pontos favoráveis que favorecem o espaço público, ele é também influenciado com pontos negativos. Destacando-se a nível de desenho o sobredimensionamento de vias automóveis, fragmentação das praças, ocupação do passeio pelo mobiliário urbano pelas árvores, impossibilidade de circular nos espaços verdes e excessiva presença dos automóveis, a nível de ordenamento depara-se com estacionamento indevido dos automóveis e estacionamento indevido dos autocarros, nível físico as mas condições dos pavimentos.

A imagem seguinte mostra a planta síntese com informação geral do espaço de estudo.

Resta referir que em termos de legislação a área de estudo encontra-se regida pelo PDM local, que caracteriza a toda a área pública não edificada como zona de parque. E é esse parque que se quer ver renascer.

CAPITULO VI

PROPOSTA DE PROJECTO URBANO PARA A PRAÇA DO TOURAL E ALAMEDA DE S. DÂMASO

6.1 MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

A presente memória descritiva diz respeito ao Projecto de Urbano do Toural e Alameda. Este projecto teve como ponto de partida um trabalho de pesquisa e análise do tecido urbano envolvente ao conjunto formado pelo Toural e pela Alameda, bem como análise e estudo do espaço de intervenção.

Surge então, após as premissas constatadas com base nas análises referidas, a necessidade cada vez maior de conferir aos utentes do espaço público conforto no seu usufruto, a valorização da qualidade ambiental do território urbano, e ainda a preocupação de apoio à realidade económica local e no desenvolvimento da qualidade urbanística, prolongando um esforço de requalificação urbana, já corrente e generalizado em Guimarães.

6.1.1 Objectivos fundamentais

A presente proposta pretende atingir uma serie de objectivos que influenciarão a proposta de projecto.

Nas linhas estratégicas do projecto prendem-se essencialmente com a reinvenção da centralidade do Toural e da Alameda, com vista ao alcance dos seguintes objectivos:

- o reforço do carácter simbólico e identitário do local, enobrecendo o espaço físico e tornando-o mais atractivo e confortável para a população;
- promover a vivência do espaço, de zonas de estar e lazer, organizando a circulação viária de automóveis e autocarros;
- reduzir a fragmentação do espaço, diminuindo a presença do automóvel e autocarro em favor da circulação pedonal;
- fomentar o processo de requalificação e aumento de atractividade do comércio tradicional;
- dotar como símbolo de contemporaneidade na cidade, num momento histórico em que a competitividade entre as cidades nunca foi tão visível;
- unificar a espaço verde da alameda e devolve-la aos cidadãos;
- enquadrar paisagisticamente com vista à qualificação do lugar e promoção de conforto humano;

- privilegia a recuperação de arruamentos (infra-estruturas e pavimentos) distinguindo a circulação dos peões e criação de corredores pedonais;
- reorganização do trânsito automóvel e dos transportes urbanos, nomeadamente, quer dos locais de estacionamento quer de circulação
- qualificação da área fronteiriça ao templo de S. Francisco, que actualmente se encontra sem a importância que se reconhece ao edifício nem valoriza a integração dele na cidade;
- dotar o espaço de mobiliário urbano adequado e necessário ao espaço público
- conexão da zona de Couros com a zona intra-muros com uma passagem pedonal, representando a imagem simbólica da cidade.

6.1.2 Propostas gerais

6.1.2.1 Rede viária

Na zona da Alameda optou-se por retirar a circulação automóvel na parte de cota mais alta. Esta opção/solução deve-se ao facto de se procurar embelezar aquele troço, parte de cota mais alta da alameda, junto ao centro histórico e além do mais o único ponto de acesso deste troço com a parte histórica é única e exclusivamente pedonal. Pretende-se também dar aos utentes pedonais a possibilidade de terem acesso a um jardim logo a saída da malha mais densamente aglomerada de edifícios e ruelas, e ainda poder revitalizar o comércio tradicional, transformando a aquela rua, numa escala reconhecidamente inferior, como a rua de Santa Catarina no Porto. Pretende-se ainda, numa ideia de revivalismo, trazer a dignidade e a importância urbana a uma parte da cidade que outrora fora local de encontro e estadia.

Quanto ao material nas faixas de rodagem usado será o cubo de granito cinza, numa procura por aumentar a quantidade de solo permeável e ainda de redução de velocidade no centro da cidade.

A zona viária existente na zona de intervenção tem um perfil tipo com faixas de rodagem de três metros e meio.

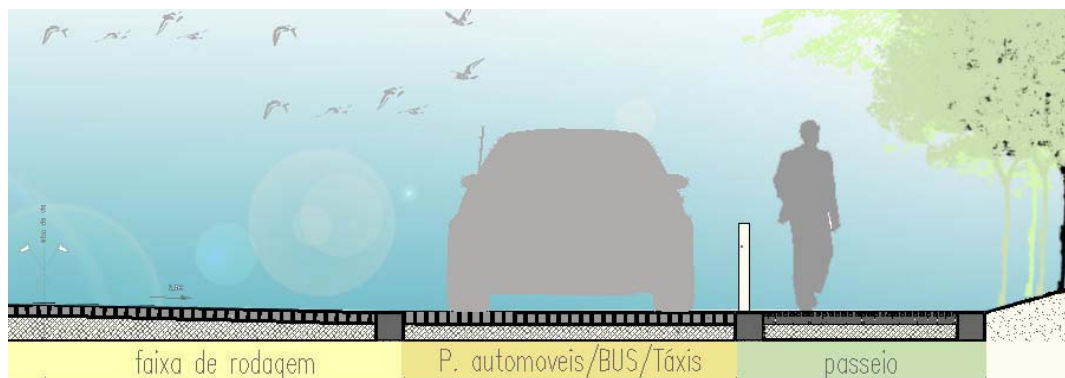


fig. 64 - perfil tipo de arruamentos

No Tournal poente existe duas faixas de rodagem com o mesmo sentido, enquanto nas restantes vias do Tournal existe uma faixa apenas. Quando o Tournal se junta com a Alameda a as duas faixas de rodagem, que se prolongam do lado poente da praça, separam-se, uma convergindo para sul, para a avenida D. Afonso Henriques e outra continua para nascente em direcção à Alameda. A faixa que segue para a Alameda cruza com a faixa que vem em sentido contrário, da Alameda em direcção á avenida de D. Afonso Henriques, sendo consequentemente o trânsito controlado por sinalização luminosa.

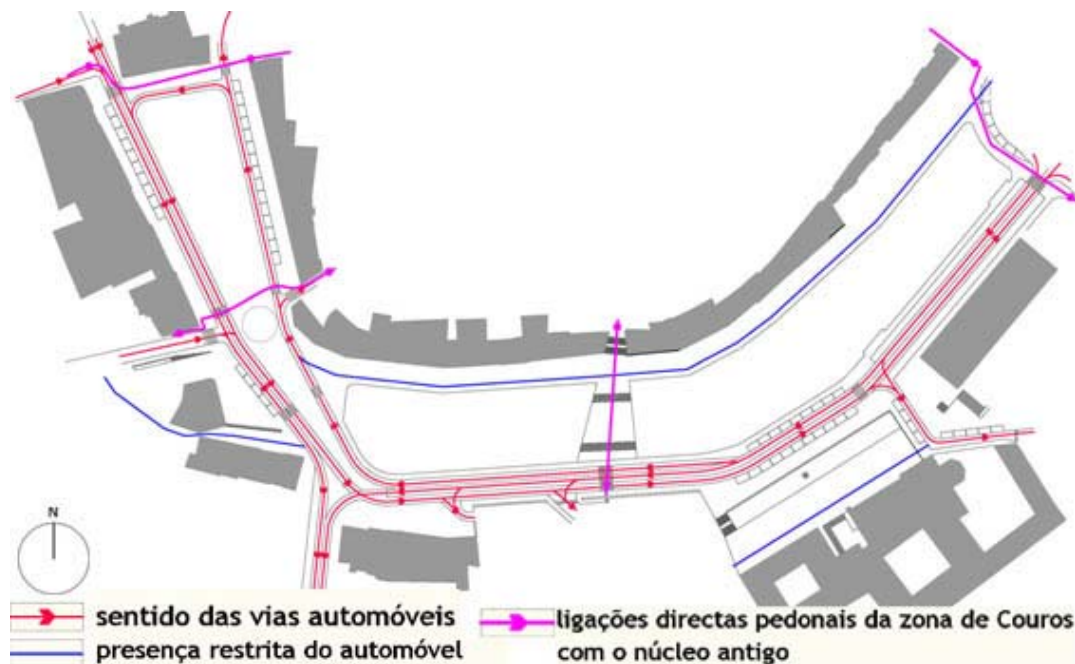


fig. 65 - esquema de circulação proposto

A situação onde ocorre a presença de três faixas de rodagem encontra-se no início nascente da alameda, a fim de separar o trânsito que pretende seguir para norte, Tournal, do que pretende seguir para sul, avenida D. Afonso Henriques, visto estes últimos serem controlados por sinalização luminosa, semáforos, e poderem congestionar quem não pretende seguir aquela direcção.

Esta separação foi também criada com o propósito a faixa que se dirige para o Tournal poder ser fechada em dias de festividade ou actividades, permitindo assim encerrar o trânsito automóvel no Tournal norte, e consequentemente, a rua de Santo António, onde se encontra uma forte presença de comércio tradicional. Desta forma permite conceder uma grande área pedonal ao pedonal que visita e percorre a cidade, aumentando também o conforto e segurança pedonal de quem pretende fazer compras no comércio tradicional. Com esta proposta a rua do comércio que se pretendeu criar na alameda de cima consegue-se prolongar e até passar o dobro do seu comprimento.

Mesmo que ocorra o corte ocasional da dita via, o trânsito consegue fluir normalmente pela parte nascente do Tournal e sul da Alameda.

Esta via que se pode obstruir pode ser usada também para estacionamento na parte junto ao bosque da alameda.

Quanto ao estacionamento, percebe-se pela análise realizada para efeitos de estudo a área de estudo que se encontrava a usufruir do espaço que deveria ser pedonal. Como tal foram retirados grande parte dos lugares de estacionamento existentes, para devolver o espaço ao espaço pedonal.

6.1.2.2 Vegetação

No capítulo das árvores optou-se por tentar manter o maior número possível, e ainda aumentando esse número, ora pela plantação de novas árvores ora pela replantação das existentes que não coincidiam com a proposta.

O expressivo espólio arbóreo existente na Alameda de S. Dâmaso foi determinante na concepção da proposta.

São várias espécies de árvores que estão presentes no espaço público, como o Castanheiro-da-índia, o Choupo-negro ou Álamo-negro, o Cedro-Azul-do-Atlas, o Lodão-bastardo ou Lodão-europeu, o Diospireiro, a ameixoeira-de-jardim ou abrunheiro-de-jardim, o bordo-negundo ou ácer-negundo, a Árvore-de-Júpiter ou flor-de-merenda, a Camélia ou Japoneira, o Pitósporo-da-China ou Pitósporo-do-Japão, a Magnólia-de-jardim e a Francisca.

Pretende-se então salvaguardar o maior número possível de árvores de grande porte, removendo porém a vegetação mais rasteira, criando na Alameda um denso povoado arbóreo com a plantação de novas árvores e replantação das árvores que terão de ser retiradas para a execução da proposta.

Tanto na praça do Toural como no terreiro de S. Francisco, houve a preocupação de criar espaços de sombra, renovando a trama arbórea que se encontrava já em decadência.

A composição vegetal que deverá ser identificada em fase de projecto de execução deverá ser maioritariamente autóctone, adaptada às características climáticas da região, apresentar diversidade em termos morfológicos e cromáticos, no sentido de conferir um maior conforto climático e qualificação visual ao espaço. No que se refere à selecção dos elementos vegetais para este espaço, prevaleceram critérios referentes essencialmente à textura, volume e cor, bem como às baixas exigências de manutenção.

6.1.2.3 Materiais

Serão usados os seguintes materiais nos pavimentos:

- Lancis - lancis (rectos, curvos e angulares) em granito branco, pico médio com 100x25x25cm, com acabamento liso e sem brilho⁵².

⁵² Tipo de acabamento onde são utilizados apenas os primeiros abrasivos. É um semi-polimento, onde a pedra não apresenta brilho.

- **Cubo de Granito cinza** de 10cm de aresta - Estacionamento automóvel, táxis e autocarros, e em toda a faixa de circulação automóvel. Com acabamento flamejado⁵³.
- **Cubo de Granito amarelo** de 5cm de aresta - cruzamento faixas de rodagem de automóveis com passeios. Com acabamento flamejado.
- **Cubo de Calcário branco** de 5cm de aresta - Passeios norte e oeste e praça do Toural e na Alameda, passeios adjacentes à faixa de circulação automóvel e alameda de cima, onde não existe trânsito automóvel.
- **Cubo de xisto negro** de 5cm de aresta - desenhos no tabuleiro central do Toural.
- **Lajes de Granito amarelo** - Zona Este do Toural, Alameda de cima, ambos juntos aos edifícios, e centro do adro de S. Francisco. De dimensões de 200x100x10cm com acabamento liso e sem brilho.
- **Lajes de Granito cinza** - restantes área do adro de S. Francisco com dimensões de 200x100x10cm e acabamento liso e sem brilho.
- **Lajes de Granito amarelo** - escadas de ligação da Alameda de cima com alameda de baixo e escadas do abro de S. Francisco.
- **Lajes de Mármore branca** - 100x50x10cm para passadeiras, com acabamento liso e sem brilho.
- **Lajes de granito cinza** - 100x50x10cm para passadeiras, com acabamento liso e sem brilho.
- **Deck de madeira de pinho** - aparafusado a perfis ómega. Dimensões 300x10x2,2cm.
- **Composto poroso de resina, vidro e pedra**⁵⁴ - cor vermelha

6.1.2.4 Mobiliário urbano

6.1.2.4.1 Bancos

Neste item é onde mais se destaca a intervenção em termos de definição de espaço e distinção de vivências e ocupações no espaço público projectado.

Tendo por base este princípio orientador, optou-se por desenhar o banco conforme a área onde este se encontrava contextualizado. Como tal temos bancos diferentes em ambos os espaços criados, a praça, na rua, no bosque e no terreiro.

⁵³ Acabamento realizado nos granitos á base de jacto de fogo, com acabamento final áspero aveludado, muito indicado para áreas externas.

⁵⁴ <http://core6systems.com/corebond> - Resin-bound Aggregate Resin-bound aggregate tiles for beautiful and porous surfaces. An eco-friendly solution to stormwater management, surfaces with COREbond™ offer all the beauty and benefits of natural porous paving with the convenience and durability of stone pavers or tiles. The COREbond™ Resin-bound Aggregate Tiles consist of a unique 2-layer design. Stone, glass, rubber or porcelain is bound together with a flexible epoxy resin for the top surface and underneath is a interlocking plastic core to give support and offer water retention.

Na praça o banco é como que uma extrusão do desenho do pavimento, originando um banco circular de raio de um metro na sua parte interior. Este banco circular é cortado num dos seus quadrantes para que as pessoas possam entrar no seu centro e se sentarem do lado interior. Desta forma obtém-se uma serie de vistas diferentes da praça, dependendo directamente do local onde a pedonal se sente, do lado dentro ou do lado de fora do banco, para onde se vira e ainda o banco que escolhe para se sentar.



fig. 66 - banco do circular da praça do Toural (anexo 18)

Em termos de materiais o banco é feito de betão revestido nas faces verticais por xisto de tom negro e na superfície de topo é revestido por ripas de madeira lacada a vermelho, fazendo alusão à memória dos bancos que existem actualmente.

Na zona da rua do comércio o banco já encontra uma configuração bastante diferente, é por sua vez mais recto reflectindo a como que a projecção das cêrceas dos edifícios adjacentes à rua. Daí resulta que os bancos não apresentem as mesmas dimensões, em termos de comprimento.

Como visto anteriormente, quando na memória se referiu à rua do comércio, os bancos estão contíguos à zona de circulação pedonal, de forma a não interferir e estorvar a passagem de que por ali circula.

Estes, tais como os bancos da praça do Toural, têm na sua estrutura base o bloco de betão que será revestido como um material que proporcione maior conforto ao utente. Neste caso, o material de revestimento é o deck de madeira de pinho que cobre todas as superfícies do betão.

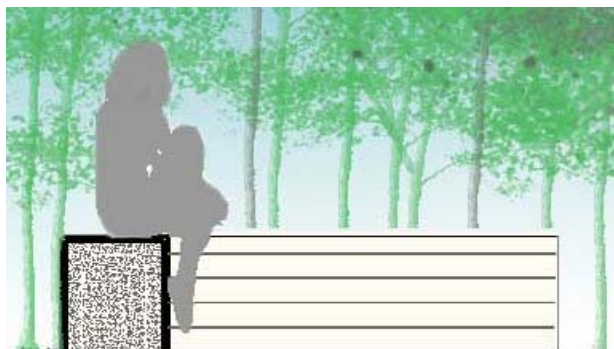


fig. 67 - banco da "rua do comércio"
(anexo 17)

Ainda na Alameda temos outro tipo de banco, na área verde o bosque. Estes encontram-se distribuídos ao longo da passadeira que atravessa longitudinalmente o bosque.

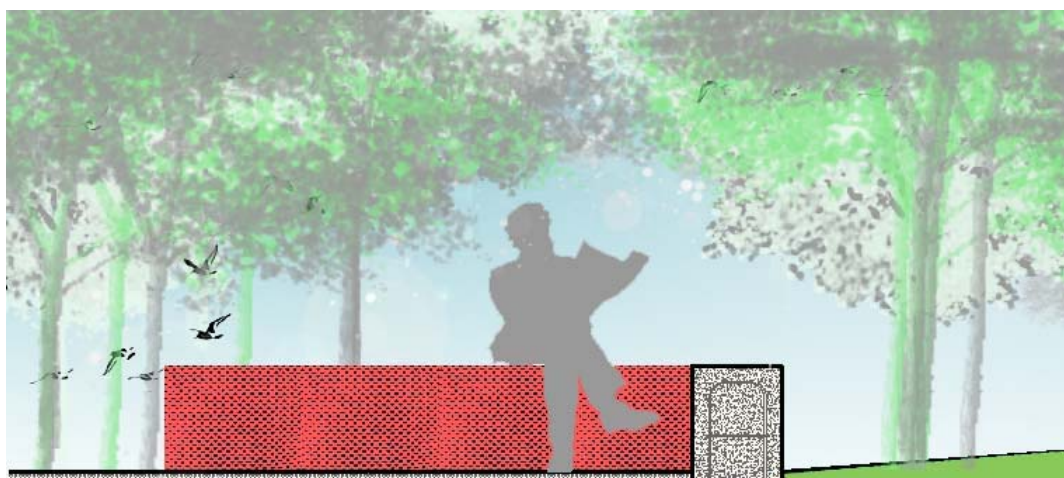


fig. 68 - Banco tipo do bosque (anexo 18)

A sua estrutura base aparenta os mesmos princípios que dos supracitados, embora apresente uma variação de forma que não se enquadra nem na forma dos da praça, nem nos da rua de cima da Alameda. Por sua vez a sua forma surge como consequência do limite do passeio central.

Como materiais temos então na sua base o betão que deve revestido por uma chapa metálica perfurada e quinada, de cor vermelha.

Por último falta mencionar o banco tipo do terreiro de S. Francisco. Este é o banco que mais difere dos restantes, desde a sua montagem até à sua forma.



fig. 69 - Banco tipo do terreiro de S. Francisco (anexo 17)

Em termos de materiais o banco é constituído por duas lajes curvas de granito cinza e por seis ripas de madeira lacada a vermelho.

A construção deste banco é feita única e exclusivamente na obra, pois necessita que se coloquem algumas lajes de granito no piso para que a laje que se eleva do solo possa depois suportar a força de compressão que está a ser incutida pela laje oposta. É pela força da compressão que as ripas de madeira encaixam nas ranhuras executadas no topo das pedras para essa finalidade.

6.1.2.4.2 Iluminação

Em termos de iluminação propostas pretendem-se de dois tipos, encastrada no solo e em postes.

A iluminação de postes, como a da imagem seguinte, encontrar-se-á no Toural, ruas da alameda, pedonais ou automóveis e ainda no terreiro de S. Francisco.

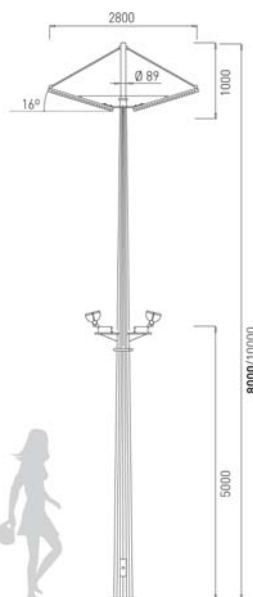


fig. 70 - Candeeiro de iluminação da via pública

Onde a iluminação é feita por poste e, se torne inadequado o uso devido à presença de um conjunto arbóreo que dificulte a passagem da luz, a iluminação deverá ser reforçada na área arbórea por candeeiros encastrados no sol, como acontece no bosque da alameda e na parte arborizada da praça do Toural.

6.1.2.4.3 Papeleiras

As papeleiras serão espalhadas ao longo das ruas da Alameda, quer na cota mais alta, quer na cota mais baixa, no Toural, nos passeios adjacentes á praça, e no terreiro de S. Francisco. Todas elas deverão estar colocadas de forma que não prejudiquem a mobilidade pedonal.

6.1.2.4.4 Pinos separadores

Os pinos separadores neste projecto adquirem um papel fundamental para a segurança dos peões, visto as cotas dos passeios encontrarem-se ao mesmo nível de cota da das vias rodoviárias.

Estes devem ser colocados no lancil de granito cinza do passeio mais próximo da faixa de rodagem com um espaçamento entre eles de um metro.

Como se encontrar expostos aos agentes externos da natureza, propõe-se que seja pinos de inox, com oitenta centímetros de altura e que tenhas um perfil cilíndrico para que possa ser evitado ao máximo o ferimento em esquinas dos transeuntes mais distraídos ou incapacitados.

6.1.2.4.5 Grades das árvores

A única zona em toda a intervenção que deverá contemplar o uso de gradeamento para os canteiros das árvores será no tabuleiro central do Toural.

6.1.2.4.6 Paragens de autocarros

As paragens dos autocarros existentes na proposta encontram-se única e exclusivamente na zona mais a nascente da Alameda.

Este é um tipo de mobiliário urbano que está constantemente sujeito a intervenção de terceiros, nomeadamente, empresas de transportes e câmaras municipais, pelo que não é então proposta um tipo de paragem.

Apenas se demarcam em projecto o local para a sua colocação.

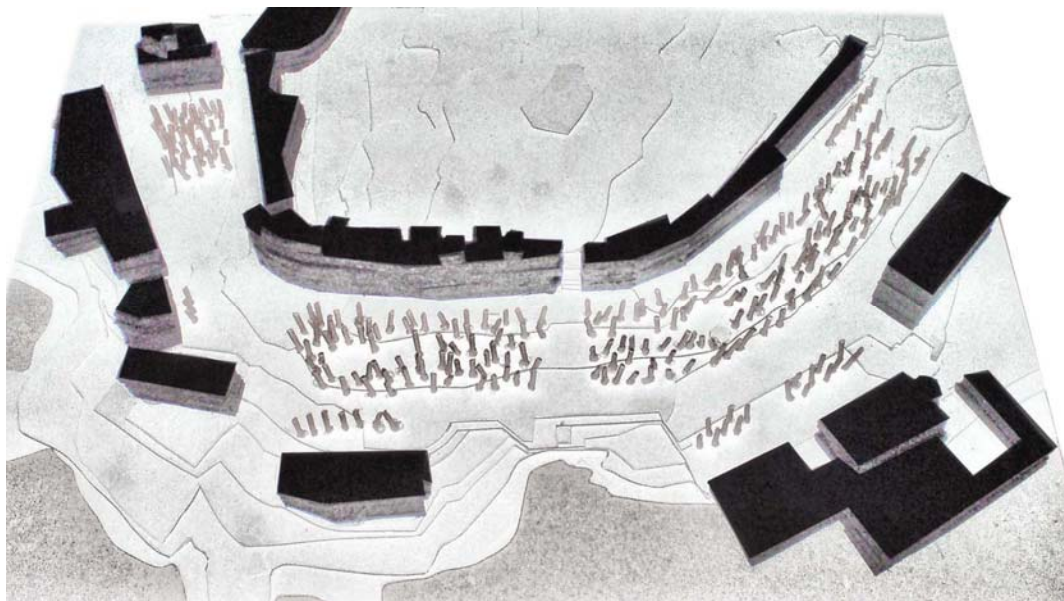


fig. 71 - vista geral da intervenção - foto da maquete

6.1.3 A Praça - Praça do Toural

Como já visto ao longo do trabalho percebe-se que se pretende dar ao Toural um novo ar, um imagem de contemporaneidade e salientar a importância dela além núcleo medieval, bem como tentar realçar o trecho da muralha onde está cifrado o texto “Aqui nasceu Portugal”. Este projecto tem o propósito de estender a praça até mais próximo do elemento marcante anteriormente referido, dando continuidade ao tabuleiro central até encontrar a Alameda e o arranque da avenida D. Afonso Henriques. A topografia do terreno define-se com um declive de norte para sul com uma diferença de aproximadamente três metros entre a cota mais alta e a cota mais baixa.

A grande intervenção e ideia desta proposta é criar corredores pedonais para que a mobilidade pedonal não seja minimamente afectada, e para isso não haverá diferença de cotas entra o passeio e faixa de rodagem. A segurança do transeunte estará salvaguardada pela presença de pinos em inox que serão colocados de um em um metro.

Uma das alterações relevantes na praça do Toural que este projecto contempla é a diminuição do número de faixas de rodagem, essencialmente na zona nascente da praça, mais próxima ao antigo burgo, que vem aumentar a área do passeio lateral e que o torna mais próximo da praça, permitindo desta forma uma melhor ligação pedonal deste centro com o núcleo Património da Humanidade.

No lado norte da nova praça com a supressão dos lugares de estacionamento e também de uma faixa de rodagem permitiu aumentar a largura do passeio e aumentar também o tabuleiro da praça, e uma vez mais uma maior aproximação entre os passeios laterais e a praça.

Na zona poente do Toural procurou-se também aumentar a área pedonal, essencialmente na frente da basílica de S. Pedro, igreja que até ao momento não possuía um lugar de maior relevância e evidência no espaço urbano, bem como uma área de espera onde as pessoas que a ela se dirigem para momentos de culto pudessem estar sem interferir com os restantes transeuntes que circulam.

Embora é preocupação da proposta aumentar o espaço pedonal urbano, não se pode defraudar os serviços existentes e essenciais ao funcionamento da cidade, como tal a praça de táxis continua naquela ala, sendo apenas retirados alguns lugares, que eram excedentários, desde a frente da igreja de S. Pedro até ao início da rua de Camões, para se puder proceder então ao aumento do passeio naquela frente.

Esta basílica ganha maior relevância ainda na imagem do Toural, pois é através dela que se definiu a linha limite da implantação das árvores, que começam na zona poente do tabuleiro até ao início da fachada da igreja. Nesta zona arbórea efectua-se a inclusão dos bancos para descanso, auferindo á praça um lugar de estadia na zona de sombra. A zona arbórea auxilia também na orientação de quem se dirige desde a rua D. João para o antigo burgo, delimitando uma área de passagem definida pela fachada norte do Toural e pelas árvores.

Após a fachada de S. Pedro a plataforma central da praça continua desimpedida de elementos arbóreos e de bancos, encontrando-se apenas, no limite da fachada poente do Toural e início da rua de Camões, a estátua e fonte, que dever ser trasladada do centro do antigo Toural para esta zona. Demarcando desta forma a entrada de umas das portas da cidade antiga, a porta de S. Paio, para que vem da cota mais baixa da rua de Camões.

Desta forma definem-se dois espaços distintos no mesmo tabuleiro, a zona de estadia, arbórea e com banco, e zona para actividades e ampla, onde ganha relevo a estátua.

O desenho do pavimento demarca essa mesma importância como epicentro da praça, da qual derivam para ambos os lados as suas linhas que se expandem, demarcados em xisto negro sobre fundo de calcário branco.



fig. 72 - vista do Toural desde a Alameda , foto da maqueta.

Na zona de árvores o mesmo desenho de epicentro se repete, como se da imagem de um charco se tratasse em dias de chuva e se denotam o local onde se caem as gotas, assim desta forma demarcam o local das árvores que aparentam ter uma organização desordenada, mas que procura sempre criar zonas de sombra para os onze bancos com onze lugares cada de forma circular que permite ao utente sentar-se tanto na geratriz exterior como na interior, possibilitando variadas vista desde o mesmo elemento quando o cidadão se senta e contempla o espaço.

O branco do calcário será por excelência o material usado no pavimento dos passeios, exceptuando no passeio nascente, em que pretende a instalação de lajes de granito amarelo, numa busca pela memória e demarcação no antigo pano da muralha que já não se encontra erigido. Servindo ainda de preparação para entrada no burgo medieval onde o material usado no pavimento é o granito amarelo.

A iluminação da praça será feita por elementos verticais que darão á praça a luz necessária á segurança nocturna e destacando a importância da praça como elemento importante na malha urbana. Na zona de árvores a iluminação será encastrada no solo, criando jogos de luz e sombra nessa zona. No local onde se encontra a torre com a inscrição "Aqui nasceu Portugal a iluminação será direccionada para esse trecho da história com focos colocados no edifício que se encontra no lado oposto da praça.

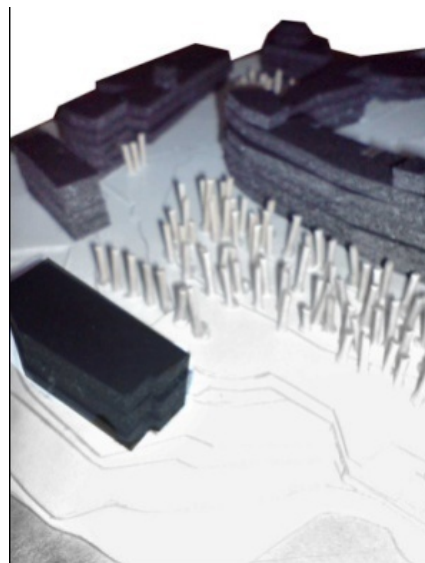


fig. 73 - vista da praça do Toural

6.1.4 A circulação, o bosque e a rua do comércio - Alameda

A ideia principal nesta área é a unificação do corredor verde e do espaço pedonal que nos dias de hoje se encontra fragmentado e constantemente interrompido.

Na Alameda existem três espaços distintos, a rua do comércio que se pretende criar na cota mais alta de excepcional a automóveis, meramente para cargas e descargas, na cota intermédia o bosque, que se procura criar um espaço lúdico e mais calmo, e por fim na cota mais baixa logo a seguir ao bosque a zona de circulação automóvel.



ig. 74 - Início da Alameda desde o Toural - foto de maqueta

6.1.4.1 A rua

Comece-se então por explicar a parte mais próxima núcleo medieval, á cota mais alta, ou seja, a rua do comércio. Esta tem por base fomentar a presença e rejuvenescimento do comércio tradicional, visto ser constante a presença nos pisos térreos dos edifícios comércio abundante em oferta mas não proporcional com a procura, que é menor.

O trânsito automóvel deixa de existir nesta zona, passando a ser um carácter pedonal esta área rua. Ao longo da rua três espaços se diferenciam, sendo o primeiro junto aos edifícios a zona de reservada para esplanadas e expositores dos comerciantes que ali laboram, com uma largura de cinco metros, justaposta a esta zona encontra-se a zona reservada á circulação, á passagem dos cidadãos, por último, já na extremidade da rua com o espaço verde, o *bosque* encontra-se a uma zona mais de estadia, fazendo com que desta forma o mobiliário urbano não perturbe a circulação de quem simplesmente passa.



fig. 75 - Perfil da rua do Comércio (anexo 17)

No pavimento percebe-se a existência destas três zonas, devido à diferença de materiais.

Na zona de exposição e esplanadas o material do piso é em lajes de granito amarelo, tal como acontece com o passeio do Toural junto aos edifícios que ocupam o lugar da antiga muralha, que aqui se prolonga dentro da mesma ideia de sinalizar o percurso que então fazia a muralha.

O corredor de circulação tem como material do piso o calcário branco, e a separar os dois tipos de pavimentos temos lancis de granito cinza, que serve para fazer a separação e delimitar as zonas como também para servir de colector de águas pluviais. É ao longo destes perfis que se encontram as caixas das sarjetas, tanto aqui como no Toural. Estes lancis servem também para servir eixo para a colocação dos candeeiros de iluminação pública para esta zona.

Passando agora para ultima zona constituinte desta rua, o material aplicado será o deck de madeira de pinho, devido às suas capacidades de resistência e durabilidade, sem nunca descorar, como é natural, a qualidade estética do material.



fig. 76 - vista da rua do comércio - Alameda de S. Dâmaso

6.1.4.2 O bosque

Descendo para a cota intermédia, encontra-se a grande área verde da zona de intervenção. Esta é concebida através da unificação das três plataformas que existem nos dias de hoje separadas e interrompidas por vias automóveis.

O que se pretende com esta união é prolongar o jardim e devolve-lo aos cidadãos que actualmente não usufruem de todo espaço, mas apenas do corredor central.

Neste, por já ser um espaço fortemente arborizado optou-se por dar mais ênfase ao conceito de bosque em pleno centro da cidade, e á entrada da cidade antiga, em que as suas praças pouco, ou nenhum, verde contemplam.

Propõe-se enriquecer este espaço com um carácter diferente dos espaços anteriormente descritos. Este quer-se um espaço lúdico, mais sossegado onde se pode conviver em contacto mais directo com o verde da natureza.

Para que as pessoas com mobilidade reduzida consigam circular ao longo de toda a mancha verde e para que seja cómodo estar e andar foi criado um corredor central com um material poroso para que seja o mais “verde” possível.

Como existem neste momento alguns elementos de grande relevância, como sendo as fontes do “Fauno” e d’ “A Rapariguinha” e ainda um coreto de forma octogonal feito de ferro trabalhado, pretende-se que sejam elementos integrantes do novo espaço projectado. O único elemento que não é proposto a sua transladação é a fonte do “Fauno” que se mantém no mesmo local, começando aí o corredor sinuoso que atravessa todo o bosque, e que encontra o coreto e finaliza na fonte de “A Rapariguinha”, no extremo oposto da área verde.

O coreto foi colocado na zona onde a pendente do terreno é mais acentuada, a fim de se poder aproveitar o declive para fazer um anfiteatro natural. O coreto será ainda alvo de reabilitação pois já se encontra num grau de considerável degradação.

Na ligação do corredor central com o largo que se abre em frente ao coreto o material altera-se, deixando de ser o composto poroso de resina, vidro e pedra de cor vermelha, para dentro do perímetro do círculo passar a ser deck de madeira de pinho, fazendo uma distinção entre estas matérias para se perceber que ali se passa algo diferente em relação ao percurso central, e que depois retoma o mesmo material poroso até ao limite opostos.

Pretende-se que este seja um espaço onde o transeunte define o seu caminho, daí retirarem-se os elementos vegetais rasteiros e as sebes a fim de libertar a visibilidade ao longo espaço verde, deixando espaço livre para as pessoas deambularem de livre arbítrio e ainda tornar o espaço mais seguro, pois não possui lugares tenebrosos.



fig. 77 - vista do bosque

Esta é a resposta dada para os novos usos urbanos, o bosque pretende acolher todo o tipo de gerações, contrariamente ao que se verifica actualmente, que se encontra um espaço quase apenas acolhe idosos.

Faz parte da proposta ainda a alteração pontual na topografia a fim de criar elevações no solo relvado com o propósito de criar zonas onde as pessoas se podem deitar e sentar de forma mais confortável e ainda quebrar a possível monotonia que a topografia de pendente constante poderia causar.

Dota-se o espaço de bastante mais lugares sentados, cerca de quatrocentos lugares, distribuídos ao longo do tapete vermelho que atravessa o manto verde. Pretende-se uma maior afluência por parte da população residente e visitante.

Em termos de iluminação neste bosque procura-se dotar o espaço de uma maior teatralidade com contrastes dos elementos vegetais, com a colocação de iluminação encastrada no solo junto deles. Com este tipo de iluminação que se prevê a funcionar num plano sensivelmente horizontal, reforçará a modelação da topografia. No tapete vermelho que se estende longitudinalmente pelo bosque a iluminação segue o percurso, sendo encastrada no pavimento, ajudando a delinear o percurso.

É de referir que na proposta para a Alameda há ainda uma intenção de ligação da zona de Couros com o velho burgo, daí que na proposta se apresente um corte que rasga transversalmente o bosque desde o encontro deste com a via automóvel, cota mais baixa, mais próxima da ligação a Couros, até encontrar as entrada que dá acesso o antigo núcleo urbano, já na fachada norte da alameda, atravessando a rua do comércio.

Esta ligação que se abre desde a porta da torre Velha vence o desnível através de dois lanços de escadas enquanto rompe o bosque e outros dois que surgem depois das fachadas dos edifícios confinantes, que resultou da demolição de dois quiosques que impediam que a escadaria ganhasse a monumentalidade necessária para se evidenciar na malha urbana.

O material aplicado no pavimento são lajes de granito amarelo, fazendo como que a ligação do alto burgo com a zona intermédia e central da cidade.

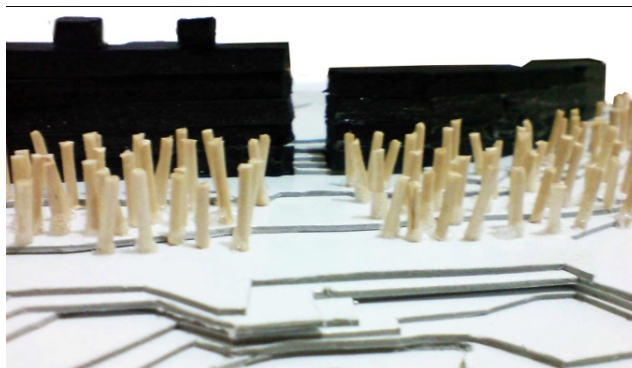


fig. 78 - Imagem da maquete que representa a escadaria monumental de que marca a entrada pela torre velha

As escadas existentes obedecem ao especificado pelo decreto-lei 163/2006, que segundo este na Secção 2.4, define as larguras mínimas e dimensões de conforto e segurança. No ponto 2.4.1 define a "*largura dos lanços, patins e patamares das escadas não deve ser inferior a 1,2 m.*" No ponto seguinte, 2.4.2, que se divide em duas alíneas, define na primeira

alínea que as escadas devem possuir "*Patamares superiores e inferiores com uma profundidade, medida no sentido do movimento, não inferior a 1,2 m;*" e na seguinte que os "*Patins intermédios com uma profundidade, medida no sentido do movimento, não inferior a 0,7 m, se os desníveis a vencer, medidos na vertical entre o pavimento imediatamente anterior ao primeiro degrau e o cobertor do degrau superior, forem superiores a 2,4 m.*"

6.1.4.3 Trânsito automóvel

No término do bosque em direcção à cota mais baixa encontra-se a rede viária com estacionamento e uma faixa de rodagem para cada sentido.

A circulação automóvel faz-se então unicamente na zona sul da alameda, para onde foi transportada a paragem de autocarros na zona nascente deste espaço. Quando comparado ao existente percebe-se que optou-se por libertar a zona central do espaço de estudo da azáfama e congestionamento dos transportes públicos para a zona mais periférica e limite da alameda, para o seu lado nascente. Local onde já se encontrava um praça de táxis próximo zona seleccionada para mudança da paragem de autocarros, que se prevê que seja mantida criando assim uma zona com características de intermodal dos transportes públicos da cidade, embora a uma escala bastante menor.

Em termos de materiais o as faixas de rodagem têm o pavimento composto por cubos de granito cinza para que haja uma maior infiltração das águas do solo e para que o trânsito circule de forma mais lenta.

As faixas de rodagem encontram-se ao mesmo nível dos passeios que as ladeiam tornando assim mais fácil o atravessamento da via.

6.1.5 O Terreiro - Terreiro de S. Francisco

Localizada no lado sul da Alameda numa cota inferior onde o convento de S. Francisco se encontra escondido pelo desnível, e não deixa evidenciar o edifício como representação arquitectónica máxima do barroco em Guimarães.

O projecto busca a notabilização desta frente urbana composta pelo antigo convento franciscano, a capela e edifício da Ordem Terceira de S. Francisco. Desta forma opta-se por nivelar o terreno e criar uma zona pedonal e colocação de bancos para estadia e recreio.

Para a abertura deste terreiro deve-se construir um muro de contenção de terras com uma altura de dois metros, e contíguo a este encontra-se um espaço relvado onde se plantam árvores de pequeno porte. Ainda nesta zona se encontra o espelho de água criado para a colocação do cruzeiro de S. Francisco que se encontrava no passeio adjacente à via automóvel que percorria a frente do convento e que é trasladado para o centro do espelho de água.



fig. 79 - vista parcial do Terreiro

Os materiais usados no pavimento são lajes de granito cinza e granito amarelo.

Na extremidade poente é proposta uma escadaria que vence o desnível mais acentuado em dois lanços de escadas, enquanto na zona oposta, na zona nascente, o declive vence-se com o passeio que acompanha o declive mais ténue.

As escadas existentes obedecem ao especificado pelo decreto-lei 163/2006, que segundo este na Secção 2.4, define as larguras mínimas e dimensões de conforto e segurança. No ponto 2.4.1 define a "*largura dos lanços, patins e patamares das escadas não deve ser inferior a 1,2 m.*" No ponto seguinte, 2.4.2, que se divide em duas alíneas, define na primeira alínea que as escadas devem possuir "*Patamares superiores e inferiores com uma profundidade, medida no sentido do movimento, não inferior a 1,2 m;*" e na seguinte que os "*Patins intermédios com uma profundidade, medida no sentido do movimento, não inferior a 0,7 m, se os desníveis a vencer, medidos na vertical entre o pavimento imediatamente anterior ao primeiro degrau e o cobertor do degrau superior, forem superiores a 2,4 m.*"



fig. 80 - planta síntese da proposta (anexo 05)

6.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projecto ambiciona devolver à cidade uma parte significativa do centro da cidade de Guimarães.

Procura-se a transformação de toda esta zona num espaço essencialmente pedonal, contemplando também a vertente lúdica, festiva e de lazer.

Procura-se também com o novo desenho deste conjunto de espaços urbanos facilitar a apropriação dos cidadãos de uma praça tida como central e de valor identitário da cidade, que pretende agora passar a conferir-lhe a apropriação de novos usos e vivências.

A intenção de ultrapassar a ausência de articulação pedonal e ligação entre a cidade intramuros e zona de Couros, a par da prioritária racionalização da articulação viária e do sistema de transportes públicos constituem os aspectos de grande relevo na elaboração do projecto.

Primordial foi também o repensar do espaço urbano em frente ao convento de S. Francisco, na procura de lhe conferir maior dignidade e importância ao monumento.

Neste projecto há a intenção de aumentar a qualidade ambiental e formal do espaço urbano, diminuindo a presença, massiva, do automóvel em benefício da circulação pedonal, harmonizando a vivência do espaço com o redesenho do sistema viário dos automóveis e autocarros, enobrecendo o espaço físico pedonal, tornando-o mais atractivo e confortável para o cidadão que deambula pelo espaço.

Com base nesta procura de dignificação do espaço pedonal privilegia-se a recuperação de arruamentos (infra-estruturas e pavimentos) distinguindo a circulação dos peões e criação de corredores pedonais.

Pretende-se devolver a cidade ao cidadão, levando-o a ir viver novamente a cidade, e possibilitando-lhe zonas de variados índoles, numa busca do possível retorno das pessoas para o centro da cidade. Retorno este que deve deixar de ser meramente de efémero, e passar a ser de fixação, reabilitando o património não edificado vão-se criando condições à possível e previsível reabilitação do edificado.

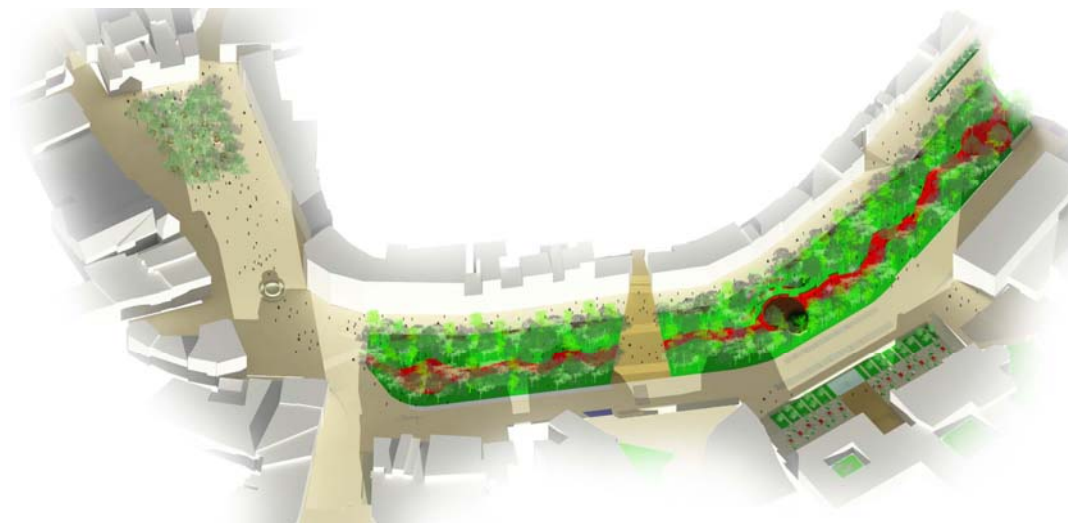


fig. 81 - vista aérea da proposta

CAPITULO VII

CONCLUSÃO

O espaço urbano é um conjunto composto por elementos que auxiliam não só o urbanista no desenho urbano a encontrar soluções para determinados problemas existentes no meio urbano, como também ao próprio cidadão que vive e circula na cidade a perceber-la e a vivencia-la.

Como tal a cidade não surge de um dia para o outro, salvo raras excepções, é antes processo mais ou menos moroso de crescimento conforme a sua importância a nível regional, nacional, continental ou até mundial.

Como se pode perceber a cidade de Guimarães foi desde os primórdios da sua existência uma cidade com importância nacional, acarretando consigo o símbolo máximo do patriotismo nacional, o berço da nacionalidade. A par das restantes cidades de mesmo carácter nacional a evolução desta cidade foi acompanhando o ritmo de progresso á luz da época em que contextualizava.

Porém a cidade foi desde a Idade Média uma urbe notável e próspera, com uma variada e vigorosa economia, que continua até aos dias de hoje, destacando a curtição das peles, a cutelaria, a têxtil, a metalúrgica e a agricultura. Apesar de ser das cidades mais laboriosas, não deixa de ser das mais ricas do ponto de vista patrimonial e cultural.

Guimarães soube acompanhar os tempos da evolução e hoje depara-se com uma cidade que é das melhores do país em termos de qualidade de vida para os seus habitantes, quer em termos culturais, sociais e económicos, quer na reabilitação do património, que faz ecoar o nome da cidade além fronteiras como marco da reabilitação e rejuvenescimento do seu passado arquitectónico, sendo o seu burgo medieval património da Humanidade. Reconhecimento que possibilitou à cidade gozar de um caris turístico que elevou Guimarães a ponto indispensável de passagem e descoberta por parte de estrangeiros e portugueses.

No espaço adjacente á muralha na zona sul do velho burgo, destacam-se como espaços de grande importância o Toural e Alameda.

Ambos os espaços, albergaram durante alguns séculos o título de espaço de comércio, onde se vendia o que se produzia na cidade. Elevando aqueles espaços como espaços de grande importância para a cidade.

Após várias alterações sofridas ao longo do tempo, percebe-se que o Toural e Alameda desfrutam de um lugar de destaque na malha urbana, embora com características bem diferentes.

O Toural e a Alameda gozam de um elevado destaque na malha urbana, sendo por excelência o centro da cidade. São espaços públicos por excelência, lugar de encontro e

estadia e local da realização de imensas actividades cívicas, funcionando como sala de visitas da cidade e antecâmara de entrada para o núcleo medieval.

Este trecho composto pela área de estudo serve de ligação com o resto da cidade, pois daqui convergem as ruas que se distribuem em todas as direcções, acentuando-lhe o carácter de centralidade. Centralidade que esta bem patente pela quantidade de comércio e serviços instalados nos pisos térreos dos edifícios contíguos à praça e à alameda.

A praça e a alameda conseguem albergar no seu confinamento um conjunto de dimensões presentes, derivadas do seu rico património, como sendo a dimensão militar, a muralha que remonta do época medieval e fora construída única e exclusivamente para fins militares, a arquitectura religiosa, igrejas de S. Pedro e S. Francisco e a arquitectura civil. Quanto a ao espaço público é de salientar o próprio espaço com o seu tratamento cuidado, nos pavimentos e jardins, e os elementos singulares como as estátuas, o coreto e o cruzeiro de S. Francisco.

Contudo, a área de estudo apresenta alguns problemas ao nível de estado dos materiais e colocação de algum mobiliário urbano.

Porém o que mais se evidencia é a preocupação do fluxo do trânsito automóvel em detrimento do fluxo pedonal. Desta forma não privilegiando a fixação da população nestes espaços, e como consequência o comércio tradicional começa a compadecer e a dar um aspecto de abandono á cidade.

O presente projecto ambiciona devolver à cidade uma parte significativa do centro da cidade de Guimarães. Procura-se a transformação de toda esta zona num espaço essencialmente pedonal, contemplando também a vertente lúdica, festiva e de lazer.

Procura-se também com o novo desenho deste conjunto de espaços urbanos facilitar a apropriação dos cidadãos de uma praça tida como central e de valor identitário da cidade, que pretende agora passar a conferir-lhe a apropriação de novos usos e vivências.

A intenção de ultrapassar a ausência de articulação pedonal e ligação entre a cidade intramuros e zona de Couros, a par da prioritária racionalização da articulação viária e do sistema de transportes públicos constituem os aspectos de grande relevo na elaboração do projecto.

Primordial foi também o repensar do espaço urbano em frente ao convento de S. Francisco, na procura de lhe conferir maior dignidade e importância ao monumento.

Neste projecto há a intenção de aumentar a qualidade ambiental e formal do espaço urbano, diminuindo a presença, massiva, do automóvel em benefício da circulação pedonal, harmonizando a vivência do espaço com o redesenho do sistema viário dos automóveis e autocarros, enobrecendo o espaço físico pedonal, tornando-o mais atractivo e confortável para o cidadão que deambula pelo espaço.

Com base nesta procura de dignificação do espaço pedonal privilegia-se a recuperação de arruamentos (infra-estruturas e pavimentos) distinguindo a circulação dos peões e criação de corredores pedonais.

Pretende-se devolver a cidade ao cidadão, levando-o a ir viver novamente a cidade, e possibilitando-lhe zonas de variados índoles, numa busca do possível retorno das pessoas para o centro da cidade. Retorno este que deve deixar de ser meramente efémero, e passar a ser de fixação, reabilitando o património não edificado vão-se criando condições à possível e previsível reabilitação do edificado.

Esta proposta de desenho urbano consegue melhorar a mobilidade e acessibilidade pedonal com o nivelamento dos passeios à cota da via, de forma a criar um corredor pedonal ao longo de toda a área de intervenção e ainda com o aumento da largura dos passeios e remoção de vias de trânsito automóvel, aumentado exponencialmente a área pedonal.

Ainda no redesenho do perfil dos arruamentos o peão ganha mais segurança pois o trânsito é mais controlado e as ruas passam a ter faixas de rodagem com apenas um sentido para cada lado, salvo a excepção da rua do Toural poente e início da alameda.

Com a eliminação de uma faixa de rodagem no Toural nascente e norte termina-se com o caótico estacionamento em segunda fila que ocupava então a faixa de rodagem mais próxima do passeio. Libertando consequentemente essa área que se encontrava ocupada pela faixa de rodagem para espaço de circulação de pedonal.

Houve também uma grande preocupação com o circuito executado pelos transportes públicos urbanos, reposicionando o cais de chegada e partida na ponta da Alameda com a ligação directa á rotunda que se encontra adjacente à Alameda de S. Dâmaso. Aliás, mantendo a praça de táxis já existente cria-se neste local um ponto de convergência e centralidade dos transportes de carácter publico.

A proposta vai ainda mais longe numa procura de enobrecimento dos elementos arquitectónicos históricos, como acontece com a abertura do terreiro junto à igreja de S. Francisco.

Para além das premissas impostas, o projecto não descora o carácter ambiental, bem patente na Alameda de S. Dâmaso, com a presença de uma malha arbórea densa que não só fornece sombra e conforto a que deambula pelo espaço, como também ajuda na renovação do ar e ainda como barreira de sonora.

A proposta tem ainda preocupações económico-sociais pois apresenta uma solução que poderá ser catalisadora do comércio tradicional, com a criação da rua do comércio proposta para a alameda, e que pode ser estendida até a rua de Santo António.

Este projecto de desenho urbano apresenta-se somente como proposta do que se poderá fazer naquela zona da cidade, sem considerar os custos e tempo da execução.

Optou-se na proposta a não projecção de uma ciclovia, embora pensada foi posta de parte a ideia, devido ao facto de momento a cidade não se encontrar preparada com infra-estruturas adequadas ao longo dela para se poder realizar um circuito contínuo, como tal não se iria projectar um pequeno troço, no trecho que se trabalhou, contudo preparou-se em

projecto o espaço necessário para a sua inclusão no arruamento pedonal na parte norte da alameda.

Poderá ainda ser alvo de estudo a projecção de um parque de estacionamento público que complementaria a proposta, num dos quarteirões adjacentes ao Toural, servindo-se os logradouros dos quarteirões que na maioria se encontra em mau estado

Desta forma tratava-se das traseiras dos edificios e compensava-se a falta de estacionamento, podendo desta forma cativar e catalisar o comércio tradicional e o usufruto da cidade.

Para concluir o estudo apresentado, deve-se pensar na mensagem de Guiducci "... construir sim, mas um mundo claro e humano, "ser bons construtores". Construir com todos os instrumentos oferecidos pelo progresso da técnica e da indústria, porém lembrando que o homem necessita de "ar", de "sol", de "verde", e de um espaço para seus movimentos."⁵⁵

⁵⁵ R. GUIDUCCI, A cidade dos cidadãos. São Paulo: Brasiliense, 1975 apud Carlos Roberto Loboda, Bruno Luiz Domingos De Angelis, Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções, *Âmbiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais* V. 1 No 1 Jan/Jun. 2005, p. 131

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Bibliografia Fundamental

- A.A. V.V., Curso de Rehabilitacion, Madrid, COAG, 1985
- A.A. V.V., Arquitectura e Engenharia Civil: Qualificação para a Reabilitação e a Conservação. Lisboa, GECORPA, 2000
- A.A. V.V., Master de Restauracion y Rahabilitacion del Patrimonio, Madrid, Editorial Munill-Lería, 1977.
- AMENDOEIRA, Ana Paula, Monsaraz: Análise do processo de conservação e transformação urbana no século XX, (dissert. De Mestrado), Évora, Universidade de Évora, 1998.
- A. R. CABRITA, C. ALHO, Reabilitação de edifícios de habitação - Critérios para a definição de níveis de qualidade, LNEC, 1987 (ITE 18)
- APPLETON, João, Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e tecnologias de intervenção, Editor Orion, 2003
- AZEVEDO, Padre Torcato Peixoto de, Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães, cap.89, manuscrito de 1692,
- BRANDI, C., Teoria del Restauro, Roma: Einaudi, 1977
- BENEVOLO, Leonardo, História da Cidade, São Paulo, Perspectiva, 2003
- BRAGA, Alberto Vieira, Administração seiscentista do município vimaranense. 2ª Edição, Guimarães, 1992
Câmara Municipal.
- BROTO, Carles, Rehabilitación: Nuevos Conceptos, EPUL - Edições e Publicações, 2004
- CANTACUZINO, Sherban, Nuevos Usos Para Edifícios Antigos, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, 1979
- CARNEIRO, Alice Maria Pinto de Azevedo, O Património reencontrado - Centro histórico de Guimarães, Património da Humanidade: A Cidade enquanto memória, espaço e identidade cidadina, (dissert. de Mestrado), Braga, Universidade do Minho, 2004
- CARVALHO, A. L., Antigamente... Guimarães, 1949
- CÓIAS, V., Inspeção e ensaios na reabilitação de edifícios, IST Press, 2006
- CULLEN, Gordon, *Paisagem Urbana*, Edições 70, 2008
- DEL RIO, Vicente, Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planeamento, São Paulo, Editora Pini, 1990
- FARINHA, Brazão et al. , Reabilitação e Manutenção de Edifícios, Verlag Dashofer, 2006

FERNANDES, Mário Gonçalves, Urbanismo e morfologia urbana no norte de Portugal. Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926. Porto, FAUP publicações, 2005.

FERNANDES, Mário Gonçalves, Guimarães, exemplo e referência do urbanismo contemporâneo português. GEDES e Departamento de Geografia da FLUP

HENRIQUES, Fernando M. A., A Conservação do Património Histórico Edificado, Lisboa, LNEC, 1991

KRIER, Rob, Urban Space, Rissoli International Publications, 1979

LAMAS, José, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993

LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*, Arquitectura e Urbanismo, Edições 70, 2008

MATTOSO, José, *História de Portugal*, Lisboa, Editorial Estampa, 1993

MATTOSO, José, Guimarães, A Origem de Portugal, in Guimarães, Cidade Património, Mundial, Um Objectivo Estratégico, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães. 1998

MARQUES, A. H. de Oliveira, Atlas das Cidades Medievais Portuguesas, Lisboa, 1990

PAIVA, J. Vasconcelos et al., Patologia da Construção, in " 1º Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios de Habitação", Lisboa, LNEC, 1985

PASSOS, José Manuel da Silva, *Guimarães - Património da Humanidade*, Livros Horizonte

PEREIRA, P., Intervenções no Património, 1995-2000, Nova Política, Lisboa, MC/IPPAR, 1997

PRINZ, Dieter, *Urbanismo I - Projecto Urbano*, Editorial Presença, 1984

PRINZ, Dieter, *Urbanismo II - Configuração Urbana*, Editorial Presença

QUEIROS, Francisco / PORTELA, Ana Margarida, Conservação Urbana e Territorial Integrada - Reflexões sobre salvaguarda, reabilitação e gestão de centros históricos em Portugal, Livros Horizonte, 2009

RAPOSO, I. & AGUIAR, J., Guia de Reabilitação e Construção: Cidade de Loulé, Câmara Municipal de Loulé FA Universidade Técnica de Lisboa, 2007

ROSSI, Aldo, A Arquitetura da Cidade, Lisboa, Cosmos, 1997

SALGUEIRO, Teresa Barata, A Cidade em Portugal - Uma Geografia Urbana, Porto, Ed. Afrontamento, 1992

TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa, BELEM, Margarida da Cunha, Diálogos de Edificação Técnicas Tradicionais de Construção, Centro Regional de Artes Tradicionais, Porto, 1998

TEIXEIRA, Manuel C. / VALLA, Margarida, O urbanismo português. Séculos XIII-XVIII, Portugal - Brasil. Lisboa, Livros Horizonte, 1999

VARIOS, Guimarães do passado e do presente, Edição da Câmara Municipal de Guimarães, 1985

UNIVERSIDAD POPLITÉCNICA DE MADRID, Tratado de Rehabilitation. Madrid: ed. Munilla-Léria, 1988.

Bibliografia Secundária

- S.A., *O Jardim - Fundação Calouste Gulbenkian*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006
- BRANDÃO, Pedro, *O chão da cidade*, Centro Português de Design, 2008
- FERRÃO, arq. Bernardo, *O conceito de Património Arquitectónico e urbano na cultura ambiental vimaranense*, Porto, 1997
- FREITAS, V. P./ ABRANTES, V., *Estudo do comportamento e análise técnico-económica das soluções utilizadas nas obras de conservação e reparação de 32 empreendimentos do IGAPHE - Delegação Norte*, 1998
- HALL, Peter, *Cidades do Amanhã*, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1995
- HOWARD, Ebenezer, *Cidades-Jardins de Amanhã*, São Paulo, HUCITEC, 1996
- KATZ, Peter, *The New Urbanism*, New York, McGrawHill, 1994
- LLARDENT, L. R. A., *Zonas verdes y espacios libres en la ciudad*. Madrid, Closas Orcoven, 1982.
- MAUSBACH, Hans, *Urbanismo Contemporâneo*, Lisboa, Presença, 1977
- PANERAI, Philippe, *Formes urbaines: de l'ilôt à la barre*. Marseille, Parenthèses, 2001
- VIEGAS, João Carlos, *Ventilação Natural de Edifícios de Habitação*, LNEC, 1995

Artigos da internet:

FILHO, **Raphael David dos Santos** (2004), "Espaço urbano contemporâneo: as recentes transformações no espaço público e suas conseqüentes implicações para uma crítica aos conceitos tradicionais do urbano", em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp269.asp> (acedido: 10-10-2009)

NOVICK, Alicia (2004), "*Espaços públicos e projectos urbanos. Oposições, hegemonias e questões*", em http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq054/arq054_01.asp (acedido: 10-10-2009)

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira (2007), "*Espaços públicos ou espaços para o público?*", em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp448.asp> (acedido: 10-10-2009)

GUIMARÃES, Cristiana Maria de Oliveira (2007), "*Espaços públicos ou espaços para o público?*", em <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp448.asp> (acedido: 10-10-2009)

Artigos de jornais e revistas:

BRAGA, Alberto Vieira, "Curiosidades de Guimarães. XVIII Ruas. Casas. Muralhas. Torres. Obras. Décimas Camarárias. Direitos Paroquiais.", *Revista de Guimarães*, 69 (1-2) Jan.-Jun. 1959, p. 161-302. (1959)

BRAGA, Alberto Vieira, "Curiosidades de Guimarães. VI Feiras e Mercados", *Revista de Guimarães*, 49 (3-4) Jul.-Dez. 1939, p. 136-177. (1939)

FERNANDES, Joaquim A. 'Estrada no jardim da Alameda'. O Comércio de Guimarães, 1 Julho 2009, Semanal Regionalista de Guimarães, ano 126 - edição número 8530, p. 12

FERREIRA, Teresa 'Toural renovado e unido á Alameda'. Notícias de Guimarães, 24 Julho 2009, Semanal Regionalista de Guimarães, ano 77º - edição número 4048, p. 03

FREITAS, Fernando da Costa (1921), "*Á Trinta anos - o Toural*", em Revista de Guimarães, números 1 e 2 - Janeiro e Abril

LOBADA, Carlos Roberto, DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos, Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções, *Ambiência - Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais* V. 1 No 1 Jan/Jun. 2005, p. 125-139

NEVES, António Amaro das 'O Claustro de S. Domingos'. O Povo de Guimarães, 9 Junho 2006, Semanal Regionalista de Guimarães

OLIVEIRA, Manuel Alves de "Guimarães numa resenha urbanística do século XIX", *Revista de Guimarães* Vol. XXXVII, 1986, p. 119-147 (1986)

RIBEIRO, António Amaro das 'Arquitecto Marques da Silva - Actuação em Guimarães - Palácio da Sociedade Martins Sarmento'. O Povo de Guimarães, 14 Julho 2006, Semanal Regionalista de Guimarães

SILVA, Jerónimo S. G. 'Querem destruir o nosso Toural'. O Comércio de Guimarães, 26 Março 2008, Semanal Regionalista de Guimarães, ano 126 - edição número 8466, p. 12

TEIXEIRA, Fernando José 'O Toural do Futuro'. O Conquistador, 25 Janeiro 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'Antigamente... O Toural'. O Conquistador, 8 Fevereiro 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'II - O Toural e a sua Muralha'. O Conquistador, 07 Março 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'III - As Alpendradas do Toural'. O Conquistador, 20 Março 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'IV - O fim da muralha do Toural'. O Conquistador, 27 Junho 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'V - A Basílica de S. Pedro'. O Conquistador, 24 Abril 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'VI - O "Cruzeiro do fiado", no Toural'. O Conquistador, 16 Maio 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'VII - O Chafariz do Toural'. O Conquistador, 30 Maio 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'VIII - Um cemitério no Toural'. O Conquistador, 11 Julho 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'X - A demolição da muralha do Toural'. O Conquistador, 12 Setembro 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'XI - O Toural e a Higiene'. O Conquistador, 26 Setembro 2008, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'Histórias à Volta do Toural - Apresentação'. O Conquistador, 27 Março 2009, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'A Revolução do Toural (2º Episódio)'. O Conquistador, 10 Julho 2009, Quinzenário Regionalista de Guimarães

TEIXEIRA, Fernando José 'Toural - Requiem por uma bela e antiga Praça'. O Conquistador, 26 Novembro 2010, Quinzenário Regionalista de Guimarães

Legislação:

DECRETO-LEI n° 114/92

DECRETO-LEI n° 163/2006

Portaria 216-B/ 2008

Sites consultados:

<http://aquinasceuportugal.blogs.sapo.pt/5483.html> (acedido em: 12-11-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2007/10/o-toural-6.html> (acedido em: 24-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/search/label/Muralha> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2005/09/o-chafariz-do-toural.html> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2007/12/do-toural-2-das-fontes-e-dos-monumentos.html> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2008/12/morte-anunciada-dos-projectos-para.html> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/search/label/Toural> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2007/12/sobre-o-projecto-para-o-toural-ii.html> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2007/12/do-toural-1-as-rvores.html> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2007/12/memrias-do-toural.html> (acedido em: 22-02-2009)

<http://araduca.blogspot.com/2006/04/o-claustro-de-s-domingos.html> (acedido em: 04-05-2009)

<http://avenidacentral.blogspot.com/2007/12/guimares-por-um-canudo-verso-reflexiva.html> (acedido em: 12-11-2009)

<http://cidades.home.sapo.pt/minho/guimaraes/> (acedido em: 14-07-2009)

<http://pedraformosa.blogspot.com/2007/12/propsito-do-debate-sobe-o-toural.html> (acedido em: 14-07-2009)

<http://terrasdeportugal.wikidot.com/printer--friendly//guimaraes> (acedido em: 12-11-2009)

<http://www.arquitectura.pt/forum/f98/mercados-5430.html> (acedido em: 11-08-2009)

<http://www.cidadeberco.com/cidade/> (acedido em: 14-07-2009)

http://www.cm-guimaraes.pt/PageGen.aspx?WMCM_Paginald=3160 (acedido em: 14-07-2009)

http://www.cm-guimaraes.pt/PageGen.aspx?WMCM_Paginald=8361 (acedido em: 14-07-2009)

http://www.csarmento.uminho.pt/neph1_22_det.asp?autorID=264 (acedido em: 14-07-2009)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=72909 (acedido em: 21-03-2009)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=75003 (acedido em: 21-03-2009)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=70562 (acedido em: 21-03-2009)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=74957 (acedido em: 21-03-2009)

http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=74961 (acedido em: 21-03-2009)

<http://www.oconquistador.com/noticia.asp?idEdicao=123&id=2824&idSeccao=704&Action=noticia> (acedido em: 23-11-2008)

<http://www.regiao-sul.pt/noticia.php?refnoticia=80383> (acedido em: 11-08-2009)

http://2zai.blogspot.com/2007_10_01_archive.html (acedido em: 12-11-2009)

Arquivos:

Câmara Municipal de Guimarães:

1. Documentos em autocad
 - Plantas da cidade (ficheiros: 08512312; 08512322; 08512411; 08512412; 08512421; 08512422)
2. Imagens
 - Fotografias do Toural e Alameda de S. Dâmaso
 - Mapas de ruídos
3. Plantas de Guimarães
4. Plano Director Municipal de Guimarães